



Joana Filipa Pereira Sampaio

**O SECTOR JUVENIL E AS DROGAS NO ESPAÇO DA RECREAÇÃO NOCTURNA:
UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DE CARIZ ETNOGRÁFICO.**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
2011

Universidade do Porto

Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**O SECTOR JUVENIL E AS DROGAS NO ESPAÇO DA RECREAÇÃO
NOCTURNA: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO DE CARIZ ETNOGRÁFICO**

Joana Filipa Pereira Sampaio

Outubro 2011

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da
Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor Luís
Fernandes (F.P.C.E.U.P.).

Agradecimentos

Ao Professor Doutor Luís Fernandes, referência incontornável do meu percurso académico. Pelas vezes em que me senti “pequenina” ao seu lado, porque foram certamente as que mais me fizeram crescer, por travar os meus discursos intermináveis e me fazer pensar!

A todos os jovens que, directa ou indirectamente, contribuíram para a realização desta investigação. Em especial ao B.L, pelas conversas, pelas dicas, por todas as vezes em que enviavas a mensagem “Joana, hoje à noite há saída... *bótaaa* :)” e permitias mais uns pequenos avanços neste percurso.

Aos meus Pais, pelo amor incondicional, pelos pequenos gestos, pelos abraços de conforto, pelo orgulho que todos os dias demonstram sentir por mim e que é fonte de motivação, por me terem apoiado, sempre e sem reservas, na escolha do meu caminho e no alcance dos meus sonhos.

À minha avó Maria... Os teus olhos podem não saber “ler palavras”, mas que saibam sempre ler o amor que sinto por ti!

Ao Hugo, por seres, não o irmão que nunca tive, mas o irmão que a vida me deu! Companheiro e amigo desde a infância a esta “adulter emergente”, co-autor desta amizade indescritível, de momentos inesquecíveis e de vivências inigualáveis! PS. – Não, não te vou sustentar!

Ao Luís e ao Tiago... Peças fundamentais neste puzzle que é a aventura do mundo académico... Foram também as maiores certezas, foram apoio, foram surpresa, foram semblante do que é ser verdadeiramente amigo! Companheiros neste percurso desde a primeira semana nesta faculdade... Companheiros e Amigos para toda a vida!

À Marília, fonte de surpresa e amizade! Juntas fizemos a viagem das nossas vidas, juntas rimos e choramos, soltamos palavras sentidas! Pelas longas maratonas de trabalho para a tese, mas sobretudo pelo caminho que trilhamos e que, indubitavelmente, nos levará além das paredes desta faculdade!

Resumo

Neste estudo, uma abordagem proximal e um método cujas raízes radicam na etnografia forneceram o ponto de partida para a descrição de dinâmicas e práticas juvenis e dos contornos da relação entre culturas juvenis e usos de drogas. Procurou-se, por conseguinte, estabelecer uma caracterização de aspectos mais específicos às culturas e identidades juvenis e a sua relação íntima com a esfera do lazer nocturno na cidade. A Baixa do Porto constituiu-se contexto de realização da pesquisa de terreno, tendo-se constatado empiricamente a função de concentrador juvenil nocturno. Assim, procuramos descortinar o porquê da afluência a este local, quais as tarefas da sensibilidade juvenil que se vêem aqui gratificadas, bem como o modo como as drogas são, neste espaço, faladas e sentidas, em articulação com a atractividade que o espaço representa para os jovens que nele reflectem o palco das suas saídas nocturnas. Tendo em conta a problemática da relação entre sector juvenil e drogas e um discurso dominante que, não raras as vezes, negligencia a voz do actor juvenil, era nossa intenção descortinar alguns dos contornos que o fenómeno evidencia actualmente em contexto recreativo nocturno. A aproximação naturalista serviu de mote para se aceder à voz dos actores sociais, materializando-se num estudo exploratório de cariz etnográfico. Deste modo, elaboramos um diário de campo onde relatávamos as nossas incursões ao terreno, tendo-se ainda realizado entrevistas semi-estruturadas a jovens frequentadores da Baixa para recreação nocturna.

Da nossa investigação ressaltamos o facto dos jovens se apropriarem simbolicamente da unidade espaço-tempo que é a noite, vendo no concentrador juvenil nocturno, local atractivo, gratificados vários aspectos da sua sensibilidade. Com efeito, ao actor juvenil importa o convívio, o contacto com o outro, materializado num sentimento de pertença a um grupo, a diversão, a música, a festa. O consumo de drogas surge, no nosso estudo, não como prática desviante experimentada, mas como uma dimensão fortemente associada à esfera do lazer, marcando os espaços, constituindo-se experiência de partilha com outros e integrando-se em redes de intercâmbio simbólico.

Palavras-chave: Culturas Juvenis, lazer, noite, concentrador juvenil, drogas, etnografia.

Abstract

In this study, a proximal approach and a method rooted in the ethnography provided the starting point for the description of the dynamics and practices of youth, as well as the the relationship between youth culture and the use of drugs. Therefore, the goal was to distinguish the more specific issues related to youth cultures and identities, outlining their close relationship with the sphere of overnight leisure. Oporto's Downtown was planned to be the ground research context, whose role as a youth night hub has been confirmed empirically. Thus, we seek to uncover the reason for the affluence to this part of the town, staking out the elements which are sensitive to the young population and the way the drugs are spoken and felt here, remarking the attractiveness from the place of their hangouts. Bearing in mind the relationship between youth and drugs and the prevailing discourse that neglects the voice of the youngsters, we intend to unveil some of the characteristics that this phenomenon demonstrates in recreational nightlife. The naturalistic approach served as the pretext to access the opinion of social actors, materializing an exploratory study of ethnographic nature. This way, we designed a field journal where we reported our incursions to ground research; moreover, were also performed semi-structured interviews to young people who attend Oporto's Downtown during their hangouts.

From our investigation we highlighted the fact that the young people take symbolic possession of the concept of night, seeing their youth night hubs as an attractive place where several aspects of their sensibility are enshrined. In fact, the youngsters worship their social life, the contact with the others, the attractive feeling of belonging to a group, the fun, the music and the festive atmosphere. The use of drugs appears in our study not as a deviant experience, but as a whole dimension strongly connected to recreation, influencing the contexts and becoming an experience of share, integrating networks of symbolic exchange.

Keywords: Youth Cultures, recreation, nightlife, youth hubs, drugs, ethnography.

Résumé

Dans cette étude, l'approche proximale et une méthode enracinée dans l'ethnographie ont servi de point de départ pour la description de la dynamique et des pratiques des jeunes, ainsi que la relation entre leur culture et l'usage de drogues. Donc, l'objectif était de distinguer les questions plus spécifiques liées à la culture et identité des jeunes, décrivant leur relation étroite avec la sphère des loisirs pendant la nuit. Le centre-ville de Porto a été le contexte de la recherche sur le terrain, dont la fonction de concentrateur juvénile pendant la nuit a été constatée empiriquement. Donc, nous cherchons afin de découvrir la raison de l'affluence à ce lieu, quels sont les aspects qui sont sensibles à la population jeune et comment le drogues sont, dans cet espace, parlé et senti, faisant remarquer l'attractivité de leurs lieux de rencontre. Connaissant la relation entre les jeunes et la drogue et le discours dominant qui néglige la voix des jeunes, nous avons l'intention de dévoiler quelques caractéristiques qui pouvant illustrer ce phénomène dans la vie nocturne de loisir. L'approche naturaliste a servi de prétexte pour l'accès à l'opinion des acteurs sociaux, matérialisant une étude exploratoire de nature ethnographique. Ainsi, nous avons fait un journal de campagne où nous avons signalé nos investigations sur le terrain; par ailleurs, nous avons également accompli des entrevues semi-structurées pour les jeunes qui fréquentent le centre-ville de Porto lors de ses soirées. À partir de notre enquête, nous avons souligné le fait que les jeunes prennent possessions symboliques de la notion de nuit, voyant ce concentrateur juvénile comme un lieu attractif où divers aspects de leur sensibilité sont consacrés. En fait, les jeunes adorent leur vie sociale, le contact avec les autres, le sentiment d'appartenance à un groupe, le plaisir, la musique et l'ambiance festive. Dans notre étude, l'usage de drogues n'apparaît pas comme une expérience déviante, mais comme une dimension étroitement liée à la recreation, influençant les contextes d'action et constituant une expérience de partage avec les autres, formant des réseaux d'échange symbolique.

Mots-clefs: Cultures de jeunes, loisirs, nuit, concentrateur juvénile, drogue, ethnographie.

Índice

Introdução	1
Capítulo I – Enquadramento Teórico	3
1 - Da Problematização Conceptual	4
1.1 - Contextualizando a(s) Juventude(s), atracando as Culturas Juvenis.....	4
1.1.1 - Construção Social da Juventude – Uma construção da Modernidade	4
1.3 - O sector juvenil e o consumo de drogas	16
Capítulo II – Metodologia.....	21
2 - Opções Metodológicas: Um veículo para o Conhecimento.....	22
2. 1- Do recorte do objecto à definição das questões de investigação	22
2.1.1 - A escolha da unidade de estudo	23
2.2 - Da epistemologia	24
2.3 - Às Posturas Teóricas.....	25
2.4 - A escolha do Método	26
2.5 - As técnicas – Mote para o encontro com o objecto	30
2.5.1 - A Observação (da directa à participante) e os Intermediários	30
2.5.1.1 - O diário de campo.....	31
2.5.2 - As entrevistas e a Análise de Conteúdo.....	31
Capítulo III – Apresentação e discussão dos resultados.....	33
3.1 - A Noite como Construção – Uma Temporalidade Simbólica associada ao Lazer.....	34
3.2 - A Baixa como Concentrador Juvenil Nocturno – O tempo e o espaço e de como o espaço atrai e marca a vivência nocturna	36
3.3 - A Dimensão Performativa.....	46
3.3.1 - A ocupação do tempo como processo relacional – O papel dos <i>Outros</i>	46
3.4 - As sensibilidades juvenis – da estilização e esteticização à marcação de um espaço.....	49
3.5 - A droga é tema, a droga fala-se e sente-se... ..	53
3.5.1- A Droga no Espaço da Rua e de como o espaço e a sua atractividade se articulam com o uso de Droga.....	54
3.5.2 - O lugar das drogas no espaço-tempo nocturno	59
3.6 - O consumo como comportamento que reflecte uma significação simbólica	63
3.7 - O Reggae e as Drogas	68
Considerações Finais.....	74
Referências Bibliográficas	76

Índice de Anexos

Anexo 1 - Temas Base / Guião - Entrevistas Realizadas

Anexo 2 – Breve descrição dos actores entrevistados

Anexo 3 - Grelha de análise de conteúdo

Anexo 4 - Exemplos de algumas letras de música reggae associadas a psicotrópicos, nomeadamente à cannabis

Introdução

Previamente a qualquer nota introdutória que releve os conteúdos que este trabalho científico e académico contempla, bem como as motivações que nos fizeram enveredar por determinados caminhos e escolhas metodológicas, impõe-se que façamos menção à fonte de inspiração que emergiu desde o início da sua consecução. Com efeito, a dissertação que apresentamos é tributária e inspirada no trabalho de Luís Fernandes (1990) “Os pós-modernos ou a cidade, o sector juvenil e as drogas”. Este foi tido como grande referência bem como ponto de partida e, de modo similar, também nós procuramos desenvolver uma caracterização das relações entre actores juvenis, espaços e usos de drogas. O trabalho de inspiração que apontamos assumiu-se igualmente como mote para que pudéssemos edificar uma leitura sobre a evolução do fenómeno, volvidas duas décadas da conclusão do trabalho de Fernandes (1990).

Recuperando a noção de *concentrador juvenil* proposta pelo autor supracitado (1990) almejávamos perceber se a Baixa do Porto apresenta actualmente a finalidade que a Ribeira-Barredo apresentava há cerca de vinte anos atrás. Tendo-se constatado empiricamente a função de concentrador juvenil nocturno, acresceu-se a possibilidade de explanar os elementos atractivos da noite para os actores juvenis e deste espaço do urbano em particular, permitindo o desenvolvimento de uma visão das culturas juvenis e suas manifestações actuais, dando conta de dinâmicas e sensibilidades que as caracterizam, com especial atenção para o consumo de drogas. Se o discurso mediático e da cultura dominante reportam uma conduta problemática e passiva às culturas juvenis e se conotam a droga a uma problemática social que é necessário combater, resolvemos dar voz aos actores sociais com o intuito de produzir uma inteligibilidade que dê conta das tarefas juvenis gratificadas pelo lazer recreativo nocturno e que evidencie os contornos da relação actual que franjas do sector juvenil estabelecem com as drogas, acedendo ao modo como são faladas e sentidas e procurando relacioná-las com contextos e ambientes de uso.

Com o intuito de guiar o leitor para as páginas que se seguem, traçaremos um pequeno esboço dos grandes capítulos que constituem esta monografia. Neste sentido, no Capítulo I traça-se o enquadramento teórico, visando um recorte do(s) objecto(s) de estudo. Parte-se de uma contextualização histórico-social do conceito de Juventude, passando pela demarcação de elementos para uma Cultura Juvenil, até à associação da esfera do lazer com a juventude. Daqui, segue-se para o recorte do objecto droga, num sector onde ela se demarca – o sector juvenil. A segunda parte do trabalho reporta-se às opções

metodológicas, colocando-as em consonância com posicionamentos teóricos. Nesta secção iremos enunciar as estratégias e técnicas utilizadas, que resultam na dinâmica de terreno e no processo de recolha empírica que a pesquisa convocou. No terceiro capítulo anunciaremos os resultados deste estudo, apresentando-se elementos empíricos e fazendo recurso a excertos de discurso directo, provenientes quer do diário de campo, quer de entrevistas e depoimentos recolhidos. No final, tecemos considerações finais, lançando um olhar sobre o que se constituiu o encarnar de um novo papel – o de investigadores – traçando um repto relativo ao próprio processo de investigação.

Não poderíamos terminar esta nota introdutória sem aportar o nosso interesse e motivação por um tipo de investigação em particular. Com efeito, se a adesão a uma disciplina se faz fundamentalmente pela adesão ao seu objecto, aos seus métodos e aos seus sistemas explicativos (Pinto, 2009), poderíamos dizer que, embora esta tese se inscreva em Psicologia, não deixa de se cruzar com outros ramos do saber, de forma a que o alcance se amplie. Neste sentido, estamos inexoravelmente ligados à Psicologia, pelo seu objecto, a conduta humana e as significações que lhe são inerentes. Mas, sendo este um estudo exploratório de cariz etnográfico, acabamos por nos ligar à antropologia, cujo método mais famoso é justamente a etnografia. Os modelos de compreensão que nos são oferecidos pela sociologia, tornaram inevitável que fizéssemos uso dela também. Tendo em conta os nossos grandes objectos de estudo, o sector juvenil e o consumo de drogas, não seria surpreendente que nos abrissemos a vários campos do saber. O interesse e vontade em contactar com perspectivas fenomenológicas e abordagens proximais conduziu-nos a escolhas metodológicas, que, embora não sejam as mais comuns em Psicologia, nos pareceram adequadas para o estudo dos objectos em questão.

Capítulo I – Enquadramento Teórico

1 - A Problematização Conceptual

“O trabalho aparentemente inocente, técnico, de constituição e de apresentação de uma bibliografia, de recenseamento de unidades de pesquisa, de pesquisadores e de trabalho em curso, coloca um primeiro problema clássico: o da delimitação do domínio dos objectos” (Mauger, 1994, p. 6). Neste sentido, a primeira questão que se apresenta é a da própria definição da categoria *juventude*. Mas, se, por um lado, qualquer investigação em torno da produção de conhecimento exigiria a eleição de uma definição como pressuposto do objecto de estudo, por outro, as dificuldades não serão desprezíveis, uma vez que seria impossível recorrer a um uso da categoria *jovem* que se imporia de igual modo a todos os investigadores (Mauger, 1994). Não será, portanto, surpreendente, que os estudos sobre a juventude sofram igualmente essas influências, ao elegerem as suas âncoras e respectivas formas de aproximação ao objecto. É nesta linha de pensamento que surge a nossa necessidade de o enquadrar. Por conseguinte, afigurasse-nos impreterível recorrer a uma explanação que defina claramente ao que nos referimos quando recorremos a determinados conceitos e noções, procurando inscrevê-los historicamente e às realidades que sob o seu apanágio se pretendem traduzir. Neste sentido, a importância do recorte do objecto parece desde já justificada, pelo que prosseguiremos com a sua (des)construção conceptual.

1.1 - Contextualizando a(s) Juventude(s), atracando as Culturas Juvenis

1.1.1 - Construção Social da Juventude – Uma construção da Modernidade

Contextualizar o pensamento é difícil, “mas se não o fizermos teremos a inteligência cega, a inteligência incapaz de contextualizar” (Edgar Morin, 1999, p.33). Encontramos em Morin (1999) um ponto de partida para o que nos propomos a realizar - o esboçar de uma compreensão que nos permita traçar os trilhos que trouxeram o papel jogado pela juventude até aos nossos dias. Procuremos, então, contextualizar o nosso pensamento, inscrevendo-o no debate sobre a juventude num quadro histórico-social. Uma revisão pela literatura permite-nos encarar o conceito de juventude como socialmente variável, onde a definição do tempo, dos conteúdos e significados sociais se modificam ao longo do tempo. Não obstante, parece ser relativamente consensual que o advento da Modernidade trouxe consigo um conjunto de alterações socioculturais, profundas e complexas, apontando-se o século XVIII como aquele que faria emanar a juventude enquanto tal (Bebiano, 2002;Carvalho, 2004; Pais, 1993; Sprinthall & Collins, 1994).

A juventude, até esse período, não se destacava enquanto grupo social, distinto no interior da sociedade, por isso, podemos afirmar que é uma construção da sociedade moderna, subjacente ao seu processo de secularização e de rompimento com as tradições. Foi necessária a constituição de uma sociedade estruturada, de forma a permitir que as crianças vivessem um tempo de preparação, separadas do mundo adulto. Para tal ocorrer, o sistema capitalista converteu-se base propiciadora. É justamente no século XVII que algumas condições começam a surgir. No entanto, somente no século XVIII se assistem a alterações profundas, marcadas por factores sócio-históricos, que viriam a alterar o modo de olhar a juventude. É nesta conjuntura que se irão diferenciar os primeiros dispositivos de normalização da vida social, que se foram solidificando ao longo da modernidade (Foucault, 1976 *in* Carvalho, 2004). Assim, passa-se a ver a família, a escola e o trabalho como instâncias cujas funções socializadoras e normalizadoras das actividades e papéis sociais são inquestionáveis, tornando-se a família responsável pela educação e protecção dos filhos e, com o prolongamento da escolaridade, a entrada na esfera laboral e na vida adulta é retardada (Bebiano, 2002; Carvalho, 2004). O final do século XIX traz mudanças profundas: é marcado por lutas sociais movidas por operários, com vista ao alcance de melhores condições de trabalho. No século XX, em alguns países, ocorrem revoluções que vão tentar pôr em prática outros princípios de organização social, ao mesmo tempo que os trabalhadores conquistam uma série de direitos. Todas essas condições criaram as possibilidades de emergência de uma cultura juvenil ampla e internacional. A década de 1960 presencia uma série de movimentos sociais que questionam a ordem sociopolítica e cultural imposta. É nesse cenário que se plasma uma noção de juventude com um conteúdo de rebeldia, contestação e utopia, que permanece como imagem mítica desses anos. Estas dinâmicas permitiriam a identificação de um conjunto de sinais que relevam da plena integração civilizacional da figura do jovem a partir deste período (Carvalho, 2004).

Não será tarefa fácil a de construir uma noção de juventude que consiga abranger a heterogeneidade do real. Nas representações mais correntes, trata-se a juventude como uma unidade social. Esta tendência decorre do facto de a juventude ser, simultaneamente, condição social e uma representação (Peralva, 1997). Se tem um carácter universal dado pelas transformações do indivíduo, numa determinada faixa etária, a forma como cada sociedade, e no seu interior cada grupo social, vai lidar e representar esse fenómeno, é variada, resultando daí a dificuldade da investigação em chegar a um denominador comum (Pais, 1993; Peralva, 1997).

Em virtude do carácter socialmente construído do conceito de *juventude* (Bourdieu,

1984), emergem necessariamente algumas questões. Neste sentido, aponta-se o cenário social alargado com que se confronta a experiência juvenil e que acarretará uma transformação no acesso e vivência das tarefas classicamente associadas à autonomização e entrada para a vida adulta. É neste contexto que importa reflectir sobre os desafios que questões como o emprego, as alterações na estrutura familiar, a relação com o risco, a saúde e a transgressão, entre outras, levantam ao actor juvenil contemporâneo (Carvalho, 2004). À juventude têm sido atribuídos diversos problemas, muitas vezes veiculados pelos *mass media*, acabando por ser eventualmente tomada como problema social: os problemas de inserção profissional, de falta de participação social, de droga, de delinquência, os problemas com a escola, com os pais... (Pais, 1993). A este propósito, líamos em Pais (1993, p.27): “A juventude é um mito ou quase mito que os próprios *media* ajudam a difundir e as notícias que estes veiculam a propósito da cultura juvenil ou de aspectos fragmentados dessa cultura (...) encontram-se afectadas pela forma como tal cultura é socialmente definida”. A este discurso mediático, alia-se igualmente o político e as subsequentes medidas administrativas que, não raras as vezes, acabam por negligenciar a perspectiva do próprio actor juvenil. O discurso científico acabou, também, por contribuir para veiculação desta ideia, atribuindo diversas condutas-problema à juventude (Carvalho, 2004). Não será, portanto, de admirar que se tenham vindo a desenvolver dispositivos de controlo e intervenção sobre a juventude, patenteados numa certa inquietude da sociedade relativamente aos jovens (Pinto, 2009). Mas, para Carvalho (2004), os jovens não deixaram de correr riscos, integraram-nos, porém, no seu modo de vida e dão mostras de um claro desejo de adaptação, numa conjuntura altamente desfavorável, revelando-se premente uma reflexão sobre o discurso do “défice” de que habitualmente são alvo (Carvalho, 2004).

Com efeito, entendemos que, na actualidade, a abordagem aos fenómenos juvenis não poderá passar ao lado da reflexão sobre o impacto da modernidade na própria definição da juventude, sendo que estamos perante um movimento histórica e socialmente interferido. Por conseguinte, sendo a juventude algo que se vai construindo ao longo da história, ela nunca está pronta. Deste modo, há muitas formas de *ser jovem* e, por conseguinte, *juventudes*. Essas diferentes formas expressam-se em identidades juvenis, que, segundo Pais (1993) “parecem definir-se, por contraposição, umas em relação às outras”. Assim, a juventude não é socialmente homogénea, aparece-nos antes socialmente dividida em função dos seus interesses, das suas perspectivas e aspirações. Deste modo, a juventude começa por ser uma categoria socialmente manipulada e manipulável e, como refere Bordieu (1984), o facto de se falar dos jovens como uma unidade social, grupo

dotado de interesses comuns e de se referirem esses interesses a uma faixa etária constitui, já de si, uma evidente manipulação. Na verdade, nas representações correntes, os jovens são tomados como fazendo parte de uma cultura juvenil unitária. Contudo, a categoria juventude não se traduz num grupo homogéneo, materializando, pelo contrário, uma realidade social heterogénea, atravessada por diversas clivagens e, embora possamos reconhecer traços comuns, tanto a nível da conjuntura social como a nível simbólico, que acabam por contribuir para a fixação do termo na linguagem corrente e na prédica política e mediática (Bordieu, 1984).

Apercebemo-nos que o interior da Juventude se pauta por uma variedade imensa, onde se distinguem múltiplos modos de concretização do seu significado. Consequentemente, a(s) juventude(s) deverá ser entendida enquanto cultura própria – *cultura juvenil* – cuja vivência, em confronto geracional com o mundo adulto, emana na preponderância do tempo livre e contacto lúdico com pares (Fernandes, 1990).

1.1.2 - Elementos para uma Cultura Juvenil

Ainda que algumas práticas de grupos juvenis tenham sido identificadas no período anterior ao pós-guerra, é a partir da década de 1950 que a ideia de *cultura juvenil* como segmento social específico é consolidada. A expansão do consumo num contexto de prosperidade económica, o desenvolvimento do modelo do bem-estar social, a expansão de indústrias culturais e meios de comunicação de massa, a oferta de bens de consumo e das actividades de lazer são alguns dos pontos essenciais na formação da nova condição juvenil. Abre-se, assim, caminho para considerar que as subculturas juvenis do Pós Guerra são diferentes dos grupos culturais pré-guerra, fundamentalmente devido aos efeitos dos *mass media* e do consumismo (Stratton, 1985). Foram-se criando condições para a emergência de estilos juvenis, como os *Beatnick*, *Teddys*, *Rockers*, *Mods*, *Hippies* e *Punk*. Alguns sectores juvenis anglo-saxónicos, que acabaram por se expandir aos países da sociedade ocidental, desenvolveram formas de participação social e estilos de vida, a partir dos anos 50, tendo as suas configurações permitido a emergência de uma cultura própria, designada *cultura juvenil* (Fernandes, 1990). Atribui-se à noção de cultura o sentido antropológico que releva para todo um sistema de valores, formas de estar e produções culturais. Com efeito, há toda uma produção cultural de um sector que se autonomizou e que desenvolveu formas de manifestação características.

Quando se fala do juvenil acentua-se o conflito geracional entre o mundo juvenil e o mundo adulto. Pela primeira vez na história, assistimos a um movimento de

individualização muito vincado (Fernandes, 1990). Esta cultura juvenil constitui-se como “uma sucessão rápida de grupos detentores de posicionamentos expressivos e estilos de vida que a memória colectiva retém sob rótulos como *rockers*, *teddy-boys*, *mods*, *hippies*, *freaks*, *punks*...” (cit in Fernandes, 1990) e as suas formas dominantes revelam-se mais ligadas com possibilidades experienciais várias do que com ideários explícitos (Fernandes, 1990). Neste âmbito, parece relevante ressaltar a distinção proposta por Stuart Hall entre pólo expressivo e pólo activista (Romani, 1985 in Fernandes, 1990). O primeiro assenta no estilo e acentua o pessoal, o psíquico, o subjectivo, o cultural, o privado, o estético e o boémio, que se constituem como elementos do espectro das emoções e das atitudes. Já o segundo, assenta na estratégia e acentua o político, o social, o colectivo, o compromisso com a organização e a finalidade pública, constituindo-se, estes, como elementos do espectro da actividade. Os estilos de vida juvenis caracterizam-se justamente pela acentuação do pólo expressivo. As atitudes e programas de vida seriam feitos essencialmente de programas experienciais (Fernandes & Paixão, 1993). As subculturas acabam por possibilitar uma afirmação individualista de uma diferença e a crise adolescente e a sua respectiva vivência psicológica passa a englobar, na sua solução, uma elaborada codificação simbólica e expressiva ao nível grupal (Fernandes, 1990). As subculturas reflectem, então, citando Fernandes (1990), “a pluralidade dentro de uma cultura e veiculam formas alternativas de expressão cultural”.

O estudo das subculturas encontra as suas raízes na Escola de Chicago no início do século XX (Gelder & Thornton, 1997, Blackman, 2005, in McCulloch et al. 2006). Interessada na cultura da juventude urbana, esta Escola estudou grupos de jovens considerados desviantes, intentando compreender os significados que atribuíam às suas vidas (McCulloch et al. 2006). De facto, anteriormente à transformação das subculturas em objecto empírico e domínio teórico, os trabalhos de Chicago começavam já a denotar alguma sensibilidade relativamente à dimensão cultural das relações sociais, dando um contributo para a consolidação de preocupações relativas ao comportamento humano em meio urbano (Carvalho, 2004). As primeiras assumpções relativas às subculturas estavam profundamente relacionadas com a questão do desvio. Esta visão irá relacionar a emergência dos grupos juvenis com padrões de conduta delinquenciais. Robert Merton desenvolveu o conceito de subcultura, relacionando-o com o conceito central de anomia e analisando os comportamentos transgressores de jovens americanos à luz da “subcultura delinquente” (Fernandes, 1990). Nos seus estudos de *gangs* juvenis, Cohen (1997 in McCulloch et al. 2006) assinalou que eram na maioria os rapazes jovens das classes mais

Baixas que estavam a desenvolver subculturas e que o comportamento desviante estava igualmente associado ao *status* dentro dos grupos. Será este autor quem irá utilizar a subcultura como um instrumento teórico fundamental na compreensão da delinquência. Becker, por sua vez, (1997, in McCulloch et al. 2006) patenteou que, quando um grupo é identificado como desviante, a posição distintiva da subcultura é reforçada.

O *Centre for Contemporary Cultural Studies* (CCCS) da Universidade de Birmingham, dedicou-se aos interesses e às práticas que, na Inglaterra do pós-guerra, arregimentavam os jovens, almejando reformular o debate a propósito da chamada *cultura juvenil*. O grande propósito era o de providenciar um trabalho profundo e empírico, removendo a compreensão da cultura juvenil dos relatos dos *mass media* que, segundo Clarke (1975 in McCulloch, 2006), tornam-se parte do fenómeno da cultura juvenil ao focar-se nos aspectos mais vistosos. Como tal, os *media* contribuiriam mais para o mito da cultura juvenil do que para a sua compreensão (Cohen, 1980 in Epstein, 1998).

A classe social foi teorizada como um factor primordial na compreensão da participação dos jovens em subculturas juvenis. Influenciados pela teoria Marxista, os investigadores de Birmingham partilhavam com Chicago o foco na classe trabalhadora, mas entenderam esta posição dos jovens como resultado de um posicionamento, quer material, quer simbólico. Aqui, a cultura é tomada como um modo de vida distinto e peculiar de um grupo, com todos os seus significados, valores, uso de objectos e vida material, relevando-se igualmente no modo como as relações sociais são estruturadas, experienciadas e interpretadas (Hall & Jefferson, 1975). É a expressão do social: é a forma através da qual os grupos sociais lidam com o material em bruto proveniente da experiência social, de modo a torná-lo significativo e compreensível para os membros do grupo (Simmel, 1968, in Epstein, 1998). Enquanto que grupos que vivem dentro da mesma sociedade partilham uma cultura comum, a forma como fazem uso dessa cultura não é necessariamente uniforme. Admitindo a existência de uma ordem sociocultural dominante, existirá mais do que uma configuração cultural na sociedade (Hall & Jefferson, 1975).

Neste sentido, a cultura é, na realidade, plural. O acesso e a capacidade de se fazer uso do capital cultural é desigual, da mesma forma em que o acesso à posição social é desigual quando discutido em termos de classe (Hall & Jefferson, 1975). Por esta razão, faz-se a distinção entre *cultura dominante* e *cultura comum*. A primeira é criada pelos grupos que possuem maior peso e influência na sociedade e cuja posição social poderosa permite criar uma cultura dominante. A segunda é uma expressão do dia-a-dia das vidas dos outros grupos sociais e classes. Quando a cultura comum expressa oposição à

dominante, as suas práticas culturais são rotuladas como *resistência*, indicando a função dessa prática (Hall & Jefferson, 1975; Epstein, 1998; Jenks, 2005). Os teóricos de Birmingham denominaram de *parent culture* as expressões específicas de cada classe. Porém, as *parent cultures* não são subculturas, mas respostas orientadas pela classe relativamente à cultura dominante. Quando as respostas de um grupo são distintas em termos de conteúdo e estrutura comparativamente à *dominant culture* e à *parent culture*, e quando são tomadas por um grupo como um modo de vida, aí temos o que é designado por *subcultura*. Por conseguinte, entende-se como subcultura algo mais localizado e diferenciado, diferindo da *parent culture* em termos de determinadas actividades próprias, embora com ela partilhe alguns aspectos (Hall & Jefferson, 1975). Poder-se-á falar em subculturas juvenis quando estes grupos demarcados através de fronteiras bem definidas, formas e actividades distintas, valores, artefactos materiais e espaços territoriais se diferenciam pela idade e geração (Hall & Jefferson, 1975). Procurando solucionar contradições geradas pela sociedade, os jovens criarão estilos significativos, respondendo as subculturas aos problemas entepostos pela sua posição (Hall & Jefferson, 1975).

Pode propor-se que as subculturas operam em pelo menos três níveis: o dos ideais históricos básicos, o dos valores e o da expressão material. Assim, irão oferecer uma solução colectiva, mas também um contexto social e simbólico para o desenvolvimento e reforço da identidade colectiva e da auto-estima individual (Murdock & Brake, s.d., cit in Hall & Jefferson, 1975). A reordenação simbólica dos objectos e os seus significados é referida como *bricolage*. A subcultura irá comprometer-se na *bricolage* no sentido de estabelecer uma identidade única, colocando-se de parte da *parent culture* (Jenks, 2005). Este processo ocorre através de uma evolução cultural e pode não ser necessariamente uma actividade consciente. Enquanto o processo de *bricolage* permite novos usos de artefactos culturais existentes, de acordo com a Escola de Birmingham, estes nunca se afastam totalmente da sua cultura parental, baseada na classe (Epstein, 1998).

Importa, neste momento, estabelecer um repto. De facto, o compromisso dos teóricos de Birmingham com uma grande quantidade de teorias culturais reviu de modo frutífero e expandiu as abordagens americanas do desvio e da delinquência, mas, ao privilegiar a classe na análise da cultura juvenil, falhou no relato de outras dimensões cruciais das identidades juvenis (Bucholtz, 2002). A proposta do CCCS prendia-se com o desconstruir e destronar o conceito de cultura juvenil ligado ao mercado e erigir, em seu lugar, um retrato mais meticuloso das raízes sociais, económicas e culturais das variadas subculturas juvenis. Com efeito, não se tratava meramente de produzir inventários de

padrões de consumo e estilos de vida. Tornava-se impreterível avaliar que função o uso de artefactos da cultura de consumo, do tempo e de espaços territoriais assumia perante as instituições dominantes da sociedade (Bucholtz, 2002). Para alguns autores, o relato pioneiro do CCCS a respeito do desenvolvimento de subculturas juvenis claramente definidas revela-se datado, relativamente à actual profusão e volatilidade de estilos, formas e práticas subculturais (Bucholtz, 2002). Apesar de tudo, a Escola de Birmingham constituiu um avanço, especialmente no que concerne ao início da libertação do domínio das subculturas das perspectivas centradas no desvio.

Retornemos, agora, ao nosso subtítulo – Elementos para uma Cultura Juvenil. Parece-nos evidente estarem reunidos todos os elementos que nos permitem afirmar a existência de uma Cultura Juvenil. Para Pais (1993), a cultura pode ser entendida como um conjunto de significados compartilhados; um conjunto de símbolos específicos que simbolizam a pertença a um determinado grupo; uma linguagem com os seus usos específicos, eventos e rituais particulares, através dos quais a vida adquire um sentido. A cultura juvenil assume-se como organizadora dum campo experiencial próprio do jovem, em ruptura ou em resistência às formas adultas de experiência (Fernandes & Paixão, 1993). Relegando-se um plano racional, ideológico ou activista, a cultura juvenil eleva-se no pólo expressivo e decompõe-se num conjunto de subculturas, não raramente fugazes e inter-relacionadas (Fernandes, 1990; Fernandes & Paixão, 1993). Estas, ao providenciarem uma posição existencial, acabam por regular o quotidiano de largos sectores da adolescência (Fernandes & Paixão, 1993). Cada subcultura irá partilhar um conjunto de elementos expressivos (Pais, 1993), entendidos como soluções estético-sociais para a resolução de processos psicológicos, contribuindo para o processo de categorização social pelo qual o jovem procura a sua imagem pública, apelando para modos de vida específicos que traduzem a pertença a um determinado grupo e uma forma distinta de estar no mundo (Hall & Jefferson, 1975; Pais, 1993; Fernandes & Paixão, 1993).

Também dos contextos vivenciais dos indivíduos, fazem parte crenças e representações sociais que os jovens encontram sem que directamente tenham tomado parte na sua elaboração, sendo o significado cultural criado com o uso de símbolos, envoltos de significado (Pais, 1993). Movendo-se em diferentes contextos sociais, os jovens partilham linguagens e valores distintos, vestem-se e comportam-se de maneira diferente. Dos seus diversos modos de pensar, sentir e agir resultam distintos mapas de significação que orientam as suas condutas, as suas relações interindividuais, as suas trajectórias. Nesta linha, para entender e explicar as diferentes culturas juvenis, revela-se

frutífero contrastar diferentes universos de análise, entre os quais há regularidades comuns, mas também diversidades (Pais, 1993). De um outro prisma, para compreender as culturas juvenis, é indubitavelmente necessário entender o significado que os jovens dão às suas acções e actividades. Daí que, ao longo desta monografia, ambicionaremos patentear a importância, mas também a necessidade, de interpretar as práticas simbólicas que caracterizam as culturas juvenis a partir de contextos sociais em que os jovens se movem. A noção de subcultura abarca as diferentes manifestações culturais existentes na sociedade, ao mesmo tempo que se associa à valorização e coexistência de singularidades culturais que deverão ser apreendidas na sua diversidade, designando um conjunto de padrões de comportamentos, crenças e interesses próprios. A cultura deve ser compreendida no plural, como resultado de diferentes manifestações humanas.

1.2 - O lugar do lazer no sector juvenil

Desde o seu aparecimento enquanto figura social, os jovens têm tido diferentes formas de expressão na sociedade, que se materializam na música que ouvem, nos espaços que ocupam, nas roupas que vestem, nas drogas que consomem, etc. e, segundo Pais (1993) é “em torno das actividades de lazer que a juventude ganha, em certo sentido, *especificidade unitária*, mas é também a partir dessas actividades que melhor podemos compreender as diferentes culturas juvenis e, a partir destas, a juventude na sua *diversidade*”. Terminamos o ponto anterior patenteando a pluralidade de manifestações culturais. Começemos, agora, por colocar essa diversidade como reflectindo no espaço uma marca, através de espaços de lazer.

A alusão à tendência de certos grupos sociais se fixarem em pontos específicos do espaço urbano associa-se ao processo de industrialização das grandes metrópoles do século XIX. Para Fischer (in Fernandes, 1990) a subculturização é o resultado do urbanismo, na medida em que, quanto mais urbano o *setting*, maior a variedade de subculturas. Esta influência encontrar-se-ia maximizada nas grandes metrópoles e dever-se-ia à tendência destes grupos para se concentrarem em áreas urbanas com populações heterogéneas e densas, onde os laços interpessoais se encontram enfraquecidos e as estruturas sociais primárias e o consenso normativo mais ténues. Garra (1997 in Carvalho, 2004) sublinha a importância da rua na afirmação juvenil, onde a formação subcultural dependeria de uma certa apropriação espacial que iria conferir visibilidade social ao grupo juvenil.

Algumas dimensões gerais podem ser indicadas como cenário onde se desenvolvem diversas modalidades de vivência da condição juvenil na nossa sociedade. As subculturas

juvenis desenvolvem-se enquanto formas através das quais as experiências sociais dos jovens são expressas culturalmente, mediante a construção de estilos de vida distintos, localizados, fundamentalmente, no tempo livre ou em espaços intersticiais da vida social e que encontram maior visibilidade nos estilos espectaculares, embora não se esgote neles (Carvalho, 2004). Neste sentido, perspectiva-se o lazer, espaço temporal de libertação periódica, enquanto fenómeno cultural, que começa a esboçar-se com a Revolução Industrial (Carvalho, 2004). Com efeito, apesar de tempo livre ter existido desde sempre, o mesmo não se aplica ao lazer, enquanto ocupação do tempo livre. Como referia Carvalho (2004, p.170), “apesar do processo de industrialização começar por deixar inexistente a possibilidade de um tempo livre, este torna-se possível graças a uma conjuntura de factores, entre os quais: os rápidos avanços tecnológicos que dispensam mão-de-obra para certas tarefas; a luta de classes e a reivindicação de melhores condições de vida para o proletariado; e uma pressão do aparelho produtivo para o aumento do tempo de vida que encerra maiores possibilidades de dedicação ao consumo”. Assiste-se, nas sociedades modernas, a uma tendência generalizada para a diminuição do tempo de trabalho, por um lado, e, por outro, a uma valorização crescente do tempo livre, particularmente do tempo de lazer. E o lazer assume-se como o domínio em que as culturas juvenis adquirem maior expressão (Pais, 1993).

Está, então, aberto o caminho para que, associada à noção de lazer, se fale numa indústria do lazer, urbana, com ofertas diversas de modo satisfazer os interesses de diferentes públicos. Deste modo, perspectiva-se a emergência e fixação de uma cultura de consumo como intimamente relacionada com o lazer das sociabilidades juvenis, onde música, espectáculos, dança, diversão nocturna, moda, consumo de álcool e drogas, consumo de *gadgets*, grupo de pares etc. se convertem num plano associado ao ócio. O ócio irá, então, reflectir simultaneamente momentos-espacos que gradualmente se ampliam e resultam em elementos socializadores na afirmação de identidades pessoais e grupais, encenação pública e apropriação do espaço urbano (Silva, 1998, cit in Lopes, 2000). A cidade organiza-se espacialmente, concentrando a zona recreativa em locais-chave, ao mesmo tempo que surgem indústrias recreativas com investimentos dirigidos a sectores específicos. E a noite, emerge, então, como momento privilegiado de lazer: É magia, ilusão, transfiguração, arriscada, espectacular, perigosa e fonte de surpresa (Sanches & Martins, 1999), é, por excelência, um momento de libertação. Nesta lógica, emergem as denominadas *novas culturas urbanas da noite*, onde se vêem reflectidas práticas de consumo, estilos e interesses de vida (Ryan & Fitzpatrick, 1996, in Sanches & Martins,

1999). Surgindo uma *economia da noite*, vemos ser redefinido um novo campo de significados, com os produtos de lazer a ganharem um relevo crescente (Lovatt, 1996 in Sanches e Martins, 1999). Assiste-se a um reordenamento do espaço urbano, na medida em que às cidades se associam a produção e o consumo do lazer nocturno, surgindo diversos programas de recuperação urbanística, em virtude destas novas formas culturais associadas à noite (Lovatt, 1996 in Sanches & Martins, 1999). Têm surgido grandes transformações nas actividades de diversão nocturna, dirigidas a diferentes frequentadores e muitas vezes associadas à música e à dança. A expansão da indústria da noite é vista como estratégia de *regeneração urbana*, com segmentos sócio-espaciais de consumo específicos e organizados como espaços de cultura e consumo (Harvey, 1989 cit in Hollands, 2002).

É neste contexto que vemos ressurgir o conceito de *movida juvenil*, já relatado por Fernandes em 1990. Tal conceito expressa uma nova forma de sensibilidade juvenil na sua relação com a cidade e caracteriza-se pela criação de um circuito de espaços dirigidos aos jovens (Fernandes, 1990), que detêm o poder de suspender a desertificação habitual do centro da cidade durante o período nocturno (Carvalho, 2004). Deste modo, identificamos o contexto urbano, com a consciência das possibilidades de alguns locais do urbano em actuarem como *concentradores juvenis*, onde se sentirão gratificados uma série de aspectos da sensibilidade juvenil (Fernandes, 1990).

Os jovens, hoje com mais tempo livre, são actores privilegiados desta economia do lazer. Herdaram “uma sociedade de bem-estar, onde o ócio e a diversão adquirem um valor hegemónico nos critérios de construção social (...), foram socializados com uma organização que diferencia o fim-de-semana e os dias da semana” (cit in Relvas, 2006, p.15). Nos dias da semana haverá, então, uma tendência de “igualização formal” relativamente à família, assumindo-se os fins-de-semana como espaços de “diferenciação e distinção social” (Relvas, 2006) daí que a ruptura com o quotidiano (Pais, 1993) se efectue maioritariamente ao fim de semana (Lomba et al., 2011). A noite emergente como tempo e espaço individualizado do dia, marca uma ruptura com a experiência do quotidiano produtivo, com as relações estipuladas e o formal. Tem-se revelado espaço de apropriação pelos jovens, espaço de ócio, o que justifica a profunda expansão de espaços que a eles se direccionam (Calafat et al., 2000; Elbaum, 2008, in Lomba et al., 2011). E cada vez mais os jovens têm espaço na noite porque é tempo de consumo, de prazer, de libertação, de escape, de socialização. No caso da noite na cidade do Porto, Lameiras et al. (2009) dão-nos conta de como um local pode funcionar como ponto de partida, no caso concreto da Baixa, o café Piolho, ressaltando a mobilidade no espaço, com possibilidade patente de

rotatividade, e, à procura que algo de novo aconteça, as pessoas vão circulando, deambulando de local em local (Lameiras et al., 2009).

A noite e a festa constituem um espaço fundamental de socialização afigurando-se palco de expressividade de modos de vida juvenis. Constitui-se como um fenómeno colectivo, no qual participam os jovens e em que se associam a música, a dança e o contacto com o *Outro* (Carvalho, 2004). No caso das subculturas, estas poderão funcionar como palco de encontro com a identidade individual, embora tendo inevitavelmente como referente uma identidade grupal (Brake, 1980, in Carvalho, 2004). O grupo de pares funciona como «laboratório social» (Sheriff & Sheriff 1964, in Ferreira et al., 2008), permitindo ao sujeito experimentar e desenvolver-se, fornecendo suporte emocional, proporcionando experiências positivas e permitindo um sentimento de pertença. A socialização possibilitará a aquisição de valores, competências e preferências que orientam o comportamento (Tarrant, MacKenzie & Hewitt, 2006 in Ferreira et al., 2008). Assim, o grupo é promotor de identificação, por gostos e actividades compartilhadas (Pais, 1993).

Segundo Palmonari et al. (1988 in Ferreira et al., 2008), os factores psicossociais influem no processo de reorganização do *self* e nas definições elaboradas no processo de comparação de si próprios com os outros objectos sociais significativos. Destas comparações emergem critérios que ajudam à categorização dos grupos com os quais se identificam, ou não. Assim, os processos de comparação, de diferenciação e de identificação social são essenciais na constituição de grupos (Vala, 1993). Enquanto actor social, o jovem vai desenvolvendo um sentimento de pertença a determinados grupos e este processo apresenta-se como indispensável na construção da identidade social. No mesmo sentido, para Vala (1993) as identidades sociais configuram uma forma de compreensão da formação simbólica dos grupos sociais, o que permite compreender a ancoragem social das representações sociais. Decorre dos processos de categorização social a definição dos indivíduos como membros de certas categorias sociais e como não membros de outras, sendo os grupos formações decorrentes de processos cognitivos e simbólicos, e não posições objectivas na estrutura social (Vala, 1993). A construção de uma identidade social produz-se num contexto envolvente e passa por "balizar um território onde possam reconhecer-se" (Fernandes, 1999 cit in Ribeiro 2004). Reporta-se, então, a interações aí emergentes, num movimento orientado pela identificação e oposição, contribuindo fortemente na construção de um *self* (Guiddens, 1994 in Ribeiro 2004).

Em suma, noite e ambientes recreativos assumem cada vez mais um papel importante na socialização dos jovens (Lomba et al. 2011). Constituem-se fenómenos

aglutinadores de grupos e subculturas juvenis, sendo espaços de lazer, de libertação, mas também de superação de limites, de fuga ao controlo social ou mera fuga à rotina (Calafat, 1999 in Lomba et al. 2011). Cada vez mais a busca do prazer é um imperativo social que modela os comportamentos e atitudes dos indivíduos (Lipovetsky, 1989).

1.3 - O sector juvenil e o consumo de drogas

Sendo no sector juvenil que o consumo de drogas se desenha e demarca (Fernandes, 1990), será por afecção ao juvenil que fixaremos predominantemente a nossa análise, mas também porque sector juvenil e consumo de drogas se constituem os grandes objectos de estudo da nossa investigação. A droga no sector juvenil assume-se como um fenómeno essencialmente urbano. “E mais, um fenómeno cuja extensão ganha contornos precisamente nas transformações recentes dos arranjos urbanos. Perceber a droga é, acredito, perceber o momento actual de desordem nos arranjos que a urbe tradicional conhecia, é perceber a expressão da vida nos sistemas de configuração (recente em Portugal) urbano-industrial” (Fernandes, 1990).

Um determinado uso de drogas pode ser um dos elementos expressivos típicos de algumas sensibilidades juvenis. Este uso cumpre um conjunto de fins e exprime intencionalidades não sobreponíveis a outro tipo de usos. O discurso dominante acabou por generalizar o “drogado” e reduzi-lo a uma categoria abstracta que negligencia toda a diversidade do fenómeno, não contemplando a existência de diferentes relacionamentos do sector juvenil com as drogas (Fernandes, 1990). O fenómeno da droga na juventude poderá ser entendido de acordo com a perspectiva de Olievenstein (1987, in Fernandes, 1990) que o analisa a partir de uma equação de “três parâmetros” – um encontro entre um produto, uma personalidade e um momento socio-cultural. Neste sentido, poder-se-á dizer que, falar em drogas, é falar sobre uma problemática complexa, que deve ser analisada à luz de um paradigma simultaneamente biológico, psicológico e sociocultural, na medida em que em qualquer uso de drogas se produz sempre uma interacção entre três subsistemas: a substância como elemento material, os aspectos individuais de como o sujeito reage à substância e a organização social, incluindo os componentes políticos e culturais, como forma em que se produz esta relação (Comas, 1985).

O processo de secularização e “medicalização” da sociedade moderna transformou o significado cultural do consumo de substâncias psicoativas, tornando o uso não medicamentoso dessas substâncias como abuso, como uma contra partida “patológica”

(Fernandez, 1997). Neste âmbito, os estudos da antropologia cultural constituíram-se bons analisadores. Este contributo é efectivado pela constatação de que a busca de estados alternativos da consciência pelo recurso a substâncias psicoactivas é uma constante de todas as épocas e culturas. A análise do funcionamento do uso de drogas, em diferentes sociedades e culturas, permite destacar funções universais – a função mágico-religiosa, a função de equilibradores subjectivos e a função de procura do prazer. O recurso às drogas reveste-se de um carácter supra-individual, constituindo-se o fenómeno droga como um complexo simbólico - o uso de drogas participa de funções codificadas simbolicamente, resultando de um processo de aprendizagem que lhe sinaliza os limites, a razoabilidade e a perigosidade. Este processo permite enquadrar as fronteiras do uso, que se reveste, na maioria das vezes, de contornos não disruptivos (Fernandes, 1990).

Assistimos a uma mudança nos lugares, nos tempos e nos grupos, tendo as drogas sido exotizadas e tendo-se tornado juvenis. A crescente massificação do seu consumo por determinados sectores da juventude e a reacção social de pânico e repressão que se lhe seguiram, tornaram a droga um “problema social”, frequente e fortemente pronunciado pelo discurso dominante. Este problema faz-se também um problema científico enquanto os seus usos se fazem usos desviantes (Fernandes, 1990).

O uso de drogas é prática universal em que se inter-relacionam, de forma complexa, substâncias, sujeitos e contextos socioculturais. Se as bases farmacológicas da substância são as mesmas, então, as formas de elaborá-las e tratá-las, as doses em cada ocasião, as técnicas de uso, o desempenho e a preparação física e psíquica dos sujeitos antes e durante os consumos, as expectativas sobre as qualidades e efeitos, assim como as concepções de prazer e de dor vigentes no meio, assumem-se aspectos que se relacionarão com o papel das ditas substâncias dentro da sociedade. Assim, a interacção entre esta grande variedade de substâncias, de contextos de uso e de sujeitos é a variável que permite explicar a grande variedade dos efeitos das drogas, apesar do relativamente limitado número de elementos farmacológicos que se inclui sob essa denominação (Romani, 2008).

As drogas foram e continuarão a ser, em muitas sociedades, componentes importantes nos processos de auto-medicação e auto-atenção, quer seja como remédios empíricos, como elementos simbólicos, ou como ambas as coisas de cada vez (Romani, 2008). Inclusivamente, nas sociedades urbano-industriais contemporâneas, em que a droga adquiriu uma identidade muito específica, antes desconhecida, podemos encontrar-nos com muitos casos de consumos de drogas. Deste modo, e desde o ponto de vista do seu uso individual, encontramos as distintas funções das drogas em todas as sociedades humanas.

Assim, poderíamos situá-las dentro do *continuum* que decorre entre o pólo instrumental e o pólo expressivo dos ditos usos. Isto significa dizer que as drogas utilizam-se para “fazer algo”, mas, ao mesmo tempo, significam, comunicam algo (uma relação social, uma crença). As finalidades podem ainda passar por funções compensadoras, ou evasivas, relacionadas com medos, inibições e outros conflitos existenciais (Romani, 2008).

Vemos, assim, o papel das drogas estruturante a nível social e cultural. Uma das suas funções básicas terá sido a de demarcação do *status* e, em relação com ele, a sua inclusão nos processos de integração/exclusão, convertendo-as, em muitas ocasiões, em indicadores das fronteiras entre normalidade/anormalidade (Romani, 2008). Assim, importa referir que a literatura tem mostrado particular interesse sobre a influência do contexto nos usos de drogas, evidenciando o uso de certas substâncias associado às regras culturais de cada povo, numa obediência aos rituais religiosos, às normas sociais ou às necessidades terapêuticas, modificando-se apenas o tipo de drogas e a atitude face às mesmas (Farate, 2001). Nas sociedades contemporâneas, o conceito “droga” tem estado no centro de um sistema de controlo social altamente excludor. Em todo o caso, as drogas têm um papel de relevo nos mais diversos processos de controlo social.

Agra (2000, in Bernardo, 2009) explicava que a vivência da experiência da droga sucede de um mundo simbólico, relacionado com uma subcultura específica e com as expectativas relativas à vivência do efeito das drogas e do simbolismo transmitido pela subcultura. Assim, importa relevar que os que comunicam num universo simbólico têm de ser referidos como parte integrante de um dado contexto sócio-histórico, datado em relação a um tempo, a um lugar geográfico e aos grupos que aí vivem (Agra & Fernandes, 1993). Assim, é fundamental atender à dimensão social, na medida em que o contexto, os grupos e a posição a que dada cultura assume perante o uso de uma droga, influenciam a forma como esta é experienciada pelo sujeito (Peele, 1980).

Os dados epidemiológicos e a investigação naturalista na área das drogas reportam alterações significativas, que encerram, na opinião de muitos, uma inversão de tendências, no que toca a substâncias mais consumidas, padrões de utilização, tecnologias de ingestão, contextos de uso, etc. (Holt, 2005). Debater o uso de drogas ilícitas pelos jovens poderá constituir-se esforço difícil. Consumo de drogas e Juventude, juntos, produzem uma forte combinação que gera debates acesos sobre a protecção e a liberdade dos jovens e os efeitos pessoais e sociais do consumo. No entanto, há evidências de que os jovens usam drogas ilícitas e fazem-no em números mais elevados do que antes (Holt, 2005). O uso deliberado e estratégico de certas substâncias pelos jovens, particularmente a cannabis e estimulantes,

é argumentado como reflectindo uma grande disponibilidade e aceitação destas drogas pelo sector juvenil associado ao crescimento das subculturas de lazer (especialmente aquelas concentradas em *clubs* e na *dance music*), nas quais as drogas poderão ser escolhidas para fornecer uma alteração da consciência agradável e para assinalar a identificação subcultural e o sentimento de pertença (Hont, 2005).

Neste contexto, há um dado recente na literatura que auxilia a abordagem à questão da utilização de substâncias psicoactivas na população juvenil. Assim, torna-se essencial abordar o trabalho de Howard Parker e colaboradores no que respeita à teoria da normalização. A normalização no domínio dos usos de drogas não deve ser reduzida à expressão intuitiva “é normal os jovens consumirem drogas”, mas antes à preocupação em compreender a expansão de actividades desviantes no seio da cultura juvenil. Desta forma, esta tese descreve os processos pelos quais os usos de drogas são conciliados com práticas culturais e de lazer (Duff, 2003). Revestido por uma dimensão mítica, o lazer funciona como uma projecção do que se quer ser, do que se quer mostrar aos outros, um elemento decisivo na própria identidade (Sousa, 2001 in Calado, 2006). A tese da normalização sugere a compreensão da extensão em que este uso de drogas ilícitas se tornou normalizado (ou não) entre os jovens. A normalização pode ser encarada como uma construção conceptual que considera a evolução das atitudes e comportamentos dos utilizadores de drogas. Esta conjuntura é adaptada ao estudo dos padrões sociais e de consumo, meios culturais associados e à análise da transição dos jovens para a idade adulta (Parker, 2005). Desta forma, a normalização é um processo que refere a: acessibilidade e disponibilidade a substâncias ilícitas; o aumento da população juvenil que experimenta drogas ilícitas; o consumo de drogas no contexto recreativo; a acomodação social ao uso recreativo, tendo em conta as atitudes dos jovens e a acomodação cultural do consumo de drogas em contexto recreativo em larga escala (Parker, 2005).

Contudo, importa referir que os parâmetros e limites do debate em torno da normalização são obscuros e consideram a normalização associada a uma gama de perspectivas sobre o papel das drogas na vida dos jovens. Para alguns, esta teoria refere-se simplesmente ao facto dos jovens estarem mais “familiarizados” com a cultura das drogas ilícitas relativamente a gerações anteriores (Taylor, 2000 in Duff, 2003). Para outros é o aparente “uso de drogas generalizado entre um número significativo de jovens comuns” (Parker et al. 1998; in. Duff, 2003). Todavia, poder-se-á dizer que se entre os anos oitenta e noventa, os estudos realizados em torno do fenómeno droga enfatizavam, quase unicamente, a figura do *junkie*, reflectindo um período fortemente assinalado pelo

consumo de heroína de rua enquanto problema social (Carvalho, 2004), a partir de meados de noventa, a epidemiologia reflecte uma diversificação nos padrões de uso de drogas, que pode ser percebida como um reforço da associação entre *Juventude – Culturas Juvenis – Alteração de consciência*. Neste contexto, existe evidência que reporta para transformações nos padrões de uso, substâncias de eleição e relação com contextos que lhe estão associados (Balsa et al. 2007; Carvalho, 2004; IDT, 2008;).

Em 2007, um estudo realizado em Portugal indica a cannabis como a substância com maiores prevalências de consumo, quer na população geral (15-64 anos), quer na população jovem adulta (15-34 anos). A cocaína surge como a segunda substância preferencialmente consumida entre estas populações, seguindo-se-lhe o ecstasy. Relativamente à população escolar, estudos recentes destacam as prevalências de consumo de cocaína, ecstasy e anfetaminas. Embora o consumo de heroína tenha vindo a perder visibilidade relativamente a outras drogas, esta continua a ser a principal droga envolvida em consumos problemáticos. No entanto, apesar do consumo de heroína permanecer na actualidade, verifica-se um decréscimo das suas altas taxas de prevalência, contrariamente ao que acontecia em tempos passados (IDT, 2007; Balsa et al., 2007; IDT, 2008).

O pressuposto de que a ameaça das drogas para a vida social “começaria por corromper a juventude, trazendo consigo a ruína dos mais vulneráveis” seria surpreendido pelas práticas juvenis da sociedade actual, que desenha um novo actor juvenil, ao qual interessa “a festa, a música, o colectivo, novos estilos de vida mais adaptados à incerteza das sociedades contemporâneas, algumas causas sociais e algumas drogas” (Carvalho, 2004). Outros autores referiram, ainda, que as novas tendências associadas ao consumo de substâncias psicoactivas, na população juvenil, apontam para uma deslocação do perfil do consumidor problemático para o perfil de um utilizador não-problemático, com padrões de uso recreativo ou regular, mas bem sucedido relativamente à vivência quotidiana convencional e normativa, conseguindo conciliá-la com experiências de uso de drogas (Duff, 2005; Gourley, 2004; Parker, Williams & Aldridge, 2002). Assim, este perfil do utilizador não-problemático vai ao encontro da *tese da normalização* do uso de drogas, na medida em que esta indica uma mudança face aos consumos na actualidade, que se opõem às concepções tradicionais do toxicónimo “doente ou delinquente”, uma questão que constitui o enunciado organizador de vários debates durante as últimas décadas, traduzindo simultaneamente a dificuldade em situar o consumo de drogas no seio das figuras centrais do comportamento desviante (Agra, 1993).

Capítulo II – Metodologia

2 - Opções Metodológicas: Um veículo para o Conhecimento

2. 1- Do recorte do objecto à definição das questões de investigação

Inspirados no trabalho de Fernandes (1990), *Os Pós-Modernos ou a Cidade*, o Sector Juvenil e as Drogas, fomos assentando o objecto que equacionávamos estudar – o sector juvenil e o consumo de drogas. Não obstante, o nosso objecto não emergiu de modo imediato, foi despontando gradualmente, constituindo-se como resultado de uma construção contínua, obedecendo a uma delimitação à qual designamos *recorte do objecto*. Do seu recorte, seguimos um trilho que nos fez desembarcar na constituição dos grandes vectores de investigação, a que denominamos de questões de investigação. Estas, com carácter amplo, iriam contemplar no seu seio uma série de objectivos, que se foram desenhando e redesenhando à medida que a presença no terreno assim o exigia (Silverman, 2000). Com efeito, é no terreno que a visão se molda, é no terreno que as peças do puzzle se vão montando e desmontando, pelo que os objectivos inerentes aos vectores investigacionais foram sendo continuamente ajustados e reajustados.

Partiu-se inicialmente das possibilidades de alguns locais do urbano em actuarem como “concentradores juvenis”. Esta noção, recuperámo-la de Fernandes (1990), no estudo supracitado, realizado na Ribeira-Barredo:

“É um sítio com numerosa afluência de jovens – um concentrador juvenil. Esta constatação pode ser feita directamente através de observações exploratórias, ou dum modo indirecto, inferindo a importância que os jovens aí têm a partir dos espaços que estão organizados em função deles (bares, pubs, esplanadas, pequenos espectáculos de música...)”.

Assim, almejávamos levar a cabo a exploração, no urbano, de outro local que pudesse apresentar actualmente a finalidade que a Ribeira-Barredo apresentava há cerca de 20 anos atrás – no nosso caso, a Baixa do Porto, na envolvência das freguesias da Vitória e Cedofeita. Partindo deste conceito, é chegado o momento de apresentar as questões de investigação que nortearam a consecução do presente estudo - A Baixa do Porto é um concentrador juvenil nocturno? Que aspectos da sensibilidade juvenil se sentem aqui gratificados? Procuramos, então, estabelecer uma caracterização de aspectos mais específicos às culturas e identidades juvenis e a sua relação íntima com a esfera do lazer nocturno na cidade, atentando em dinâmicas juvenis e no porquê da afluência dos jovens a estes espaços. Paralelamente, procuramos perceber como se falam e sentem as drogas neste espaço? E de que modo o carácter atractivo do concentrador juvenil se articulará com o consumo de drogas? Trata-se, então, de uma investigação de cariz etnográfico sobre culturas juvenis, dedicada à experiência cultural do espaço e à experiência nocturna vivida por jovens, onde o consumo de drogas assumirá papel de análise mais profundo. Tomando

como referência a problemática da relação entre o sector juvenil e as drogas e com a consciência de que o fenómeno droga existiu e continuará a existir, pretendemos descortinar os contornos que, no presente, o fenómeno evidencia, tendo como base um contexto recreativo nocturno. Encontramos, assim, nos vectores de investigação o subcultural, quando temos por objecto o sector juvenil e pretendemos uma caracterização das suas vivências, dos seus modos de organização, das suas sensibilidades e dos seus relacionamentos com as drogas, na relação afecta às sensibilidades.

Enquanto investigação naturalista, conotamos o trabalho de terreno como um trabalho de descoberta, no início de carácter mais amplo e, mediante a passagem do tempo, com possibilidade de se poder ir intencionalizando. Assim, podemos classificar o nosso desenho de investigação como um processo de diferentes fases interligadas (Silverman, 2000), sendo provavelmente a flexibilidade uma das suas características mais salientes. Consideramos ainda que uma abordagem de cariz naturalista se revelava pertinente, como adjuvante ao produto de estudos epidemiológicos, utilizando o contexto recreativo como foco de análise, contribuindo, deste modo, para aumentar o leque de estudos realizados em Portugal dentro desta nova tendência.

2.1.1 - A escolha da unidade de estudo

Fernandes (1990) dizia-nos que a pesquisa de terreno detém como referente genérico a sociedade urbano-industrial cujo espaço característico é a cidade do tipo industrial e que a cidade do Porto responde predominantemente a estas características. Assim, a Baixa do Porto apresenta-se adequada como contexto de estudo, assumindo-se relevante para o objecto de investigação as oportunidades de observação que ocorrem nos seus diferentes espaços. Apesar de identificarmos a Baixa do Porto como contexto geral de trabalho de campo, tivemos de criar *âncoras de terreno*, que nos possibilitassem intencionalizar as nossas observações, de modo a evitar a dispersão da investigação. Neste sentido, a nossa investigação foi realizada a partir de dois contextos específicos – A Praça de Parada Leitão, mais concretamente o passeio circundante ao Café Piolho, tendo sido a parte contígua ao café a que denominamos café L., um dos locais específicos privilegiados, e um bar, que designaremos ao longo desta dissertação como Bar A. Consideramos a unidade de estudo escolhida, não só relevante para o objecto a investigar, mas também como um espaço que permite, pelas suas condições, o desenvolvimento de observações, ao mesmo tempo que se constitui área de fácil acesso e na qual existem contactos que proporcionaram uma progressiva aceitação em redes sociais informais.

. A nossa pesquisa seria realizada em contexto urbano, o que realça o nosso interesse pela cidade. Paralelamente, partimos com a noção de que falar do significado de algo só tem sentido por referência a um contexto e de que “o investigador só pode compreender o significado das interacções sociais se tiver maneira de as situar no contexto em que se co-produzem” (cit in Fernandes, 2002).

2.2 - Da epistemologia

Uma primeira análise ao Método, na sua globalidade, irá remeter-nos para um primeiro nível: o da racionalidade do trabalho científico. Falar das grandes racionalidades da Ciência, é falar da racionalidade fenomenológica, hermenêutica ou interpretativa e da racionalidade positivista. Tais racionalidades irão justificar diferentes modos de trabalhar em Ciência (Lagache, 1978). Do paradigma de investigação positivista diz-se que assume a existência de uma só realidade objectiva, averiguável através dos cinco sentidos, sujeita a leis universais da ciência e manipulável mediante processos lógicos. Tem o seu enfoque no estudo da realidade social utilizando o enquadramento conceptual, as técnicas de observação e medição, os instrumentos de análise matemática e os procedimentos de inferência das ciências naturais e, desta forma, “os factos sociais, embora não sejam entidades materiais, têm, portanto, as mesmas propriedades que as coisas do mundo natural” (cit in Moreira, 2007). O paradigma oposto, interpretativo, assume a existência de realidades múltiplas, com diferenças entre si que não podem resolver-se através de processos racionais ou aumentando os tamanhos amostrais (Erlandson et al., 1993, in Moreira, 2007). A diferença desta concepção em relação à positivista é clara. O programa interpretativo traduz uma reacção à postura objectivista do positivismo, que assimilando a realidade social e a acção humana a algo objectivamente investigável, silenciava precisamente este aspecto, o que distingue o mundo dos humanos do mundo das coisas. Deste modo, a dimensão subjectiva torna-se objecto primordial da investigação (Moreira, 2007). Neste sentido, para o positivista a ciência traduz a realidade. A linguagem científica corresponderá a uma tradução dos estados que o mundo vai conhecendo. Para o fenomenologista, os objectos não existem fora da interpretação. A esta atitude subjaz a ideia de que o sujeito não transmite a realidade, mas o modo como a interpreta. Assim, a realidade não existe em si mesma, mas as interpretações que dela se fazem.

Se privilegiamos a subjectividade, se aceitamos a existência de realidades múltiplas, se pretendemos aceder à perspectiva do actor social com todas as significações

que lhe são inerentes e se, por via de tal ambição, optamos por uma investigação naturalista que pudesse apreender a idiossincrasia dos nossos objectos, não será, com certeza, surpreendente, que tenhamos elegido a via da racionalidade fenomenológica. A fenomenologia enunciou o princípio do qual partimos para chegar aos fenómenos, reflectindo a nossa atitude face aos mesmos. Somente após uma abordagem empírica e experiencial, se chegou posteriormente à produção teórica. Por conseguinte, poder-se-á afirmar que partimos de uma postura *emic* antes de chegarmos à *etic* - após a recolha de dados se procurou atribuir um sentido ao que se recolheu, recorrendo quer ao ponto de vista dos nativos, quer ao próprio ponto de vista científico (Pinto, 2009).

2.3 - Às Posturas Teóricas

Se “escolher um método é escolher uma teoria” e se “nenhuma metodologia se justifica por ela mesma, é necessário para lhe compreender a escolha e o uso, aproximá-la da teoria com a qual é compatível” (Coulon, 1992, cit in Fernandes, 2002a, p.38), coloca-se-nos a necessidade de revelar as nossas posturas teóricas. Este posicionamento embarcar-nos-ia à nossa própria visão acerca da acção humana, para nós complexa e fundamentalmente indeterminada, desde logo porque nela intervêm as significações e o sentido que o sujeito confere aos seus actos, nos diversos contextos em que actua.

Ao perspectivar assim o sujeito, a acção humana e o contexto com que ela interage, aproximamo-nos das teses defendidas pelo interaccionismo simbólico. Para Blumer (1982), o interaccionismo simbólico é uma perspectiva acerca da vida dos grupos humanos e do comportamento do homem. Essa perspectiva assenta em três premissas básicas que configuram a natureza da interacção simbólica (Blumer, 1982): 1) a de que o ser humano orienta os seus actos face às coisas em função do que estas significam para ele; 2) o significado dessas coisas deriva de, ou surge, como consequência da interacção social que cada um mantém com o próximo; 3) os significados manipulam-se e modificam-se mediante um processo interpretativo desenvolvido pela pessoa ao confrontar-se com as coisas que vai encontrando no seu caminho. Eleva-se, assim, a visão do ser humano enquanto entidade activa no meio ambiente, portanto, co-construtor da sua conduta, moldando a sua experiência e atribuindo-lhe sentido (Munm, 1946, in Lagache, 1978). A propósito das implicações metodológicas do interaccionismo simbólico, ressalte-se que o comportamento não pode ser descrito nem explicado pelas suas manifestações exteriores e objectivas, uma vez que se plasma na base de significações, veiculando um sentido (Blumer, 1982).

Elegemos igualmente a Psicologia Ambiental pela ênfase colocada na importância dos contextos sobre o comportamento humano. Fisher (1994) defende que vivemos sempre num espaço, que, mais do que mero quadro puramente exterior, é antes matriz que enforma as relações na sua complexidade, ao mesmo tempo que resulta de factores culturais, sociais, institucionais. Assim, a natureza actua sobre o ser humano que, por sua vez, age sobre factores espaciais que o determinam. O valor do espaço e a orientação da conduta seriam, então, explicados pelos alicerces da natureza dessa relação (Fisher, 1994). Ficará, por conseguinte, subentendido, que a relação entre o espaço e o comportamento humano que nele tem lugar será sempre dinâmica, intricada e imensamente complexa. O espaço, mais do que físico, é socialmente construído, pelo que será interdependente da conduta. Este pensamento é-nos complementado por Pinto (2009, pp. 32/33): “Os espaços humanizados são-no em função da ocupação que deles faz o homem e constituem autênticas representações do contexto histórico, cultural, social em que se inserem mas são, ao mesmo tempo, produtores de historicidade, socialidade e cultura”.

Segundo o legado de Blumer (*in* Fernandes, 2002a) os jovens orientam os seus actos em relação às coisas em função do que estas significam para eles. A fonte desse significado emanará, portanto, das actividades dos indivíduos ao interactuar. Mais ainda, a utilização desse significado produz-se através de um processo de interpretação própria, que supõe auto-interacção e manipulação de significados. Com efeito, interessou-nos aceder à voz do actor social e às suas práticas, através de uma abordagem proximal. Sendo os espaços socialmente construídos e ganhando as acções sociais o seu significado “a partir do contexto em que se situam” (Fernandes, 2002), a nossa aproximação à Psicologia Ambiental parece, também ela, justificada.

2.4 - A escolha do Método

“Mas sempre diremos que a etnografia é, mais do que um método, um modo de existir e um estilo de habitar as ciências sociais (...).” Fernandes, 2002b.

Primeiramente, importa referir que nos inspiramos na tradição fenomenológica, não intentando sobrevalorizá-la, mas antes elegê-la como pedra basilar a todo este processo de construção, ou de eleição, do método. E as próprias concepções relativas ao método, acabam por depender das racionalidades que, de longe, vigiam e legitimam o trabalho científico (Fernandes, 2002a).

Privilegiamos, na consecução do nosso estudo, os métodos qualitativos. A opção por este tipo de investigação releva do entendimento de que as questões a investigar não se

estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo formuladas com o objectivo de estudar os objectos em toda a sua complexidade. Para além disso, acresce o facto de tais métodos enfatizarem os processos e significados, encarando ainda a realidade como socialmente construída (Denzin & Lincoln, 1994).

Para Bogdan e Biklen (1994), na investigação qualitativa, a fonte directa de dados é o ambiente natural, o que se constituiu um dos motivos principais para a escolha da pesquisa de terreno como veículo para acercar o nosso objecto, com a consciência de que “divorciar o acto, a palavra ou o gesto do seu contexto é perder de vista o significado” (cit in Bogdan & Biklen, 1994, p. 48) e os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva. De facto não pretendemos recolher dados com o intuito de confirmar ou infirmar hipóteses, pelo contrário, as abstracções foram sendo construídas à medida que os dados recolhidos se foram agrupando. Este modo indutivo de chegar aos “resultados” caracteriza também o nosso estudo. Tal abordagem é, aliás, a base da Grounded Theory (Glaser & Strauss, 1967), segundo a qual a teoria que subjaz um sistema ou comunidade sociocultural se desenvolve directamente a partir dos dados empíricos. Importa ainda salientar que acabamos por redesenhar questões específicas à medida que os dados iam sendo recolhidos no terreno e que a nossa abordagem à investigação não foi realizada com o objectivo de testar hipóteses, mas antes privilegiando, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos, nos seus contextos ecológicos naturais. Assim, o significado é de importância vital na abordagem qualitativa (Psathas, 1973 in Bogdan & Biklen, 1994), tendo-se revelado fundamental aceder ao modo como os actores interpretam as suas experiências e o modo como eles próprios estruturam o mundo social em que vivem, o que vai de encontro à abordagem fenomenológica.

Uma via para legitimar as nossas opções metodológicas poderá passar igualmente por nos referirmos à adequação do método com o objecto que se pretende estudar. Deste modo, tendo como objecto o sector juvenil e o consumo de drogas, onde nos importará os significados atribuídos pelos actores às suas práticas, o estilo de pesquisa que nos pareceu mais adequado para chegar ao objecto constituiu-se a pesquisa de terreno. Genericamente, este modo de pesquisa supõe presença prolongada do investigador nos contextos sociais em estudo e contacto directo com as pessoas e situações (Costa, 1989), em consonância com a forma pela qual pretenderíamos abordar o objecto – através de uma abordagem proximal. A pesquisa de terreno não se trata de uma técnica isolada, mas sim de um método geral, ou, antes, de uma família de métodos (Costa, 1986).

Sendo este um estudo exploratório, estivemos dependentes daquilo que o terreno nos poderia oferecer e ainda da nossa (in)experiência enquanto investigadores. Deste modo, a nossa abordagem seria continuamente reajustada devido a contingências situacionais e à hibridez que o terreno acabou por manifestar. De facto, a investigação social não é uma questão de procedimentos simples, mas um processo social, onde, por consequência, a interacção entre o investigador e o investigado influencia directamente o curso da investigação (Burgess, 1997). Assim, o projecto e a metodologia de investigação estão a ser continuamente definidos e redefinidos pelo investigador. De acordo com Burgess (1997), “em nenhum outro lado este facto é mais essencial do que na condução da pesquisa de terreno, que é caracterizada pela flexibilidade”. Foi assim que, embora seguindo técnicas e estratégias de pesquisa, partimos para o terreno - não perspectivando regras ou procedimentos rígidos, nem papéis estritamente fixados.

Tomando em atenção o cariz do nosso estudo – estudo exploratório de carácter etnográfico – centremo-nos, agora, na abordagem etnográfica que serviu de cunho à nossa investigação. A etnografia consiste numa abordagem metodológica particular de características bem definidas, socorrendo-se de um vasto conjunto de técnicas (Pinto, 2009). Fernandes (2002a) faz menção a estas características, que nos propomos a sintetizar – a etnografia constitui-se como um método investigativo, onde o principal instrumento é o próprio investigador; geralmente incide sobre uma pequena unidade de estudo; os procedimentos de recolha de informação utilizados são predominantemente do tipo descritivo e debruçam-se sobre os objectos da unidade de estudo a que o investigador puder ter acesso (holismo); exige uma grande familiarização do investigador com o contexto, o que se torna essencial para reduzir o impacto da sua presença como “corpo estranho” e para aceder a um posicionamento proximal que dê conta das perspectivas dos actores sociais; possui uma grande flexibilidade, que se revela fundamental para a adequação ao fluxo dos acontecimentos no terreno; nela o investigador adopta uma participação informal em situações variadas; e releva o impacto mínimo do investigador e da pesquisa na recolha de dados, sendo talvez o método menos interferente.

O etnógrafo, ao pretender compreender tem para isso que “viver dentro” do contexto em análise (Caria, 2002). Assim, a etnografia pressupõe um período prolongado de permanência no terreno, cuja vivência é materializada no diário de campo (Caria, 2002). Fernandes (2002b), ao descrever a organização do seu diário, é elucidativo de como o etnógrafo é objecto de processos de socialização local que o obrigam a evidenciar as suas inseguranças e perplexidades e a relativizar as suas origens culturais. Neste sentido, ele

está dentro para compreender, mas, ao mesmo tempo, tem que estar fora para racionalizar a experiência e poder construir um objecto científico legítimo (Caria, 2002). Segundo Caria (2002), a etnografia constrói-se na desejável articulação entre os sistemas de significação e de acção nativos (*o emic*) e os sistemas de significação e acção científico-sociais (*o etic*).

Ressaltemos, neste momento, a relação de coerência entre o cariz etnográfico do nosso estudo exploratório e as bases teóricas definidas como opções da nossa forma de encarar o modo de fazer ciência. Citando Pinto (2009), “a abordagem etnográfica é por natureza, radicada numa atitude fenomenológica que procura activamente escutar os fenómenos na forma como se dizem em contexto, daí a relevância dada à abordagem proximal, à permanência prolongada e intensiva no terreno, ao registo quotidiano do discurso e acções dos etnográficos”. Encontramos a sintonia entre etnografia e fenomenologia descrita por Fernandes (2002b) – “o comportamento é, pois, sentido – o acesso ao sentido só pode fazer-se através do discurso do actor sobre as suas acções, não está inscrito na acção em si mesma”. Assim, interessaram-nos as perspectivas dos actores e o processo de interacção social no contexto, ou não ganhassem as acções sociais o seu significado “a partir do contexto em que se situam” (Fernandes, 2002a).

Resta salientar que os procedimentos de investigação, descritivos, assentaram nos elementos da unidade de estudo a que conseguimos ter acesso. Assim, fomos deambulando, observando, falando com pessoas e participando em diferentes actividades, o que acabou por contribuir para um crescendo da familiarização com o contexto. A abordagem proximal adoptada revelou-se crucial no acesso às perspectivas dos actores e às suas significações (Spradley, 1979). Por outro lado, a nossa condição juvenil assumiu-se como aspecto facilitador na acessibilidade ao terreno, bem os contactos informais que fomos estabelecendo. Não obstante, importa ressaltar que este não é um estudo etnográfico, é antes um estudo exploratório de cariz etnográfico, essencialmente devido a constrangimentos situacionais e a uma questão de *timings* para a sua realização, que impediram uma presença prolongada no terreno, requisito básico da etnografia.

As primeiras aproximações ao terreno ocorreram em Maio de 2010, tendo-se começado a desenvolver observações sistemáticas a partir de Setembro do mesmo ano. Até Maio de 2011 deslocamo-nos à zona que tínhamos definido como a nossa unidade de estudo. Nesta fase constituímos um diário de campo que se revelou frutífero e imprescindível para a nossa pesquisa, onde relatamos as nossas incursões ao terreno, num total de 27 saídas, que decorreram fundamentalmente às 6as e Sábados, das 22h às 6h.

2.5 - As técnicas – Mote para o encontro com o objecto

Líamos em Fernandes (2002a): “A etnografia é um método de investigação em que o principal instrumento é o próprio investigador”. Deste modo, é ele quem observa locais, objectos e símbolos, pessoas, actividades, comportamentos, interacções, maneiras de estar e de dizer, situações, ritmos, acontecimentos (Costa, 1986). Os acontecimentos, situações e pessoas que o investigador pretende estudar dependem habitualmente de interesses teóricos e substantivos, de que resultarão diferentes estratégias (Burgess, 1997). Detenhamo-nos, agora, nas técnicas de que nos socorremos na consecução da investigação. Mencione-se ainda ter-se adaptado diferentes técnicas de acordo com a evolução da investigação.

2.5.1 - A Observação (da directa à participante) e os Intermediários

A designação de “observação directa” é por vezes mencionada num sentido estrito, com o intuito de designar o conjunto de técnicas de observação visual e auditiva. Segundo Costa (1986), “estas técnicas podem chegar a ser muito rigorosas se servidas por tipologias de classificação das observações (...). O primeiro e indispensável requisito é o de que as tipologias informem o olhar (...) e comecem a ganhar sentido, distinções, obtendo-se, assim, informação categorizada”. A observação participante, por sua vez, encerra, não só o valor de estratégia de recolha empírica, como o de importante vector de identidade do método etnográfico em ciências sociais (Carvalho, 2004). Apoiando-nos em Fernandes (2002a), podemos situar a estratégia da observação num contínuo, “desde a observação directa, distanciada e desimplicada em situação de anonimato até uma observação participante, demorada e intensa, na posição de co-actor (overt ou covert)”. Para Costa (1986), a questão da participação associa-se à inevitabilidade do estabelecimento de alguma forma de aproximação. A vantagem de ser observador participante residirá na oportunidade de estar disponível para recolher dados pormenorizados e na possibilidade de obter relatos de situações na própria linguagem dos participantes (Burgess, 1997). Foi no contexto de um concentrador juvenil que desenvolvemos a nossa pesquisa, estruturada inicialmente na observação directa, naturalista, que, gradualmente evoluiu para observação participante, fazendo-se ainda recurso a informantes privilegiados.

Na pesquisa de terreno cultiva-se comumente um relacionamento mais próximo com algumas pessoas (Costa, 1986), revelando-se imperativo prático da inserção no tecido social local, tornando possível observar uma panóplia de facetas das redes de relações em que os actores estão inseridos. Paralelamente, os informantes são fonte de informação

permanente sobre outras pessoas, aspectos do contexto social em estudo e acontecimentos que nele se vão passando (Costa, 1986). “É sobretudo no desempenho deste último papel que se lhes tem chamado *informantes privilegiados*” (cit in Costa, 1986).

Ainda que através da observação participante, nos tivéssemos sentido verdadeiramente embrenhados no terreno, nas relações e interacções sociais, tal não anula a importância que a observação directa assumiu. Em suma, evoluímos de uma observação directa, distanciada e desimplicada, em posição de anonimato, até uma observação participante, na posição de co-actores, com estatuto covert que, apesar de intensa, não foi tão demorada quanto pretenderíamos. De facto, quando atingimos este ponto da investigação, por via das circunstâncias, não nos restava o tempo de permanência que desejávamos. Foi fundamentalmente a partir do momento em que B.L. (nosso informante) nos introduziu no seu grupo, que começamos a embrenhar-nos nos terrenos da observação participante, acompanhando algumas saídas nocturnas, muitas delas ao bar A., e assistindo a uma panóplia de interacções e a consumos de diferentes tipos de drogas que podemos enquadrar naquilo a que designamos de *socialização drug* (Fernandes, 2002c).

2.5.1.1 - O diário de campo

O registo das notas de terreno, onde dávamos conta das nossas incursões, materializou-se na elaboração do diário de campo. O texto resultante é ponto de fixação das realidades que os órgãos dos sentidos captaram, mas é também lugar de construção do seu significado sócio-cultural (Fernandes, 2002c). Escrever notas de terreno é, portanto, processo de construção de sentido é, como nos dizia Fernandes (2002c), disciplinar o acontecer simultâneo das várias memórias que se cruzam. A partir de um determinado momento da investigação apercebemo-nos que relacionávamos cenas com elementos teóricos que lhes davam coerência, daí que se tenha começado a esboçar um enquadramento conceptual – era o momento de produzir grounded theory, como recomendavam Glaser e Strauss (1967). Para além do registo das observações, escreveríamos igualmente um conjunto de notas metodológicas quando aspectos como a evolução no terreno, os informantes, o *timing* que tínhamos para a investigação, avanços e recuos, anseios e dúvidas relativos à condução do trabalho de campo, o estatuto de investigador, exigiam reflexão.

2.5.2 - As entrevistas e a Análise de Conteúdo

Após um período de permanência no terreno, não tão prolongado quanto desejaríamos, sentimos a necessidade de recorrer a entrevistas, objectivando-se uma

compreensão mais profunda em termos do significado de práticas e comportamentos dos actores, como adjuvante ao que obtivéramos no terreno. Encontramos em Spradley (1979) bases teórico-práticas que nos possibilitaram mover um determinado tipo de interacção com os sujeitos, facilitando-lhes a libertação do discurso - a Entrevista Etnográfica, onde investigador vai introduzindo subtilmente novos elementos que permitem aos sujeitos responder enquanto alvos de uma investigação (Spradley, 1979).

Convidamos a participar no estudo jovens com os quais tínhamos já contactado, bem como pessoas referenciadas pelos mesmos, tendo-se realizado entrevistas informais e semi-estruturadas. A nossa opção por este tipo de entrevistas prendeu-se com o facto de pretendermos evitar um cunho rígido, concedendo, ao invés, liberdade ao entrevistado, preocupando-nos ainda a criação de um clima de colaboração positiva (McAdams, 2000). Foram realizadas doze entrevistas a jovens que frequentam regularmente a Baixa do Porto e que fazem do lazer nocturno prática recorrente e/ou que utilizem substâncias psicotrópicas nesse contexto. Os actores entrevistados, de ambos os sexos, tinham idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos de idade. Remete-se para anexo uma breve descrição dos actores (cf. Anexo 1). De referir ainda que se suspendeu a condução de entrevistas a partir do momento em que se atingiu a saturação teórica (Angrosino, 2007).

A análise de conteúdo constituiu-se a opção para o tratamento do material obtido. Considerando as diversas vertentes que esta pode tomar, optamos pela Análise Categorical Temática Qualitativa, que determina que o recorte das unidades de registo das entrevistas seja o conteúdo semântico das mesmas – o Tema (Bardin, 1977). As unidades de contexto determinaram, então, a inserção das unidades de registo nas diferentes categorias. O processo de categorização culminou na formação de uma grelha de análise (cf. Anexo 2).

A análise de conteúdo é, então, uma opção que permitirá um tratamento metódico da informação e uma análise do material. Assim, partimos para um trabalho exploratório sobre o corpus que permitiu estabelecer um plano de categorias que releva simultaneamente da problemática teórica e das características concretas dos materiais em análise (Vala, 1986), tendo, portanto, emergido categorias *a priori* e *a posteriori*. Depois de elaborada a grelha chegara o momento da produção de inferências, que possibilitou a passagem à interpretação. Assim, a análise de conteúdo permitiu a obtenção, através de procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que possibilitaram a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção destas mensagens (Bardin, 1977).

Capítulo III – Apresentação e discussão dos resultados

É chegado o momento de apresentar a síntese proveniente dos dados obtidos a partir das técnicas integradas na nossa pesquisa de terreno. No fundo, podemos explicitar tal tarefa como a de colocar em prática os procedimentos metodológicos explicitados no capítulo precedente, obtendo uma aproximação ao objecto previamente recortado. Chamamos-lhe *apresentação e discussão dos resultados*.

3.1 - A Noite como Construção – Uma Temporalidade Simbólica associada ao Lazer

A noite parece construir-se simbolicamente, num quadro de transfiguração relativamente ao dia - “*A noite é diferente do dia*”¹. Assume-se como tempo de libertação, oferecendo-se como contexto aberto a múltiplas possibilidades e revelando-se espectacular e surpreendente - “*Na noite tudo pode acontecer*”. Na vivência da noite vemos esboçado um quadro de práticas de consumo, mas também de diversos interesses e estilos de vida que, como afirmavam Ryan & Fitzpatrick (1996 in Sanches & Martins 1999) têm ajudado a re-conceptualizar os processos de individuação e comunidade. Nela emerge um plano de relações sociais muito próprio, numa lógica cultural particular, a que designamos *cultura da noite*. Para os jovens, esta *cultura da noite* assume contornos de liberdade, de novidade, contrariamente ao dia que é conotado com a rotina, mas também de espaço de partilha com pares e de vivência de experiências que o dia interdita - “*O convívio à noite com os amigos é sempre diferente e depois, por exemplo, podes apanhar uma moca com eles, porque ninguém na minha idade apanha a moca sozinho e também não é de dia que vais apanhar a moca, ou que tens um espaço onde possas dançar*”.

Se as actividades associadas à noite eram, até há algum tempo atrás, conotadas como marginais e os seus protagonistas encarados como personagens dúbias (Lovatt, 1996 cit in Sanches & Martins 1999) e se a noite aparecia associada a fenómenos de exclusão e de alteridade marginal, a permanência no terreno fez-nos edificar uma inteligibilidade, que, não excluindo esta dimensão, lhe acrescenta uma outra. Na realidade, as culturas juvenis que se apropriam da *cultura da noite*, vivem-na de um modo intenso e alternativo relativamente à visão que durante muito tempo vigorou. Assim, a noite como *espaço-tempo* é palco de “*encontro de imensas pessoas, onde estão presentes diferentes pessoas, com interesses diferentes, com ideais diferentes, mas que partilham o gosto pela noite... É fuga, euforia, é gente e alegria...*”. A noite justifica, assim, o seu carácter atractivo para os

¹ Todo o discurso directo não referenciado como “Diário de Campo”, pertence ao conteúdo das entrevistas, cujos actores estão caracterizados no anexo 2.

jovens que nela vêm a possibilidade de experimentar diferentes papéis. A vivência da noite e das suas possibilidades, emerge como parte da vida juvenil, onde podem ser identificados valores, referências e trocas sociais próprias. Assim, essa vivência faz parte do universo da aprendizagem progressiva do jovem no seu mundo social. E será nas diversas actividades oferecidas pela noite que a esfera do lazer apresenta as suas atracções. Cabe dizer que, associada à noite surge a noção de procura de excitação e prazer, que se articulam, neste espaço-tempo de modo intenso. Na sua esfera atractiva assentam os pólos da desconstracção e repouso, mas também divertimento e de relações sociais. O sentimento de liberdade significado pelos jovens caracteriza também a noite como um espaço e um tempo tipicamente juvenil - *“A noite faz-me evadir, gosto e sinto-me bem... posso libertar-me, ser eu e ir além de mim... mas também posso ser o que sou e o que quiser ser no momento”*. Este argumento de liberdade, parece, por conseguinte, coincidir igualmente com a ideia de que os jovens vêm na noite um espaço e um tempo onde se podem exprimir natural e descomplexadamente - *“Acho que já não há tanto pudor (não sei se é esta a melhor palavra) na noite... Ou complexos... podes fazer maluqueiras, dançar como quiseres, até ao limite”*. No que respeita às razões primordiais apontadas como justificação para as saídas nocturnas destaca-se a importância da possibilidade eminente de diversão, de convívio ou tão simplesmente *“descomprimir e rir um bocado”*.

A nossa investigação teve lugar num momento de expansão e consolidação de uma economia de lazer que tomou como referenciais-chave a noite, um espaço central da cidade do Porto, a Baixa, e os jovens. Podemos dizer que assistimos a uma requalificação do lazer nocturno na cidade do Porto que vê agora na Baixa um espaço preponderante para a sua consubstanciação - *“Estava com B.L e os seus amigos, sentamo-nos todos no chão em roda (...) O P. comentava que tinha aberto um bar novo e o A., nesse mesmo instante, refere um outro espaço que abriu também recentemente. E o B.L acrescenta – Em qualquer cubículo abrem um bar... há tanta merda aí aberta que qualquer dia uma pessoa já nem sabe onde ir...”*. (Diário de Campo, 11 Março, 2010). Neste sentido, a noite insinua-se indubitavelmente nos percursos de lazer de muitos jovens. Paralelamente, encontramos um conjunto de simbologias atribuídas, como espaço-tempo que propicia desde a evasão - *“À noite solto-me muito mais”*, a diversão - *“Sair à noite tem como primeiro objectivo a diversão”*, um plano de relações inter-pessoais - *“Vou, porque os meus amigos vão, mas não me prendo só a eles, também conheço gente nova”*, até ao encanto de um flirt - *“Na noite os flirts são mais do que normais e quem não gosta de um flirt?”* ao gozo de uma dança ou à experiência de consumos de drogas *“Tirando a ganza, o pessoal consome todo*

é à noite... porque tens outro ambiente e a música também... o mais normal é mandar MD à noite, um risco de coca ou até ecstasy é a noite... as festas são à noite". Tudo isto parece edificar-se num plano de uma construção simbólica da noite. Com efeito, o palco pode até ser o mesmo, mas a construção simbólica que dele se faz é distinta, conforme seja dia ou seja noite. Mais ainda, os trilhos nocturnos facilitam identidades tipicamente juvenis (Pais, 1993).

Na voz daqueles que a vivenciam, há uma visão positiva da noite, ainda que lhe reportem alguns problemas como episódios de violência ou actos de vandalismo. Porém, apesar do reconhecimento de tais episódios, o carácter atractivo da noite não parece abalado, na medida em que estes aparecem como *"a excepção e não a regra"*. Ainda assim, é-lhe imputado um cunho de imprevisibilidade - *"Sabe-se como se começa, mas não se sabe como acaba"*.

Estaremos, portanto, perante uma certa ritualização da prática de sair à noite e esta, por sua vez, constitui marca importante das identidades juvenis, sendo os jovens elementos preponderantes da movida nocturna.

3.2 - A Baixa como Concentrador Juvenil Nocturno – O tempo e o espaço e de como o espaço atrai e marca a vivência nocturna

Hoje deixamos o carro na Rua dos Bragas. Dirigimo-nos a pé, pela Rua de Cedofeita, até chegarmos à Praça Carlos Alberto. Pelo percurso, fomo-nos apercebendo de que algo estava diferente... Havia pouca gente na rua... Olhamos para o relógio - marcava as 23h00. Continuamos até chegar à Praça de Parada Leitão. Não havia filas para pedir nos cafés, poucos eram aqueles no passeio e na Praça. Lembramo-nos que era segunda-feira e de que o tempo não está muito convidativo... (...) A diferença em relação ao fim-de-semana é incontestável... (Diário de Campo, 15 Novembro, 2010)

Os actores identificam a sexta-feira e o sábado como os dias preferenciais de saída, apontando como razão primordial o fim-de-semana e, com ele, a *"ausência de certas responsabilidades e horários para cumprir"*. De um modo global, as saídas têm uma frequência de uma a duas vezes por semana, ainda que alguns jovens referenciem que, dependendo da semana, podem sair até três ou quatro vezes. Este volume de saídas aparece muitas vezes associado a festas temáticas que ocorrem em espaços específicos ao longo da semana ou ainda, no caso de jovens residentes no concelho do Porto, por uma questão de proximidade - *"Em vez de ir tomar um café ao café da esquina, vou até ao Piolho, sempre*

é mais interessante”. Não obstante, mesmo o fim-de-semana, surge para os jovens que frequentam a Baixa, em modo nocturno. Quer pela nossa permanência no terreno, quer pelas entrevistas que realizamos, fomos constatando que esta afluência de jovens, marca uma metamorfose da cidade, ditada pelo pôr-do-sol. Com efeito, ao fim da tarde começam a delinear-se as saídas e, fazendo o jantar já parte da saída ou, mesmo depois de jantar, a noite marca os encontros juvenis na Baixa. Deste modo, o fim-de-semana emerge como o mote para a quebra da rotina diária, marcada por actividades formais e o período nocturno, tido como o de eleição no mundo juvenil - *“A noite é vida, a noite é encontro”*, patenteia a libertação e euforia que *“o dia não permite”*.

Se há noites da semana reservadas a festas temáticas, como a quarta-feira reggae no Contagiarte, a noite de quinta-feira é tida como a noite da população estudantil por excelência *“Chegamos à Baixa à meia-noite... Subimos a rua dos Clérigos e vemos, na Praça, um amontoado de capas negras”* (Diário de Campo, 2 de Dezembro, 2010). As noites de sexta-feira e Sábado para além de se constituírem as noites mais populosas, são aquelas que os jovens trabalhadores frequentam quase que exclusivamente - *“Não vou à semana, não vou chegar ao trabalho com cara de ressaca, ou pior, há um sério risco de adormecer...Tenho o fim-de-semana para isso”*. Para os jovens estudantes também, ainda que possam sair igualmente à semana - *“Matar uma aula de manhã nunca fez mal a ninguém”*. Mas, ainda que muitos jovens saiam frequentemente, as saídas nocturnas são sentidas como libertadoras e potenciadoras de experiências e interacções que o dia interdita, parecendo possuir uma função vital para a vivência juvenil ao demarcar-se da rotina do dia-a-dia - *“Se saíssemos todos os dias, não dávamos valor...”*. Deste modo, nos dias da semana há uma tendência de “igualização formal” em relação à família por parte dos jovens. Já os fins-de-semana são espaços-tempo de “diferenciação e distinção social” (Relvas, 2006), o que faz com que a ruptura com o quotidiano (Pais,1993) se efectue predominantemente ao fim-de-semana (Lomba e tal., 2011).

Outra questão a ter em consideração prende-se com a sazonalidade. Se passamos de uma desertificação a uma enchente da Baixa e se há dias com maior afluxo de pessoas e outros com menor, também a estação do ano terá a sua influência. Assim, quando fizemos as nossas primeiras aproximações ao terreno, no Verão de 2010, constatamos que, por ser período de férias e de calor, a Baixa mostrava-se mais movimentada e populosa, quer ao fim-de-semana, quer à semana - *“Hoje demorámos quase uma hora para conseguir estacionar o carro... Estava um trânsito infernal. Estivemos mesmo a ponto de desistir”* (Diário de Campo, 31 de Julho, 2010). Por outro lado, se no Inverno nos deparamos muitas

vezes com uma Baixa menos movimentada, principalmente em noites chuvosas, outras eram as noites, geralmente de frio, mas não de chuva, em que demorávamos meia hora para estacionar o carro. Algumas foram também as vezes em que a visão ilusória da rua vazia, não nos fazia antever a noite que se avizinhava. “*«Nem vale a pena sair do carro», pensamos nós. Mas como tínhamos combinado uma saída com o B.L. e os seus amigos não quisemos estar a desmarcar (...). Acabamos por acompanhá-los, mas mesmo eles se mostravam descontentes. – “Hoje não se passa nada”, dizia o P. Convidaram-me para ir com eles ao bar A., não hesitei e disse que sim. (...). O bar A. estava cheio, era noite de drum and bass... As pessoas transpiravam com o calor (...). Ainda bem que fomos, a rua não tão cheia como o habitual, quase me fez desistir, mas o bar A. proporcionou-me uma noite rica... em observações e interacções.*” (Diário de Campo, Janeiro, 2010).

De um outro prisma, as épocas de exames ou de maior carga de trabalho influenciam também a frequência das saídas nocturnas relatadas pelos jovens, havendo, nessas alturas, uma “suspensão” das mesmas, ainda que abram espaço a “*um café para descomprimir*”. Como afirmava T. “*Depende mais da altura, se fosse uma altura de exames, que visse que estava mais ocupada, se calhar não ia tanto. Havia uma semana que se calhar nem ia*”.

As nossas incursões ao terreno permitiram-nos constatar que o afluxo juvenil tem início por volta das 22h, 23h, havendo uma dispersão nas ruas e praças por volta das 2h, hora em que bares e discotecas começam a encher. No caso particular do bar A. onde fizemos as nossas observações, começava a encher por volta das 2h, prolongando-se a noite até às 5h, 6h. A maioria dos jovens com os quais contactamos afirmava ficar pela Baixa pelo menos durante 3 a 4 horas, ressalvando sempre que o modo como a noite ia correndo seria determinante para o tempo de permanência - “*Lá está, isso é muito relativo. Depende da noite e do estado espírito, meu e dos meus amigos. Ou tanto podia estar lá duas horas ou ser só o ponto de encontro, na Baixa, ou passar a noite inteira*”.

Ao longo da permanência no terreno fomo-nos apercebendo que o concentrador juvenil congrega diferentes espaços que vão de encontro a diferentes interesses e que suprem diferentes funções na vivência juvenil. Paralelamente, os jovens, ainda que se fixem por um determinado período de tempo num espaço, vão deambulando de rua em rua, de praça em praça, de café em café e de bar em bar. Já Lomba e colaboradores (2011) referenciavam a visita a diferentes locais, elegidos pelos jovens. Com efeito, a panóplia de locais oferecidos na Baixa, no quadro de uma *economia da noite* (Lovatt, 1996 in Sanches & Martins, 1999), resulta numa procura que não se esgota na *rua x* ou no *bar y*. Assim, de

acordo com os fins recreativos que os jovens procuram, desenham-se espaços que são procurados, não pelo seu físico, mas pelo ambiente social envolvente - *“O que me interessa mais é o ambiente social, as pessoas que lá se encontram”*; pelos interesses do momento (as ruas e praças são vistas como locais de convívio e palco de encontro e socialização; os locais fechados, principalmente os bares, surgem associados a diversão e essencialmente à música) e porque *“percorrer tudo isto, faz também parte do ritual da noite aqui na Baixa, e é mesmo isso que ela tem de bom... poderes andar de um lado para o outro”*.

A maioria dos actores refere a Baixa como o local de saída nocturno privilegiado actualmente entre a população juvenil. Quando tal referência é feita, emerge quase sempre um paralelo relativamente à Zona Industrial, parecendo haver um declínio da última, em favor de uma opção clara e expressa pela primeira - *“A zona Industrial já não é o que era, passou de moda... E obriga-te a estar num sítio, a pagar e a não poder sair dali, não dá para mim”*. São diferentes os motivos pelos quais a Baixa é eleita como paragem quase obrigatória de uma saída, mas ocupar-nos-emos disso mais tarde. Nas saídas na Baixa, parece cumprir-se um itinerário, que não é estanque e que varia de noite para noite, em termos dos ambientes procurados e ainda da companhia. A Baixa pode constituir-se ponto único de uma saída ou anteceder a ida a outro sítio, ainda que para os actores este espaço concatene ingredientes suficientes para ser palco de uma única saída nocturna - *“E, mesmo quando a noite não acaba lá, é geralmente lá que a sua abertura é feita”*. *“Tanto podemos ir lá beber um copo, como ficar mais tempo, ir até a um bar e sair de lá quase de manhã”*. A noite parece fluir ao sabor da ocupação do tempo que é feita, numa organização colectiva que reforça a coesão grupal (Pais, 1993). Neste sentido, passa-se facilmente de estar na zona contígua ao *Piolho* a beber um copo e a conviver, até ao Túnel de Ceuta, e de lá até a um espaço fechado, por exemplo, onde a música é o principal factor de atracção.

As praças e ruas são apontadas como o local de início da noite, *“seja para beber um copo ou fumar um charro”*, delineando-se, muitas vezes, a partir daí o que fazer de seguida e, pela deambulação, vão-se escolhendo sucessivamente os sítios onde parar. O *Piolho* é eleito pelos jovens como ponto de encontro inicial, ainda que o *Piolho* signifique mais do que o café emblemático da comunidade estudantil - o *Piolho* reporta, na voz dos actores, toda a zona adjacente, desde o passeio em frente aos cafés, até à Praça Parada Leitão propriamente dita. Para além do *Piolho*, A Rua Galerias de Paris e ruas paralelas, como a Rua Cândido dos Reis, servem também de locais contemplados nos itinerários dos jovens, ainda que estes as conotem com um *“ambiente mais formal”*, ao qual aparecem

associadas faixas etárias superiores - “*Vai pessoal mais velho para lá, no piolho não vê tanto*”. A Rua de Ceuta faz também parte dos itinerários nocturnos. Estes constituem-se os três principais pólos onde se observam aglomerados de pessoas em espaço aberto.

A oferta é extensa em termos de locais fechados, desde cafés a bares, que, numa *economia de consumo*, vêm na noite um modo de chegar aos jovens. Estes procuram demarcar-se dos demais, fazendo muitas vezes de diferentes “noites temáticas” o chamariz para atrair camadas juvenis com diferentes interesses. Verificamos igualmente, ao longo do tempo, que, à medida que se multiplicou a abertura de casas nocturnas, ainda que se distinguíssem os referidos aglomerados de pessoas, houve um contributo para a uma maior circulação dos jovens. Em suma, ainda que não seja linear, é muito provável que a noite comece no Piolho, embora não se esgote lá - “*Ando sempre de um lado para o outro, percorro aquela zona toda. Piolho logo, mas a caminho do Piolho passaria pela zona de Ceuta, parava um bocado à beira da Cremosi, depois muito provavelmente ia até à zona da Adega... depois depende de como a noite estivesse e com quem estivesse... E acabaria a noite num bar que nos interessasse*”. Percorrendo ruas, entrando em cafés para comprar uma bebida e bebendo “um copo” na rua, vai-se ocupando o tempo no convívio e sociabilidade, vendo em diferentes bares o mote para uma “*noite animada, com música, dança e pessoas interessantes*”.

Como vimos, as ruas e praças, mas também os cafés, esplanadas e os bares, constituem-se palco de encontros juvenis nocturnos. Analisaremos, portanto, o porquê do afluxo dos jovens a estes espaços da Baixa, procurando relevar os vértices da sua atractividade. Ao longo da consecução da nossa investigação tornou-se evidente que a Baixa do Porto se tornou espaço de sociabilidades nocturnas, afigurando-se local de consumo da cultura juvenil. Neste sentido, podemos afirmar que se constitui um espaço de agrado para os jovens. Mas, que razões imputam os jovens para frequentarem esta zona da cidade (que, pela sua numerosa afluência a transformam num concentrador juvenil)?

Um dos grandes motivos de atractividade desta zona para o sector juvenil passa exactamente pelo facto de a encararem como palco de encontro. Assim, *o Piolho*, na sua acepção geral, é significado pelos jovens como um espaço promotor de encontro com os amigos, mesmo sem combinação prévia. Deste modo, os jovens quando se deslocam até lá, fazem-no com a convicção de que, mesmo indo com um pequeno grupo de amigos, irão encontrar outros numa rua, numa praça ou numa esquina - “*Encontra-se muita gente, algumas que já não estou há muito tempo, basicamente quase não preciso de combinar porque as pessoas costumam aparecer lá*”. Numa das saídas com o grupo de B.L. e os

seus amigos também nos apercebemos da importância que a Baixa tem para o encontro entre amigos e conhecidos.

Estávamos no sítio do costume de início da noite, à beira do café L., na zona atrás do Piolho, (...). De repente o J. vê um grupo de pessoas, assobia e eles vêm na nossa direcção... - Oh mano, há tanto tempo que não te via... desde o 7º ano para aí! – É o que o Piolho tem de bom, encontras toda a gente aqui! (responde o seu amigo). - Hey... olha o T, por aqui também? Mas a ti até te vou vendo! (...). Os amigos do J. acabaram por ficar à nossa beira e foram connosco ao Bar A.

(Diário de Campo, 1 de Abril, 2011)

Tal como Fernandes nos anunciava em 1990, também a questão da *mobilidade* que o espaço potencia funciona como elemento atractivo para os jovens. Deste modo, o vaim, o quadro humano no espaço de rua a deslocar-se, parece relacionar-se com a proximidade dos cafés, esplanadas e bares das redondezas. Esta possibilidade de mobilidade oferecida pelo espaço é encarada pelos jovens como pólo de atracção. A noção de liberdade encaixa igualmente nesta análise, na medida em que os jovens não se sentem “presos a um sítio específico, podendo andar de lado para lado, de bar em bar”.

A questão dos *espaços ao ar livre* é facilitadora de convívio e sociabilidade - “Na rua podes estar a beber um copo, na rua podes estar a falar”, mas também pela mobilidade é possível escolher com facilidade um outro sítio para estar, consoante o interesse do momento (o viver um momento de cada vez e intensamente, o “presentismo”, emerge como que marca das identidades juvenis) e, assim, “não só ser ao ar livre, é ter a oportunidade de ir de bar em bar, acho que ter a possibilidade de dentro de um circuito poder variar o ambiente, ver pessoas diferentes e até de estar com as minhas amigas, mas podermos alternar de um sítio para o outro acho que é engraçado. E o facto de estarmos na rua também e estarmos a conviver e se quisermos ir a um sítio que tenha mais ou menos alguma oferta, se me apetecer sair, divertir, dançar uma música, pego e vou dançar”. Ainda assim, há uma valorização vincada do convívio e da diversão ao *ar livre*, fazendo com que a rua seja amplamente valorizada como espaço de socialização, de conversas, de ocupação do tempo - “Na rua dá para falar, estar... quando vais a um bar, já não é isso que procuras”. O clima tem influência preponderante nesta vivência da rua, sendo os dias mais amenos, os mais populados. O *ar livre* marca, por conseguinte, um espaço para a emergência de sociabilidade entre o grupo de amigos e, de um modo mais abrangente, entre pessoas. E mesmo a vivência do tempo nos grupos juvenis nestes espaços faz-se a um ritmo lento, e estes são habitados, preenchidos, havendo, acima de tudo, um investimento na estada dos jovens lá. Ainda que a possibilidade de mobilidade de rua em

rua e de bar em bar seja um grande veículo chamativo para o sector juvenil, tal como Fernandes (1990) observara na Ribeira-Barredo, os jovens *não vão* à Baixa, os jovens *vão para lá*. Apesar das praças e ruas denotarem um aspecto vivo e agitado (*“O pessoal decidiu sair todo à rua hoje, parece que se soltou a cadeia”*), comentava um indivíduo para outro ao passar a Praça Carlos Alberto e deparando-se com o mar de pessoas que naquele dia frequentava a zona), quando observávamos as pessoas em particular, o fluir destes acontecimentos parecia lento, tal como a vivência do tempo nos grupos juvenis, não vão lá, vão para lá, não fazem, vão fazendo.

A rua, o passeio, a praça, reportam-nos, então, para espaço de vida, conjugando um plano profícuo de interacções e de contactos, oferecendo-se ainda como desfile de pessoas. Comparando ainda os nossos resultados com os do autor citado, em termos de padrões de interacção, verificamos igualmente um esbatimento do espaço privado, quer ao nível da utilização específica dos espaços públicos, quer ao nível da comunicação verbal. Assim re-anunciamos a esplanada, o bar, a praça como sendo fundamentalmente *sítios de fusão*.

“São públicos, restauram em certo grau a relação face-a-face, reabilitam um certo sentido comunitário que tem vindo a ser perdido nos sucessivos actos de privatizações que culminaram na cidade moderna típica da sociedade pré-industrial. Se combinarmos tudo isto com a função que o espaço público preenche (...) chegaremos a características que o identificam com as funções que desempenhava na sociedade pré-industrial”

(Fernandes, 1990, p. 174)

Desta forma, o concentrador juvenil emerge como um espaço onde a comunicação física e verbal se revelam facilitadas. Com efeito, nas nossas incursões ao terreno verificamos certa espontaneidade no contacto verbal, tendo sido interpelados por diversas vezes por estranhos, fosse para pedir um cigarro, uma mortalha, para fazer uma pergunta sobre a melhor festa naquela noite ou, ainda, com o intuito de travar conhecimento. Para os actores com os quais contactamos, esta possibilidade permanente de contacto com outros jovens revela-se também factor de atracção - *“É diferente ir para lá, de ir para outro sítio... as pessoas, talvez pelo ambiente em si, parece que já estão mais abertas... assim, é normal se precisares de alguma cena, tipo, uma mortalha vais e pedes sem receios... ou se quiseres meter conversa só por meter, porque te apetece falar com alguém... é na boa e eu gosto disso... noutra tipo de sítio não sei se é tanto assim”*.

Os jovens salientam a centralidade do concentrador juvenil (no coração da cidade do Porto) e a facilidade em termos de acesso, nomeadamente em termos de transportes públicos. Também o declínio da zona industrial e da Ribeira (que vê à segunda-feira o dia de maior afluência juvenil pela existência da “noite dos baldes” – copos de um litro de

bebidas alcoólicas a preço reduzido) se articulam com esta intensa procura da Baixa. *“Em tempos, quando mais novo, era a zona industrial, mas está ultrapassado... e já não me identifico. Agora é a Baixa... como tu vês, em qualquer cubículo abrem um bar. O número de espaços, a oferta aumentou muito... há muito mais oferta para os jovens do que havia”*. Os preços acessíveis praticados na zona funcionam igualmente como elementos atractivos. Para além disso, a possibilidade de alternância de bar em bar é também contraposta ao facto de irem para uma discoteca na zona industrial *“Se eu estou num sítio e não estou a gostar, bazo e vou a outro... Porque aqui mesmo os bares ou são de entrada livre ou o consumo não é muito exorbitante... Se fores para uma disco para a zona industrial, tens que ficar obrigatoriamente ali, mesmo que não estejas a curtir a noite”*.

Existe uma identificação com o espaço socialmente construído. Nesta linha, o ambiente relevado para o *factor humano* é apontado pelos actores como uma das razões que os atrai - *“É mesmo o próprio ambiente em si... Apesar de um problema ou outro, o pessoal é boa onda... Estão todos lá para o mesmo, afinal, que é passar um bom bocado”*. Mais ainda, este ambiente é conotado com a concentração de pessoas diferentes entre si. A diversidade de pessoas que se pode encontrar é ressaltada de modo positivo, *“aqui há espaço para toda a gente”*. Assim, os jovens referem ver congregado neste espaço, um conjunto amplo de pessoas, de todas as classes socioeconómicas *“todo o tipo de jovens frequenta aquele sítio, desde pessoal bem arranjado, a pessoal do hard core, metaleiro ou do reggae... aquilo acima de tudo tornou-se um sítio onde tens pessoal de classe mais alta, mas também de classe mais Baixa...”*. Assim, quando os actores falam em ambiente, falam também numa maior abertura dos jovens de diferentes grupos, uns em relação aos outros *“Curto porque é fixe ir a um sítio onde não há distinção, tu curtes, é um bocado sinal de veres o pessoal a abrir a cabeça... estarem mais abertos em relação aos outros, vês que o pessoal já não está tão fechado no seu ambiente. É uma maneira de encontrares pessoal interessante e se não houvesse assim um sítio, não tinhas probabilidade de encontrares, num sítio onde não houvesse essa mistura”*. De modo similar, há também uma busca de liberdade, associada a uma vasta gama de condutas possível e a diversas interacções sociais *“Acima de tudo procuramos a liberdade que não temos noutros sítios, se calhar... porque quem vai para lá não julga ninguém pelo que estão a fazer, não só a nível de regras, mas também uma liberdade social... vão para lá gays, por exemplo, e já não são apontados...”*. Assim, os jovens vêem neste local um veículo para a expressão das suas identidades, onde podem *ser eles próprios* e fazer o que *gostam de fazer*, livres de

complexos, funcionando, desde já, como local de gratificação de tarefas tipicamente juvenis.

Para além do ambiente, *as festas temáticas* promovidas por diferentes bares atraem diferentes públicos-alvo. A variedade de oferta associada a estas festas temáticas prende-se fundamentalmente com a música, funcionando esta como factor de suporte grupal, ao mesmo tempo que será sinalizadora de uma *identidade grupal* (Fernandes, 1990) como teremos oportunidade de constatar. Por exemplo, a sexta-feira era tida como *a noite reggae* no Bar A, onde canalizamos observações profundas. A música revela-se, deste modo, elemento de consumo permanente nas culturas juvenis e associa-se a diferentes espaços e por vezes, nestes espaços, a diferentes dias da semana. Neste sentido, dependendo da estética musical preferencial, os jovens conseguem encontrar diferentes espaços fechados que vão de encontro a essas diferentes preferências. A este propósito falávamos uma vez com um dos nossos informantes privilegiados, que nos dizia *“Por exemplo, quem quiser ouvir rock, vai ao Tendinha, quase necessariamente. Se calhar se quiser ouvir um drum’n’bass vai ao Porto Rio. Mas, por outro lado, se calhar uma prática cada vez mais actual na nossa sociedade é haver festas temáticas e os espaços terem a sua própria programação e se calhar aí nós já vamos intencionalmente aquela festa. Se calhar também esse espaço cá fora, se calhar não vamos intencionalmente ouvir um estilo de música, mas para conviver e com outro interesse. Mas para ouvir um determinado tipo de música tem a ver com a programação. Por exemplo, se eu souber que vai haver uma festa de drum’n’bass no armazém do chá acabo por ir lá, ou se eu souber que vai haver um concerto nos maus hábitos, acabo por ir a esse determinado concerto, se eu souber que vai haver uma festa no teatro Sá da bandeira vou lá. Se souber que vai haver uma festa electro vou mais ao gare. Acho que acaba por ser por aí... acho que as programações temáticas têm muito que ver com isso”*. Os bares funcionam como que *locais de culto* para as culturas juvenis, reveladores de práticas nocturnas, como a dança ou o consumo de álcool ou drogas, que assumem papel de relevo na vida juvenil.

Apesar da estética musical de preferência poder diferenciar o público que frequenta os diversos espaços, tal só se sucede a horas mais altas da noite, momento em que a rua começa a perder as pessoas e estas se espalham por diferentes espaços fechados. Até lá, e apesar de se distinguirem diferentes grupalidades em diferentes espaços, como mais tarde veremos, parece existir um agregado juvenil, que a um nível de distanciamento observacional médio, concatena sobretudo ingredientes de diversidade e partilha. Juntamente com a música, o álcool, o tabaco e o uso de haxixe revelam-se, à semelhança

dos dados obtidos por Fernandes (1990), elementos de consumo permanente nos espaços de lazer. No caso do haxixe, o seu uso parece ter perdido a discrição que o autor nos anunciava, podendo dizer-se que, nas últimas duas décadas - no espaço entre a investigação de Fernandes (1990) e a nossa - adquiriu uma maior *aceitação social* no seio do sector juvenil.

A Baixa é, com efeito, um concentrador juvenil nocturno, num quadro em que a noite emerge como temporalidade simbólica. Este local trouxe consigo uma inovação no conceito nocturno, que passou a pautar-se pela imprevisibilidade em termos de ocupação do tempo, pela diversidade de locais e pessoas e pela mobilidade potenciada. Assim, os jovens fazem uma apropriação plena desta unidade espaço-tempo, que não deverá ser encarada como um mero receptáculo do desemprego juvenil, como nos sugeria Hollands (1997), quando nos dizia que a entrada tardia no mundo do trabalho e a escolha do sector de emprego que, ao alargar o período de transição para a vida adulta, seria traduzível numa cultura de clubes nocturnos. A própria oferta cultural e a economia nocturna gerada em torno da Baixa, em conjunto com todos os factores já apontados, fazem-na um encontro de sociabilidades nocturnas e moldam-na como um lugar de consumo da cultura juvenil, proporcionando-lhe um conjunto de espaços que agradam, não só os jovens da cidade do Porto, mas também os da periferia. Esta diversidade de oferta, enquadrada no contexto de uma economia da noite que vê no sector juvenil o seu principal grupo alvo, poderá ligar-se às consequências que “a modernidade tem produzido nas esferas de produção cultural e na economia doméstica” (Hollands, 1997, p. 208).

Todos estes elementos atractivos para os jovens fizeram com que a Baixa se “re-centralizasse” em torno de uma população maioritariamente juvenil. A cada espaço estarão associadas diversas práticas e dinâmicas. Assim, a noite na Baixa produz uma identidade espaço-tempo através de todo um conjunto de vivências e sociabilidades juvenis que lá tomam lugar. Podemos concluir esta secção com a noção de que a Baixa que atrai numerosos indivíduos do sector juvenil – a Baixa Concentrador Juvenil é fundamentalmente a Baixa das noites amenas, onde o espaço das ruas e praças se transfigura em palco de vida, onde as interacções tomam lugar, numa dimensão intensa de comunicação, que tornam este espaço da cidade um lugar atractivo e onde é estimulante estar. E mesmo o facto de ser concentrador juvenil é já de si atractivo - “*Não gostas de ir para um sítio que esteja vazio... se calhar até nem vais ou chegas e vens embora... Lá há muita gente e especialmente pessoal da nossa idade*”. E, se para alguns jovens a frequência da Baixa é uma questão de moda - “*As pessoas vão para onde vai toda a gente,*

porque está na moda”, para outros começou inicialmente por ser uma moda que se tornou um hábito. Assim, há um desejo de fazer desta zona um espaço nocturno tipicamente juvenil de um modo permanente e duradouro “*É uma zona que já não sei vai só porque é moda, faz parte do roteiro das saídas nocturnas, acho que já é habitual ir-se lá... e isso é bom, porque é a nossa Baixa, a Baixa dos jovens*”.

3.3 - A Dimensão Performativa

3.3.1 - A ocupação do tempo como processo relacional – O papel dos *Outros*

Se a conduta humana é acção investida de significado, tal como o Interaccionismo Simbólico nos propunha, então, as práticas juvenis desenvolvidas sob a forma de comportamentos num espaço (já Fisher (1994) nos alertava para um *behavior setting*) e num tempo, estarão envoltas de carga simbólica.

A procura de uma *boa noite* pode surgir como pretexto para a deslocação à Baixa, mas a dimensão performativa remete-nos para a *performance comportamental* no espaço. O que fazem, então, os jovens quando frequentam a Baixa – Concentrador juvenil nocturno? As boas conversas, o convívio entre pares, conhecer gente nova, consumir bebidas alcoólicas e o consumo de drogas leves, ouvir música e dançar aparecem como os comportamentos mais relatados pelos jovens e aqueles que nos dávamos conta nas nossas incursões ao terreno.

“Sob um olhar amplo, víamos um conjunto alargado de pessoas (...). Quando aproximávamos a lente, víamos pequenos grupos a conversar, o copo de cerveja ou um balde na mão não faltava... Outros eram aqueles em que, para além do álcool, passava um charro de mão em mão” (Diário de Campo, Outubro, 2010)

Para a dita *boa noite*, para o convívio, a presença dos *Outros* é condição fundamental. É o efeito de se ver rodeado de pessoas que *compreendem*, com os quais o actor sintoniza porque com elas partilha vivências e experiências. Assim, é no contexto do convívio com pares que surgem conversas sobre temas diversos, desde futebol, aos estudos, ao trabalho, a conversas sobre a noite passada, sobre desejos. A panóplia de temas denota que, contrariamente aos discursos dominantes sobre as culturas juvenis, os jovens preocupam-se e investem nas suas vidas, emergindo as experiências e rituais partilhados com o grupo de pares como momentos importantes e necessários à socialização (Lomba et al. 2011), onde os jovens significam e re-significam as suas vidas. O jovem está em

permanente contacto com os seus iguais e a liberdade de estar com os amigos supõe um contrapeso à submissão familiar (Suárez, Tomás & Tomás, 2003). Neste caso, estar com pares é um acto voluntário que ao mesmo tempo que concede um espaço próprio, contribui para o desenvolvimento da sua identidade individual e social (Ferreira, 2008). Esta estada com amigos constitui-se actividade social que geralmente se faz acompanhar de uma actividade secundária, como ir a um bar, ou ficar sentado no Piolho. Os *Outros* emergem, por conseguinte, como dimensão preponderante para se estar no concentrador juvenil *“Ninguém vai para lá sair sozinho... Ou pode ir lá ter sozinho, mas é sempre para encontrar pessoas, estar com pessoas”*. Por outro lado, sair à noite com os amigos, especialmente ao fim de semana, concede aos jovens maiores possibilidades de socialização, dotando-lhes de um sentimento de autonomia e independência e ao mesmo tempo um sentimento de autoridade (Suárez, Tomás & Tomás, 2003), percebendo a noite como o seu tempo exclusivo e as ruas e bares como o seu território. Ussel (1997 in Suárez, Tomás & Tomás, 2003) teoriza que a conquista da noite se apresenta como o único símbolo que perdura na inserção dos jovens no estado adulto. Assim, ao fazer sua a noite e ao fazer sua a rua, os jovens como que anulam o domínio que os adultos exerceram anteriormente sobre os seus horários e as suas vidas - *“Antes não era assim, tinha horas para chegar a casa, marcadas... agora os meus pais já vão percebendo que tenho a minha vida e chego às horas que me apetecer... claro que como moro com eles dou a satisfação de que não esperem por mim ou que não me acordem de manhã”*. As ruas na Baixa, ao oferecerem maior visibilidade e, como referíamos anteriormente, ao permitir maior mobilidade, potenciam encontros interpessoais.

Esta adopção da noite e da Baixa como universo próprio juvenil revela-se, como já vimos, desde um ponto de vista da ruptura com o quotidiano, que vai permitir todo um padrão de relações privilegiadas com pares. Para além disto, este espaço é significado pelos jovens como potenciador do convívio juvenil contribuindo, em alguns casos, para o alargamento da sua rede social. No entanto, esta possibilidade de produção de relações interpessoais é por vezes percebida como efémera ou superficial - *“Lá podes conhecer muita gente, sem dúvida, mas às vezes é mesmo isso... é só conhecer e estar naquela noite... só se forem amigos de amigos é que podes criar outro tipo de ligação, digamos, mais profunda”*.

Em si mesmo, o grupo constitui-se como um espaço onde se constroem significados que ligam os seus membros, porque sentem que partilham um estilo de vida próprio e singular. Assim, os jovens, quando interactivam com os seus pares partilham práticas e

conhecimentos que dotam de sentido e significado a relação, por exemplo, com os produtos consumidos, seja a música, sejam bebidas alcoólicas ou drogas. Mas algo mais emana desta subjectividade juvenil e que releva para uma articulação do individual com o relacional. Concretizando, se por um lado existe um desfrute individualizado - *“vou para lá para me divertir, porque gosto e me sinto bem lá, porque noite é alegria e diversão”*, por outro lado, esse desfrute é consubstanciado no colectivo, em grupo, havendo uma partilha, um fim comum e um ideal compartilhado - *“só é bom porque estás com o pessoal e mais, com o teu pessoal, aquele com quem te identificas e nunca é uma cena só tua... vais para onde o pessoal quer estar”*. Poder-se-á dizer que em grupo os jovens se *individuam*, se auto-diferenciam - *“Su estou com o pessoal, mas sou eu mesmo, não sou Maria vai com todos”*, contribuindo para o desenvolvimento da sua identidade pessoal. Por outro lado, em grupo, partilham interesses e formas de estar que relevam para uma hetero-diferenciação em relação aos demais grupos. Assim, o gosto comum fá-los sentir “um” e, ao mesmo tempo “parte de um grupo” que se distingue relativamente aos demais. Os sentidos das práticas são vários, mas confluem na vivência da juventude – o estar, o sentir, o gostar de ser jovem. O que podemos dizer é que parece existir um somatório de individualidades, mas que constituem comunidades de gostos e interesses que identificam e vinculam os que delas fazem parte. Existe um sentimento de pertença, implicando práticas compartilhadas que permitem fortalecer essa presença e que constituem aprendizagem social (e.g. práticas como o consumo de álcool parecem globalmente circunscrever-se ao grupo de pares). Assim, mesmo o consumo de álcool tem funções a nível da experiência juvenil, sendo encarado como veículo para a diversão e desinibição, potenciando o convívio.

O convívio e a socialização revelam-se práticas juvenis disseminadas neste contexto. O consumo de bebidas alcoólicas e de drogas também, embora *“haja aqueles que só convivem, aqueles que convivem e bebem, aqueles que convivem e fumam ou mandam cenas e aqueles que fazem isso tudo”*. Pelo discurso dos actores, podemos aferir que existe uma espécie de ritualização das práticas juvenis, considerando que, no geral *“estão todos lá para o mesmo”*. Esta *ritualização* reveste-se de carácter geral, afirmando os jovens que consideram que o que fazem lá, é *“o que todos fazem”* e *“sair, ir até à Baixa, beber um copo, entrar num sítio e dançar... é um ritual, para mim e pelo que vejo, para todos”*. Mesmo o consumo de substâncias psicoactivas surge no contexto de dinâmicas grupais e conviviais como posteriormente explanaremos.

3.4 - As sensibilidades juvenis – da estilização e esteticização à marcação de um espaço

O termo “sensibilidades juvenis” recuperámo-lo de Fernandes (1990), para designar uma “constelação de elementos diversos que desenham um quadro próprio a cada movimento juvenil de cada época e mesmo ao conjunto da juventude em geral” (Fernandes, 1990, p. 194). Assim, os objectos, comportamentos, lugares, formas de lazer, consumos de produtos culturais resvalam para um pólo expressivo em que o visual se integra de modo coerente. Com efeito, a ostentação de um determinado estilo, a partir de um uso particular do corpo, assume-se relevante no que respeita ao modo como os actores se apresentam publicamente na Baixa – concentrador juvenil nocturno. Não podemos, contudo, reduzir a estética dos visuais a mero exibicionismo, mas antes como referentes dotados de valor simbólico e comunicacional (Fernandes, 1990). O corpo afigura-se como emissor de sinais, sendo elemento da cultura dominante ou subcultural, podendo, neste caso, ser lugar de resistência simbólica. Nesta lógica, ao longo da nossa investigação, fomos nos apercebendo que a defesa de uma imagem, quando referenciada a uma determinada pertença grupal ou cultural é especialmente importante nas culturas juvenis.

“- Por exemplo... vês aqui muita coisa... Desde betos, a gunas...

- Oh, não é só isso que vês... também vês rastaffaris, também vês pessoal normal... até pessoal mais comido...

- Tipo, aqui até vês mais isso tudo, tens razão... Mas se desceres ali para as galerias, vês pessoal mais beto e também pessoal mais cota, por isso é que eu gosto mais da zona do Piolho...

- Mas se fores ali para o Contas vês pessoal assim mais do reggae... mas agora os hiphopers, resolveram aderir ao reggae também... vês pessoal de boné à hiphoper ali no A.

- Tipo pelo menos aqui ninguém se cansa de ver o mesmo estilo de pessoas, há gostos para tudo, verdade seja dita. (Excerto de Observação, Diário de Campo, Março, 2011).

A questão da estética não se circunscreve apenas ao âmbito individual ou grupal, deve ser igualmente compreendida em termos dos – chamemos-lhes – *espaços de culto* apropriados por diferentes grupalidades. Assim, os espaços são identificados por esta lógica de apropriação, mais do que pelas suas características. Apesar da zona da Praça Parada Leitão e do Piolho, concretamente, seja encarada como aglutinadora de diversidade, mesmo aí os jovens parecem preferir locais específicos, por estarem aqueles com que se *identificam*. Assim, a zona da Cremosi é associada “*ao pessoal dos Erasmus e às pitas, onde parece que se dá mais importância à imagem... as pitas vão para lá todas arranjadas*”, a do café Piolho e Universidade “*a estudantes, mas também a gunas agora*”, e a zona da Adega D. Leonor “*aos alternativos... desde o pessoal rasta aos skaters, aos*

comidos... aos freaks...mas também é onde se vê pessoal a fumar mais haxixe e gunas também". Num mesmo "passeio", parece existir uma apropriação por diferentes grupidades, que imputam aos lugares diferentes significações. Por sua vez, a zona das galerias é conotada ao "*pessoal mais cota e mais formal*" e a do Praça (Rua de Ceuta) ao "*pessoal mais tipo surfista e com mais posses*". Mas tudo isto parece convergir num pólo expressivo e de estilização. Com efeito, demarcam-se "os gunas", "os alternativos", os "freaks", as "pitas" através de uma descodificação de sinais a partir de um referente marcado pelo visual dos indivíduos. Tal como Fernandes (1990) apontava, estamos perante um processo de comunicação não verbal.

Assistimos, então, a uma apropriação de um espaço, operada pela presença física dos seus novos donos e pela comunicação de sinais. Aqui os *outros* não são vistos como *outsiders* porque é considerada normal a circulação de pessoas, mas este processo de categorização do outro, como resultado de representações sociais do "nós" e dos "outros", contribui para a cristalização de uma identidade social, onde os jovens se distinguem, também, pela sua pertença a um grupo que se distingue dos demais, imputando-lhes, a estes, categorizações, por vezes rápidas - "*Isto hoje é só pitalhada aqui, devem ter recebido a mesada dos papás e aproveitaram para mostrar o vestido novo*" (ouvíamos uma vez numa saída). E mesmo a importância assumida pelos visuais juvenis acaba por resultar de e resultar num processo de categorização que, neste caso, parece variar de acordo com diferentes espaços. Já Fisher (1994) nos alertava para a relação no espaço: "Uma característica particular da relação no espaço é a nossa tendência para ocupar um território de maneira a controlá-lo e a nele exercer uma espécie de direito de posse; corresponde, então, a uma zona de influência com a qual nos podemos identificar: podemos ver nele uma espécie de extensão do eu. Os sinais desta influência podem ser variados".

Parece manter-se uma presença física dos seus elementos, ocupando um espaço específico. Assim, parece haver uma sinalização territorial dos espaços por diferentes grupidades, demarcando-se fronteiras grupais e atribuindo um lugar a ocupantes e ocupação, actores e actividades particulares. "Em termos de fronteiras, materiais ou simbólicas, que se exprimem habitualmente através da presença de marcadores, indícios diversos que indicam a ocupação do espaço por alguém; fronteiras e marcadores articulam-se em códigos que informam sobre a natureza e características das separações estabelecidas entre si e outrem num ambiente determinado... de facto, a territorialização do espaço pela marcação, deve ser reposta numa perspectiva mais larga que revela a sua dimensão social:

a definição ou a identificação de um território corresponde a uma organização social produtora de fronteiras que inscrevem no espaço as regras e os usos culturais de um grupo” (Fisher, 1994). Na partilha do espaço há como que uma barreira que se reconhece, embora não se sobreponha de modo estanque e inflexível. O espaço é partilhado, mas nele distinguem-se diferentes grupidades e nestas, diferentes grupos.

Não obstante, o sentimento de pertença ao grupo e a identificação de outros grupos resvala para planos mais amplos do que o visual. Mas este é marca de singularidade, quer individual, quer subcultural, quer geracional (Fernandes, 1990). Cada grupo partilha um misto de objectos simbólicos, dos quais o visual faz parte, havendo todo um conjunto de rituais e práticas que culminam num processo de socialização grupal ímpar - *“Há cenas que só nós compreendemos, porque somos um grupo... eu dizer que sou descontraído e que pertenço aos descontraídos, não é só por me vestir assim, meio abandonado, é mesmo uma forma de estar na vida”*. Quando se partilha uma pertença, práticas e referentes comuns, constrói-se uma identidade em torno de “nós”, e isso é reconhecido e significado pelos outros. Este processo de identificação com grupidades e distinção de diferentes grupidades pode ser consciente ou inconsciente, mas acaba por ser integrado pelos indivíduos, numa consolidação do seu *self*, num processo que acaba por ser de acção colectiva - num processo de socialização. Este processo liga-se, por conseguinte, a um “balizar um território onde possam reconhecer-se” (Fernandes, 1999 in Ribeiro, 2004). *“J: Com a idade as pessoas vão mudando... acho que tipo, o estilo já não se nota tanto. C: Mas betos são sempre betos. Os rastas devem acabar por mudar... acaba por passar o vipe. J: Os gunas também mudam um bocado... sai o guna, mas fica o azeiteiro...(...)Mas dou-me bem com toda a gente, verdade seja dita. B.L: Tipo, por exemplo, eu agora paro com pessoal mais calmo, já não tenho aquela pica para andar com aquele pessoal mais marado... Mas as pessoas procuram outras que tenham gostos iguais, ou parecidos”*(Diário de Campo, 4 Março, 2011)

Fernandes (1990) dizia-nos que os processos cognitivos não se coadunavam com a economia das relações sociais da urbe, uma vez que esta implica mecanismos de arrumação rápida da vincada heterogeneidade dos actores. Também nós nos apercebemos disto: *“Hoje está um ambiente muito pesado no Piolho, é só gringos de brinquinho na orelha e sapatilhas de molas, vou bazar”*, ouvíamos numa das nossas incursões. Também numa das saídas com B.L. e o seu pessoal, *“Vamos para o nosso poiso... qualquer dia fazemos rastas e estamos como eles...! É mas é a onda do legalize, tranquilo mano, queres tu dizer”*. Daqui, algumas ilações podem ser retiradas. Com efeito, a categorização pode

constituir-se função dos próprios visuais, ao mesmo tempo que é modo de gestão das relações, *ora criando distância*, como no primeiro caso exposto, *ora criando proximidade social*”, que nos é dada pela segunda descrição. O mesmo autor completa-nos o raciocínio “É a identificação do *ser* a partir do *ver* (visual) e do *ter* (extensões materiais do Eu: os objectos que se ostenta exprimem estilos, estatutos...). É-se, não só pelo que se é, mas pelo que se exhibe – ser-se não se diz, mostra-se” (Fernandes, 1990, p. 197). Neste sentido, também os aspectos expressivos subculturais podem ser comportamentais – os comportamentos exibidos marcam também diferentes pertenças e ligam-se a determinadas sensibilidades. Tais sensibilidades, ligadas a elementos expressivos incorporam também o aspecto sonoro. Aqui, destacamos a música, por termos percebido que contribui também para a auto-imagem individual e grupal, interferindo, à semelhança do visual e do comportamental, em processos de categorização social. Assim detectamos associações “*ao pessoal do reggae*”, “*à malta do drum*”, “*aos rockeiros*”... A identificação com uma estética musical liga-se também ao modo como nos percebemos, quanto mais não seja pela relação íntima que estabelecemos com as letras ou “*à sensação que nos é dada por determinada batida*”. A procura por determinada estética musical, irá distinguir, por conseguinte, os diferentes públicos dos “*espaços fechados*”, nomeadamente bares, que se pautam por determinado estilo musical, como é o caso do Tendinha e do Rock. No caso dos dias temáticos “*como a quarta-feira reggae e quinta-feira folk no Contagiarte*”, fará com que o público na mesma casa se diferencia consoante o dia da sua preferência. Assim, a noção de *espaços de culto* que introduzíamos no início desta secção, torna-se significativa mesmo para uma compreensão da sobrevivência dos próprios lugares. No caso do bar A., onde conduzimos muitas das nossas observações, em paralelo com a zona do Piolho, há uma forte ligação à música reggae e ao drum’n’bass. Particularmente no caso do reggae, parecia haver entre o público frequentador do espaço, um conjunto de práticas e rituais muito próprios, presentes no modo de se apresentarem, no modo de dançar, na forma como diziam partilhar ideais de vida e ainda no consumo de haxixe, como mais tarde analisaremos “*o reggae não é só música, o reggae é estilo de vida, mas agora está na moda, o que é mau, porque para muita gente so ouvem porque o reggae ressurgiu...*”. Neste caso em específico, as pessoas que pareciam estar no espaço porque “*o reggae está na moda*” e que, por via disso, não partilhavam todo um conjunto de símbolos, eram vistas como que *outsiders*. “ - Não tenho nada contra este pessoal, mas o que é que eles vêm para aqui fazer? - O reggae está na moda e isso fode a cena para quem a sente” (Bar A. Diário de Campo).

Desta secção podemos concluir que o sector juvenil, o grupo juvenil, se dispersa em diferentes grupidades que repartem uma diversidade de sensibilidades próprias. Especialmente o elemento visual e a música emergem com signos de pertença subgrupais que se revelam sinalizadores de uma identidade, acrescidos ao facto de se revelarem também como elementos de demarcação relativamente a outros grupos. Um dos elementos expressivos de algumas sensibilidades juvenis é um determinado uso de drogas (Fernandes, 1990). É sobre este elemento que nos iremos centrar nas próximas páginas, procurando espelhar o modo como as drogas são faladas e sentidas na nossa unidade de estudo, relacionando-as, ainda com o carácter atractivo da zona, almejando-se ainda revelar alguns contornos da relação actual dos actores juvenis com o consumo de drogas.

3.5 - A droga é tema, a droga fala-se e sente-se...

“- Isto está mais chic... - Isto não é chic nem há-de ser, será sempre um antro de droga... É tipo Red Light Cedofeita... - Olha, o Zé Toninho voltou para trás... está todo cego... Isto é marado! (...) - Oh bro, dá aí um cigarro - Estás em grande tu... Ainda agora estamos a fumar um e já tas a pedir para fazer outro... Assim é que é... sempre a dar-lhe! - Não tenho ganza para fazer... acabou... - Esta noite promete... (...) - A cena de tares aqui é... às vezes bebes muito... isto dá para beber, para fumar... e às vezes podes-te exceder um bocado... (...) - Então não vês... é o pão nosso de cada dia... se bem que se estiveres a falar de umas ganzas... eu cá prefiro erva... a moca é diferente, é muito melhor. - Claro... é puro... a moca é outra... mas também é muito mais caro... Eu cá prefiro fumar um pólen... Gasta-se menos e bate na mesma. (...) - Mas tipo com uns bafos até passas melhor a noite... Eu pelo menos sinto-me mais livre quando fumo... e sinto que fico tão na boa, que cago para os julgamentos... (...) - Hoje em dia não é bem assim, já vês mais coisas... quando queres um outro tipo de moca, ou experiência... tipo numa noite em que queiras mais adrelinina e fazer umas cenas mais loucas, não é ganza que vais consumir, de certeza... - Oh, claro que o mais consumido é sem sombra de dúvidas o haxixe, mas também já vi mandarem aqui outras cenas... (...) Neste momento chega o P., que trazia cinco bolotas de erva, segundo ele vindas da Holanda. - “Ui... Vens bem abastecido hoje” dizia B.L. - “Sabes como é... comigo ou é ou não é... E agora que estou a fazer um part-time, resolvi investir só mesmo na erva... a moca é melhor e como é natural não faz tão mal... - Isso é mesmo puro? (dissemos nós.). - É sim trenga, não estás a ver... Tipo isto é da planta mesmo, depois desfazes a bolota, fica a erva e misturas com o tabaco. - Ah... Então deixa de ser puro... - Deixa porquê? - Já imaginaste a quantidade de químicos que o tabaco tem? - Oh, claro, também a pegares por aí...” (Excerto de algumas observações, Diário de Campo).

3.5.1- A Droga no Espaço da Rua e de como o espaço e a sua atractividade se articulam com o uso de Droga

Falávamos, no decorrer deste capítulo, da forte interacção que caracteriza a Baixa – Concentrador Juvenil - e da facilidade comunicacional quer física, quer verbal, que se estabelece no espaço da rua e nos bares. O tema das drogas surgiu-nos, entre outros, como um tema presente e frequente. Mas o discurso que nos é dado pelo actor juvenil em torno das drogas é um discurso que, a nosso ver, se distingue daquele veiculado pela cultura dominante. Certo é que jovens com atitudes desfavoráveis em relação às drogas terão provavelmente um modo de as falar mais próximo do da cultura dominante, mas, de um modo geral, o modo como as drogas são faladas e sentidas neste espaço faz com que apareçam *desdramatizadas* no seio das relações quotidianas. Elas são sentidas *naturalmente*, ultrapassando uma prédica depreciativa, repressora, ou mesmo a dos especialistas sobre o problema social que constituem.

Para aceder ao modo como as drogas são faladas e sentidas escolhemos um espaço, para além do Bar A. (concretamente um passeio, na parte de trás do Piolho, junto ao café L.) que identificamos como propício para os objectivos da investigação. Mesmo entre os actores este espaço era conotado como “*o sítio onde passa a droga, mais concretamente a leve*”. Ainda que não haja uma barreira fixa, ela é reconhecível neste espaço. Tal não quer dizer que não se veja indivíduos a enrolar e a fumar *um charro* noutros espaços, mas, tendo em conta um conjunto de factores, parece existir uma demarcação de um *micro território psicotrópico leve* (Fernandes, 1997), que se parece formar intencionalmente em determinados locais, onde vemos favorecida uma determinada conjuntura ecológica. Com efeito, no espaço referido, é frequente a presença de pessoas com atitudes positivas face às drogas, marcando-se também uma acessibilidade e ausência de controlo, que se assumem factores determinantes para esta territorialização estratégica. Apesar da mobilidade oferecida pelo espaço, quem não se identifica com esta dimensão subcultural da droga, ainda que admita passar por lá para ver “*como está o ambiente*”, acaba por se afastar, deixando subentendida uma atitude desfavorável face ao consumo - “*Naquela parte do piolho junta-se toda a gente... o cheiro a ganza é forte de mais... junta-se os gunas no piolho, os alternativos e não me identifico com esse tipo de grupo... principalmente o cheiro a droga mete-me alguma confusão... não quer dizer que não passe por lá, mas não é um sitio onde fique propriamente...*”. Com efeito, esta zona específica é frequentada também por pessoas que não consomem drogas, concretamente a cannabis e derivados, a

droga mais consumida no espaço, mas as atitudes relativamente ao consumo não serão desfavoráveis. Percebemos também que, para além da dimensão subcultural da droga, os visuais juvenis acabam por ser dimensão que, aliada à anterior, poderá servir, quer de afastamento do espaço referido, quer de aproximação, decorrente de um processo de categorização.

Se parece haver uma certa banalização no falar sobre as drogas, também para o actor juvenil, o consumo das drogas ditas “leves” parece aos seus olhos *“uma cena absolutamente normal e banalizada”*. Neste sentido, ao contrário do que nos diz a cultura dominante, a droga é encarada como estando presente nas saídas dos jovens e como algo que, ao se tornar frequente, *“já não choca”* e *“Já é uma coisa banal, não há do género «o que é que aqueles estão a fazer?» eu também acho que é banal se falarmos de drogas leves. Drogas duras já não é tão banal quanto isso, já chama mais a atenção. O pessoal olha e pensa “o que é que aqueles estão a fazer?” ou se estás meio alterado e vês que não é cannabis, é diferente, as pessoas já olham de outra forma”*. Assim, a referência ao haxixe é diferente da referência feita a outros tipos de drogas, ainda que, quando abordarmos as drogas associadas a espaços fechados e à música, veremos que o discurso sobre drogas como a cocaína ou o MD, surge de modo espontâneo, na medida em que *“as pessoas que frequentam determinados espaços, se for presença habitual, já sabem o que se passa lá e se os frequentam é porque lidam bem com isso”*.

O B.L tem-nos sido especialmente útil quando nos dirigimos ao Bar A (...). Na rua vemos sem dificuldade jovens a enrolar, a fumar e a passar um charro. O cheiro também não faz passar despercebido o acto porque é facilmente detectável. No entanto, a perspicácia do nosso intermediário surpreende-nos... detecta com marcada facilidade quem consome e o que consome, quem está a vender, quem está à procura... (Diário de campo, Fevereiro, 2011).

O facto de não existir um controlo dos usos de drogas neste local é apontado pelos jovens como um dos principais factores impulsionadores do seu consumo, considerando-se, globalmente, que, se se pretender usar uma determinada substância, mas mais precisamente o haxixe, poder-se-á fazê-lo aberta e livremente. No caso particular do uso da cannabis na territorialidade apontada anteriormente, ele é considerado uma *actividade local* - *“Toda a gente sabe que isto é a zona do paiva”* (Diário de campo, Novembro, 2011), pelo que o acto de *fumar um charro* não é acto que seja considerado descontextualizado, não surpreendendo quem lá passa. O facto de se considerar *“excessivo e desadequado”* parece estar intimamente relacionado com a atitude em relação ao uso de

drogas, marcando a visão de uma cultura dominante e conferindo, mais uma vez, uma dimensão subcultural ao fenómeno. Por outro lado, o facto de se fazer do uso de cannabis *actividade local* neste espaço, as pessoas acabaram por habituar-se a ver tal actividade e a associá-la a este espaço específico mais do que a outros, pelo que, mesmo que se mantenha uma atitude depreciativa, não é algo que cause perplexidade. No entanto, se nos referirmos a outro tipo de substâncias o caso parece inverter-se. Se existe um *à vontade* para se fazer e fumar um *charro*, com outro tipo de substâncias as pessoas parecem deslocar-se porque sentem que em relação à sociedade há um choque maior, sentindo-se alvo de uma atitude mais pejorativa por parte de outros.

A liberdade que atrai os jovens a este local relaciona-se também com o facto deste ser encarado como um local propício ao consumo de drogas ditas *leves*. Assim, também o facto de os jovens considerarem este espaço como um local onde se podem exprimir livremente e sem complexos, como um lugar onde não se sentem julgados, contribui igualmente para que os consumos se revelem de modo notório - “*Há um à vontade que passou a ser contagiante, então uns puxam os outros*”. Tal *à vontade* é também revelado no modo como as drogas são faladas e sentidas. Não foram raras as vezes em que ouvimos nas nossas incursões ao terreno “*Não arranjas aí uma mortalha?*” ou “*Esta é da boa, não é como a rena que tem passado por aí*”. Nesta lógica, este lugar é sentido como espaço onde os jovens podem usufruir de toda a sua liberdade de consumo, sendo este por vezes encarado como a primeira porta do consumo “*Fumamos umas cenas aqui para depois irmos até qualquer lado e depois até há quem consuma mais umas cenas lá, tipo num bar*”. De um modo global, a liberdade, o *à vontade* que se gerou (“*porque pelo facto de se ver a consumir, sente-se à vontade para o fazer também*”), a ausência de controlo ou punição e o facto dos jovens não se sentirem julgados ou criticados, parece explicar, em parte, a visibilidade que o consumo de drogas adquiriu neste local e a naturalidade com que o uso é efectuado - “*Eu acho que se tornou muito natural ir ao piolho fumar uns cacetes*”, “*se queria fumar erva ou assim, se calhar até pensava, vou até ao piolho, vamos aquela zona que estamos na boa, não há aquele controlo e assim*”. Por outro lado, o facto do concentrador juvenil ser conotado como um lugar de festa, a droga parece surgir no sector juvenil muito ligada à dimensão festiva e, por via disso, a um consumo recreativo, que ainda abordaremos ao longo desta secção - “*Porto hoje em dia é festa, e festa e drogas tem tudo a ver... a festa potencia, e a noite também*”. O facto da noite quebrar a rotina do dia parece ligar-se também ao consumo, funcionando a droga, neste caso, como potenciadora da evasão que o dia muitas vezes não permite. Não queremos com isto dizer que quem

consome à noite não consome de dia, mas a noite marca um espaço-tempo reservado pelos jovens ao consumo, especialmente quando falamos de substâncias que não a cannabis (teremos ainda a oportunidade de fazer uma explanação mais profunda a este respeito).

A questão da acessibilidade à droga neste local deve ser merecedora de especial atenção. *“No fundo queres divertir-te, aproveitar, tens o desejo de novas experiências, de ultrapassar os limites, se tu achas que é aquela fase ideal da tua idade e queres ter novas experiências, lá é um sítio onde há fácil acesso, não há um controlo como há na escola ou noutro sítio qualquer. Tu vês as pessoas e é uma influência para ti. Acho que é natural.”* Os jovens consideram que comprar haxixe se revela tarefa fácil e quanto a outros tipos de drogas, *“aí já é mais difícil, é preciso conhecer-se as pessoas certas”*. Globalmente, *“É muito fácil, a acessibilidade... é a mão de semear. É muito fácil, principalmente a cannabis... Arranjar paiva é muito mais fácil, arranjar ácido e MD é mais difícil, coca é mais difícil e mais caro. Lá encontra-se, basta saber... é mais caro mas arranjas”*(excerto de conversa com um informante). Também nós no terreno nos deparamos com esta marcada acessibilidade - *“O P. esperava que o J. tivesse trazido consigo uma ganza para fumarem, porém o J. tinha tido «umas cenas a tratar» e não teve tempo de comprar. Rapidamente o B.L. se prontifica a ir arranjar. Não foram precisos nem 10 minutos para que chegasse com o produto. Pelo que percebi ele já sabia quem vende e já conhecia a pessoa (...).”* (Diário de Campo, Março, 2011). Mesmo entre desconhecidos não é surpreendente a oferta do produto *“Fomos abordados por uma rapariga que nos veio oferecer uma bolota. Ninguém no grupo a conhecia e estavam até reticentes em aceitar. Ela insistia que a «cena era da boa». Alegavam que não sabiam de onde aquilo vinha (...) e o J. foi o único que acabou por aceitar”* (Diário de Campo, Março, 2011). Esta oferta de produtos e a acessibilidade aos mesmos acaba por fazer com que este seja encarado como um contexto propício quer à experimentação, quer ao consumo. *“É propício por haver... porque se não houvesse oferta não consumias... por haver é sempre propício... se fores uma pessoa de mente aberta e chegar alguém à tua beira «vamos experimentar isto?» tu és «vam bóra»”*. A questão da cannabis se constituir também como uma droga “de grupo”, onde um faz o filtro, o outro enrola, outro acende e passa, e o charro vai-se passando, é também significado como potenciador de experimentação - *“Muita gente experimenta lá pela primeira vez. Primeiro porque é lá onde ela se encontra e é mais fácil... chega-se lá e “roda o paiva a esse” e fuma-se... e chega sempre a alguém que não experimentou ainda mas que tem essa curiosidade e naquele ambiente não encontra restrições e até dá uma passa”*.

Mesmo o facto de nos reportarmos a um espaço aberto - a rua - e de, como vimos anteriormente, esta ser significada como local de diversidade e liberdade, concatena para uma maior abertura em relação aos consumos, na medida em que determinadas restrições não se verificam, como por exemplo nos dizia um entrevistado - *“Na rua não há seguranças... Já estás cá fora, portanto não te podem convidar a sair por estares a fumar um. Porque a Baixa é na rua, as pessoas podem fazer o que quiserem... toda a gente sabe que se faz. Sendo aberto também é propício. Sendo um espaço fechado há sítios que é tranquilo são liberais nesse aspecto, podes fazer o que quiseres que não vão tripar contigo, noutros sítios já não. Há sítios que nem fumar podes. Há sítios em que já sabes à partida que tens liberdade para...”*. Também a rua como espaço de vida aparecia associada ao convívio entre pares. A cannabis é ainda significada pelo actor juvenil como droga presente em rituais grupais, aparecendo, ela própria, associada ao plano do convívio *“é a paz, é o convívio, o estares ali a relaxar e estares com o pessoal, é um ritual de convívio, não é condição para, mas dá ambiente à coisa”*.

Apesar de poderem existir consumos de outros tipos de drogas no espaço da rua, este tipo de consumos é mais associado à noite no geral e a bares e música em particular, pelo que tais consumos são referenciados como tendo ocorrido antes ou depois ao estar-se na rua - *“Quando consomem md ou ecstasy, não consomem para ficar na rua, porque apesar de tudo não é um sítio onde precisas de estar cheio de pica... esse tipo de drogas é mais antes ou depois, para frequentar outros sítios. Em termos de espaços livres e rua, não é para usar a Baixa enquanto convívio isso é pa ganza”*. Através do nosso intermediário e do seu grupo de pares fomos nos apercebendo que o uso da cannabis e o convívio marca parte da ocupação do tempo no espaço de rua. Os consumos de outras substâncias ocorriam frequentemente após a chegada a um espaço fechado, normalmente o Bar A. e iam também variando consoante a sensação que se pretendia para aquela noite em específico, jogando a música um papel de relevo na escolha do produto a utilizar.

Os actores referenciam o facto de estarmos perante pessoas com *“uma mente mais aberta”*, salientando uma maior aceitação no que respeita ao uso de cannabis neste local, considerando ser acto normal e expectável também. Parece-nos, por tudo o que temos vindo a dizer, estarmos perante uma *subcultura da ganza* (Fernandes, 1990), onde a aceitação do seu uso o torna natural e, por conseguinte, denota-se um à vontade para o fazer.

3.5.2 - O lugar das drogas no espaço-tempo nocturno

O espaço da rua fora já abordado na secção anterior. Ainda que esporadicamente se ouvisse falar em “ácidos” ou “ecstasy”, por exemplo, a cannabis é indubitavelmente a droga mais falada e a mais consumida no nosso *setting* de observação. O papel da cannabis marca-se nas modalidades e costumes de convívio dos actores juvenis e, concretamente num meio de reunião que é, como já vimos, a Baixa - Concentrador Juvenil nocturno. Assim, a cannabis parece assumir-se como fortemente enraizada à dimensão simbólica do espaço convivial nocturno da cidade, particularmente numa territorialidade muito específica a que designamos micro território psicotrópico leve (Fernandes, 1997). Ao contrário de outras substâncias, que parecem reservar-se a circunstâncias determinadas e escolhidas pelos jovens, a cannabis assume-se como substância transversal a este espaço. Tal como Carvalho (2004) nos apontava, o seu uso assume um carácter de excepcional naturalidade, revestindo-se de centralidade, tão integrado está nos hábitos de convívio *“Estar ali a fumar um cacete já é normal... Faz parte do ritual do pessoal”*. Esta transversalidade do uso de cannabis, bem como sua espontaneidade e naturalidade vai de encontro aos dados estatísticos oficiais que apontam a cannabis como a droga ilegal mais consumida no mundo (OEDT, 2007). Ao longo das observações, fomos também apercebendo de que quando não se trazia já a *ganza*, um dos procedimentos iniciais seria adquiri-la. *“- Por falar em Marley, lembrei-me do bob... Hoje não trouxe nada... - Oh pah, estava a contar que trouxesses... - Mas também isso é fácil, vou mandar mensa ao G. e já se arranja. - Manda aí então, que eu já fumava um... É sempre bom para abrir a noite”*(Diário de Campo, Fevereiro, 2011) .

Já havíamos dito que, não obstante a cannabis se apresentar entre os actores como a substância que consomem também sozinhos, o que não acontece sempre, como veremos, com outro tipo de substâncias, ela parece assumir-se ainda como droga presente em actividades conviviais grupais, envolvendo toda uma ritualidade, que tivemos oportunidade de observar. Com efeito, o seu uso envolve todo um ritual, consubstanciado numa sequência de operações que parecem não variar – Parte-se um pouco da placa, derrete-se, mistura-se com tabaco, enrola-se, fuma-se, passa-se. Ainda que o charro possa ser feito apenas por um dos elementos, assistimos geralmente a uma cooperação e partilha no acto de fazer o charro. *“Oh mano, segura aí a mortalha por favor... - Vai fazendo o filtro – Passa aí a mortalha que já está. - Queres acender? Pega aí (passa-se o charro entre o grupo)”* (Diário de Campo, Março, 2011). Neste sentido, a partilha caracteriza também o uso do haxixe neste espaço. *“Olhamos em redor, vemos muitos grupos de jovens e, com*

facilidade, vemos a partilha de haxixe em muitos grupos. Esta partilha não só em feita entre conhecidos, mas também entre desconhecidos. Por diversas vezes, observamos pessoas a oferecerem umas as outras, e até nós já fomos “brindados” com algumas ofertas. Reparamos agora que nunca observamos alguém a fumar sozinho sem que antes tenha perguntado a alguém se “queria fumar desse”, quer a conhecidos, quer a desconhecidos” (Diário de Campo, Abril, 2011). O próprio espaço é, aos olhos dos actores, até certo ponto, propício ao uso da substância - *“Estás aqui... não há musica, mas está o pessoal todo a conviver... Este ambiente assim... e puxa para fumar... mas também posso fumar antes de vir para aqui...Ao mesmo tempo que te relaxa... e ficas ‘tá-se bem, mas também ‘tá-se bem com o pessoal aqui, e metes conversa aqui e acolá...”* (Excerto de conversa mantida com um informante, Diário de Campo, Fevereiro, 2011). E se o próprio ritual de preparação do charro convida a um ambiente calmo e descontraído, inegável é também o papel da cannabis para as interacções e dinâmicas conviviais (Carvalho, 2004).

Quando os actores se referem a outro tipo de drogas, nomeadamente à cocaína, ecstasy, MDMA, speed, LSD, associam o seu consumo a espaços fechados, salientando por diversas vezes as *festas temáticas* que nos reportam a uma subcultura da música e da dança *“Se for num espaço fechado, se houver música, as coisas já são diferentes, porque já te abstrais daquele pensamento de... já falaste o que tinhas a falar... agora estou aqui e... há sempre mais alguma coisa para fazer, para abstrair, divertir... e depois o dançar... e queres mais, queres alargar a experiência”*. O consumo de tais substâncias remete-nos, no presente estudo, para espaços de recreação nocturna intimamente relacionados com a música. Assim, paralelamente à vivência de uma noite que se afasta do dia pelas potencialidades que encerra ao nível da diversão e de quebra da rotina quotidiana, alia-se igualmente uma procura de alteração dos *estados normais da consciência* para uma evasão de si, *“quero ultrapassar-me, quero ir além de mim próprio”*, mas também para uma melhor sensação das músicas *“estou a sentir a música a bater no peito”* e como modo de prolongar a experiência, associada por vezes à dança *“Sinto que vou dançar até amanhã de manhã... Estou com uma pica descomunal”* (Diário de Campo, Abril, 2011).

Ligada à vivência de uma *boa noite*, parece existir a ideia de *festa*, para a qual os bares e a música que lá passa contribuem de modo significativo para os jovens. Mesmo que não haja uma *festa temática* num dia específico, o actor juvenil atribui a simbologia de *festa* à própria noite e ao que dela pode advir - *“Vamos ter uma boa noite, é fazer a festa... mesmo que não haja uma festa específica, fazemos da noite uma festa”*. Nesta experiência confluem um conjunto de elementos que se prendem com a música, as luzes, as sensações

e o fluxo humano no local. Os próprios espaços de lazer nocturno são significados como cenários de consumos diversos e de práticas de sociabilidade. A *festa* é também uma experiência de grupo, sendo experiência comunicativa, mesmo que a nível corporal através da dança, e de partilha, proporcionando um sentimento de liberdade, desinibição e prazer “*liberto-me, dou de mim, danço e a droga aparece justamente aí, para alargar horizontes e experiências*”. Nesta experiência pode dar-se uma espécie de violação simbólica da ordem estabelecida através de uma alteração do tempo e do espaço (Gamella, Roldan & Romo, s.d.), onde, para alguns jovens não basta estar, é necessário viver e sentir de um modo que ultrapasse os *estados normais da consciência* – “*Às vezes precisas ou queres algo mais... algo que te faça ter energia, por exemplo, ou que te faça aguçar os sentidos e aí poderás a hipótese se consumir alguma cena*”. Assim, poderá emergir a procura de um outro tipo de estimulação, instrumental e pontuada, que poderá passar por um determinado uso de drogas. Acresce a isto o facto de, geralmente, os espaços de recreação nocturna serem como que fechados sobre si mesmos, havendo uma espécie de anulação do tempo e espaços exteriores “*Estávamos na pista e perdemos noção das horas... quando saímos já amanhecera*” (Diário de campo, Maio, 2011). Emerge um mundo social intemporal, num clima próprio, exacerbado pela música, a dança e, em alguns casos, pelo uso de psicotrópicos.

Embora a relação de determinados tipos de droga com determinadas estéticas musicais não seja linear, os actores identificam alguns estilos a diferentes drogas, justificando tal associação com a *batida* de cada tipo de música, a sensação produzida por essa mesma *batida* e o efeito que a droga pode provocar, salientando, neste caso, uma potenciação da experiência sensorial da música e da dança, ainda que em primeira instância, reflecta um gosto pessoal pelo indivíduo relativamente a determinada droga. Globalmente, a cannabis e derivados são apontados como droga transversal às diferentes estéticas musicais e a diferentes contextos, embora com predomínio no *reggae*, onde “*se vê toda aquela fumaça no ar*”; a cocaína surge, na voz dos actores, associada à *noite* no geral, dependendo sempre da pessoa que consome, do gosto e efeito que pretende, e, em particular, ao *rock* e à música electrónica; o LSD é conotado com música electrónica, nomeadamente a música *trance*; o MDMA, o *speed* e a cocaína aparecem para os actores como as principais drogas associadas às diferentes variantes da música electrónica, nomeadamente ao *drum ’n’ bass*, ao *dubstep* e ao *techno*. A *batida/ritmo* da música parece relacionar-se com as expectativas e efeitos pretendidos com o consumo de determinada substância. Neste sentido, o consumo de drogas estimulantes como que se associa a estilos

musicais cuja batida é mais forte e intensa e o ritmo mais acelerado *“Com o speed fiquei com mais vontade de dançar e movimentar-me”*; *“Com o MD senti-me bem, senti energia, senti aquele estado um bocadinho de euforia, senti se calhar a música mais a bater no peito, acho que é mais isso”*.

Fomo-nos apercebendo, quer ao longo das observações, quer ao longo da condução de entrevistas, que o consumo de drogas no sector juvenil, para além de suprir funções muito específicas, parece associar-se cada vez mais a um consumo recreativo, intencional e conscientemente pontuado - *“Mando umas cenas porque estou naquele bar ou naquela festa em particular e a música também terá a sua influência... Mas compramos já com essa intenção de ser naquele dia e naquele acontecimento. Não vou mandar MD em casa, nem porque sim, há um conjunto de motivações para o fazer”*. Excluindo a cannabis e derivados, os designados “novos usos de drogas” (Carvalho, 2004), surgem não raramente associados a ambientes nocturnos e de festa, intencionais, coexistindo numa vida normalizada - *“Eu consumo geralmente na noite, ao fim de semana. À semana não me dá gana para consumir, a não ser que haja uma festa ou uma noite específica num bar. E estou na faculdade, faço o meu curso direitinho, como filha os meus pais não têm queixas de mim... E também não me sinto uma viciada, porque consumo em condições muito específicas...”*. Também entre os jovens parece existir uma tentativa de, chamemos-lhe, *gestão da independência*, na medida em que há uma procura, aos seus olhos, de manutenção de independência relativamente às substâncias consumidas. Não queremos com isto dizer que os consumos não possam evoluir para padrões de consumo problemático, mas há uma procura por parte dos consumidores juvenis de drogas ilícitas em manter consumos não problemáticos, numa tentativa de manter os seus consumos funcionais, preservando o seu ajustamento geral (Cruz, Machado & Fernandes, 2010). Assim, os actores com os quais contactamos não encaravam o seu consumo como problemático, na medida em que consideravam estar bem ajustados nas diversas áreas de vida, apesar dos seus consumos recreativos. Tal como Cruz, Machado & Fernandes (2010) anunciaram, o consumo «não problemático» de drogas ilícitas assume-se processo constante de auto-regulação da utilização dessas substâncias. Também nós verificamos essa procura consciente por parte dos actores *“Pessoal, hoje é um reggaezito... Não nos vamos pôr com cenas... Amanha é drum, dá para mandar qualquer coisa. Mas ficamos por aqui. Daqui a três semanas há a festa no T. e até podíamos fazer uma vaquinha até lá”* (Diário de Campo, Abril 2011).

Os denominados “novos usos de drogas” adquirem contornos, no sector juvenil e no contexto em análise, de consumo recreativo, estabelecendo uma relação do actor com a droga que, não raras as vezes, é pontuada e intencional, num sentido de partilha colectiva, surgindo em contextos e espaços de uso associados, mais do que a relações instrumentais, a relações com pares, onde é comum a “experiência de droga” como uma partilha entre membros de um grupo que também o fazem - *“Apesar de cada um de nós sentir o efeito, tipo manda-mos porque temos ali aquela pessoa ao lado e depois até comparamos sensações”*. Aliando-se este facto aos preços elevados de determinadas drogas, assistimos igualmente à divisão de custos do produto pelo grupo *“um amigo disse para fazermos uma vaquinha e eu disse ok e dei uns riscos e também fumei”*.

3.6 - O consumo como comportamento que reflecte uma significação simbólica

Temos vindo a falar de usos de drogas e da sua relação com contextos e ambientes. Mas porque o consumo nunca é um acto isolado – não é um acto isolado de expectativas, de significações – mas sim comportamento envolto de carga simbólica e, mesmo que seja este um estudo que evidencia alguns dos contornos da relação do sector juvenil com as drogas, seria, arriscamos a dizer, quase que injusto para os actores que connosco partilharam as suas experiências, não darmos voz aos sentidos e significados que atribuem a determinado uso de drogas. Os significados atribuídos variavam, por vezes, de sujeito para sujeito e, algumas vezes, para a mesma substância surgiam diferentes significações atribuídas pelo mesmo sujeito.

“ - Estou todo maluco... (C. suava imenso enquanto me dizia isto) – Mas estás bem? O que se passa? – Mandeí MD... não vês como estou... Estou todo maluco, eufórico – Mas sentes-te bem? Nunca te vi assim... – Pois eu nunca tinha mandado nada, é a primeira vez... Mas isto é uma cena espectacular... Estou feliz, hoje só sinto que a vida é bela, não penso em mais nada... agora quero dançar e abraçar-me ao mundo”. (Diário de Campo, Maio, 2011).

No caso das entrevistas efectuadas, os sujeitos que consumiam psicotrópicos reportavam um uso de cannabis e seus derivados. Depois pareceu haver uma subdivisão entre aqueles que tinham experiências de carácter pontual com outras drogas, nalguns casos quase de excepionalidade e aqueles que revelavam um historial de uso mais vasto, ocasional ou regular. A cannabis emergiu como a primeira substância a ser utilizada, apresentando-se o seu consumo como mais precoce em relação a outras drogas.

Relativamente às circunstâncias e contextos, com um intuito de melhor

aproveitamento do seu uso, associam-se drogas a contextos específicos, no sentido de que elas sejam usadas nos contextos apropriados, no sentido de se poder *“retirar o que de melhor a droga pode dar e evitar que aconteçam cenas tipo bater-se mal, que também pode acontecer”*. Neste sentido, a *cannabis* e os derivados aparecem como as substâncias que podem ser consumidas em praticamente qualquer contexto e circunstância, sozinhos ou acompanhados. No caso das restantes drogas, verificamos ao longo da observação e também através das entrevistas, que se reportam a circunstâncias especiais e a contextos determinados, mais relacionados, como havíamos dito, com a noção de festa e quase sempre na companhia de outras pessoas.

No caso da *cannabis*, esta surge como a substância consumida em qualquer contexto, sozinho ou acompanhado. Não obstante e como já fomos dando conta, ela é percebida como uma droga presente em dinâmicas grupais, que surge num ambiente de relaxamento e de convívio grupal, quase já como que se de um ritual do grupo se tratasse, transportando a própria ritualidade ligada à realização do *charro*, à ritualidade grupal. Ainda assim esta emergiu como a substância que os sujeitos usam também em tarefas do quotidiano, sendo que a criatividade e as diferentes funções que a mesma apresenta apareceram também no discurso dos sujeitos - *“Dá para muita coisa... Para além de ficares mais criativo e ‘ta-se bem, a cannabis dá para fazer calças, leite, manteiga, é uma planta que tem muitas funcionalidades, as pessoas é que não querem saber disso e só associam a uma cena má, que, para mim, nem é”*. Paralelamente a isto, é curioso atentarmos no facto de alguns actores não considerarem a *cannabis* (e derivados) uma droga, mas quando lhes era pedido que se pronunciassem sobre drogas ela era referida *“Para mim a erva não é droga, droga é a branca e isso... A cannabis é tipo o álcool (...) Mas pronto, é considerada...”*. Surgem como significações mais frequentes associadas à *cannabis* o relaxamento, bem-estar, descontração, ao mesmo tempo que o próprio acto de *fumar um charro*, encerra em si uma dimensão prazerosa - *“Gosto de sentir aquele efeito de relaxamento, aquele está-se bem, por gostar de sentir isso e também por gostar do acto em si, por sentir prazer quando fumo, tal e qual como se fosse um cigarro, por passar e estarmos todos entre amigos e no meu caso associo também ao convívio”*; *“Acaba por ser um momento de descontração, relaxar um bocado, sem stress... é um momento zen... do género, hoje apetece-me estar mais zen”*; *“Proporciona-me mais abstracção e um estado de espírito diferente”*.

No caso de drogas como a cocaína, o speed, o ecstasy, o MDMA e o LSD, surgem associadas a ambientes de festa, de divertimento e como os consumos são apontados como

concretamente pontuados e intencionais, acaba por haver uma espécie de não problematização e uma tentativa de, como referíamos na secção anterior, *gestão da independência*, através de uma associação dos consumos a situações específicas. No que respeita à cocaína, as significações atribuídas passam pela inspiração criativa, pelo bem-estar, pela auto-confiança e sentimentos de segurança em si próprio “*Com a cocaína sentes-te o dono do mundo, sentes mais confiança, também ganhas movimento, ficas mais energético*”; “*(...) e se calhar também nos dá aquela sensação de poder, aquela sensação de que independentemente do que aconteça, eu estou bem, eu quero lá saber, eu consigo resolver, qualquer situação, qualquer problema, naquela hora. Não há aquela cena do tempo, de controlo... acho que dá um bocadinho isso... o bem-estar, essencialmente o bem-estar e depois parece que fico total criativa, cheia de ideias*”. No caso específico da cocaína a parafernália de uso e a questão da tecnologia de ingestão assumem também diferentes funções e sensações e traduzem diferentes cargas simbólicas. Assim, há a curiosidade e o gosto pelo acto em si de *mandar um risco* “*sempre tive curiosidade por cheirar, nunca foi por fumar*”, sendo o uso de cocaína inalada ou snifada mais associada a ambientes nocturnos, recreativos e festivos. Em relação ao ecstasy os actores apontam uma sensação extrema de felicidade e uma dimensão ligada a energia e a intimidade “*Aí senti mesmo aquela sensação de peace and love, de amor, eu quero dar e receber amor... eu estava a transbordar amor. Foi uma experiência diferente e parecia que me elevei a outro estádio. Eu sentia-me bem, apesar de eu sentir sempre algum controlo sobre mim*”; “*é a cena do amor, de tu transbordares amor e sentires emergir, energia, uma abertura da mente, sentires que estas bem, que tu queres é estar bem e estar com as pessoas e dizer que as amas e que estás na boa*”. O MDMA reveste-se de simbologias ligadas à intimidade, mas também de sensações de extrema felicidade, associando-se a sentimentos positivos e a momentos agradáveis “*Eu não me lembro de nenhuma cena má associada ao MD... só cenas boas, quer em cristais, quer em pó... ficava assim numa cena de bem com o mundo e com todos, aliás, abraçava-me muito aos meus amigos e feliz, muito feliz*”. Relativamente ao speed os actores apontam questões mais ligadas ao estado físico, corporal, salientando a energia proporcionada e a vontade intensa de não parar “*O speed deixa-te afecta-te só o corpo mesmo. O speed para consumires tem mesmo que ser para ouvires musica e desgatares aquilo tudo porque senão aquilo não tem qualquer sentido*”. A experiência com LSD é significada como marcante e, ao mesmo tempo numa dimensão apreensiva, aparecendo como a substância relativamente à qual há um maior receio de *bad trip*. Ao seu consumo, associa-se a procura de um estado quase que transcendente e é relevado o

interesse por pormenores, salientando-se a dimensão sensorial, com atenção a luzes e som “*O LSD é que meu deus... é um estado de espírito brutal... tinha interesse por tudo, muita curiosidade por tudo... pelo movimento, pelas luzes, pelo som. De todas as que mandei o LSD foi a que me deu mais alguma coisa*”.

A cocaína surge, a par do cannabis, como a droga que “*está presente na sociedade toda, mesmo sem ser em saídas*”. Já as outras drogas aparecem extremamente relacionadas a saídas nocturnas no geral e a festas e música em particular. As dimensões da diversão, da energia e do retirar o maior proveito de uma saída emergem como salientes, aliadas à curiosidade e à procura de novas experiências com os outros “*é a cocaína, que eu acho que é global, depois acho que é o MD, o speed... essas 3 principalmente, parece-me, porque são mais acessíveis essas substâncias... a substância que eu vejo que as pessoas gostam muito é a cocaína e depois se não arranjam acabam por optar pelo MD e pelo speed, porque são substâncias que dão energia, que te permitem dançar, curtir até... curtir várias horas, manter-te acordado...*”.

Estes consumos parecem passar despercebidos a quem não está no meio. Por diversas vezes no bar A. e nos dias em que a música rainha era o drum’n’bass ficávamos atónitos com a perspicácia do nosso informante em relação aos consumos que lá ocorriam “*Olha aquele, por exemplo... Mandou MD... dá para ver pelo estado de espírito dele. E ainda te digo mais, misturou os cristais na bebida e está neste momento a passá-la ao outro man*”(Diário de Campo, Fevereiro, 2011). São consumos que surgem de modo mais camuflado comparativamente ao da cannabis, muitas vezes imperceptíveis aos olhos de quem não está no meio “*Às vezes eu vejo o pessoal a levantar no multibanco ou a fazer o tubinho com a nota e se forem à casa de banho, se calhar não estou a ver a fazer o acto em si, mas quem conhece sabe que a pessoa vai dar um risco, seja de MD ou coca*”.

Nos discursos dos actores juvenis, a heroína não surge associada a contextos festivos ou aos seus consumos, demarcando-se de modo claramente estigmatizado “*A heroína é para os ressacas... Esses sim, os verdadeiros drogados, eu não sou assim*”. Esta informação relaciona-se também com tecnologias de ingestão, mais concretamente o modo intravenoso “*Esse pessoal aí da rua é que se injecta, nós não*”. E mesmo quanto a cocaína fumada parece existir uma conotação negativa por fazer lembrar a heroína “*Não gosto muito de fumar coca, faz-me lembrar os enterrados*”. A heroína aparece, por conseguinte, bastante associada a cenários de toxic dependência e de degradação física e social. Assim, tal como Carvalho (2004) anunciava, esta droga encontra-se “praticamente ausente do meio festivo”, atentando na diferenciação pronunciada que os actores juvenis reconhecem

entre si e a figura do heroinómano de rua. Concretamente no caso da Baixa – Concentrador Juvenil, apesar de vermos algumas destas figuras, geralmente a arrumar carros ou a pedir, entre os actores juvenis que frequentam o contexto, há a ideia de que a heroína não passou ainda a barreira para aquele meio, principalmente nos espaços fechados. Há ainda quem diga *“a partir do momento em que a heroína chegar aqui, que eu não acredito que chegue, porque não é a cena dos jovens de hoje, mas se chegasse ia afastar muita gente da Baixa, muita gente mesmo. O pessoal sabe que o pessoal que está a pedir e a arrumar carros é para a heroína, mas eles não consomem aqui, vão à vidinha deles”*. Se a heroína é associada à degradação, as restantes drogas, com particular saliência da cocaína, surgem bastante ligadas à diversão e à dimensão do lazer.

E se pensarmos também o consumo de drogas na generalidade, apercebemo-nos que o seu uso aparece integrado num todo social, mas também cultural. Se um dos motivos iniciais para o consumo se prende, na voz dos actores, com o interesse e a curiosidade, e se, como nos dizia um entrevistado *“o problema da droga é que é boa”*, acabamos por perceber que, não obstante tais factos, o acto do uso de drogas não é um acto isolado ou apartado de carga simbólica, mas também social e cultural. Com isto queremos dizer que este uso sobrevém relacionado, como fomos constatando ao longo deste trabalho, a uma dimensão de identificação e partilha de experiências, comuns a um grupo de indivíduos. Através do consumo numa experiência de partilha com outros, há uma integração em redes de intercâmbio simbólico. O reconhecimento de sensações resulta na maneira como constrói a narrativa da experiência. A festa, a diversão e particularmente a subcultura da música e da dança emergiram associadas a usos de drogas no nosso estudo. Relativamente aos diferentes usos, eles são encarados pelos actores não só como contribuindo para uma exacerbação e potenciação de experiências, mas também como modo de irem além de si próprios - *“Eu encontro-me a mim próprio e ainda me consigo superar, superar limites e elevar-me a outra dimensão”*. A atribuição de significações e efeitos específicos ao uso de determinada droga reflecte, então, uma experiência profunda, a partir da qual os jovens vivenciam estados de ligação a si próprios *“Para mim o consumo de cannabis, por exemplo, é um encontrar-me comigo próprio”*. Ainda que os usos apareçam contextualmente pontuados e de haver uma procura por uma certa *gestão da independência*, o conhecimento de novas drogas aparece como que num abrir de horizontes relativamente a novas experiências - *“Desde que comecei a conhecer... agora abro portas para algumas, por exemplo, o MD gostava de experimentar a sério... Só mesmo para poder ver o que cada uma proporciona”*.

3.7 - O Reggae e as Drogas

O objecto droga reveste-se de materialidade complexa (Fernandes, 1990), e a relação que pretendemos estabelecer entre o reggae e a droga surgiu em muito do contexto de observação que se constituiu o bar A., onde o reggae se delineava como estética musical marcadamente presente e onde constatamos uma associação frequente entre ambos. Esta associação surgiu no terreno e aqui consubstanciada visa, não a produção de uma leitura global do fenómeno, mas antes o fornecimento de pistas e elementos que permitam uma breve compreensão de uma das suas manifestações. Neste sentido, as drogas associam-se a significações e as relações entre reggae e drogas emergem como elementos expressivos duma subcultura juvenil. Tal parece ganhar ainda mais sentido quando relembramos que a reclamação de pertença a um grupo é feita associando uma dada estética musical com as preferências musicais que definiriam o próprio grupo (Fernandes, 1990).

Nos dias de música reggae no Bar A. não era surpreendente vermos caras conhecidas de outras noites lá, que já diziam um “olá” por reconhecerem a presença no espaço. O facto do reggae unir um conjunto de pessoas que possuem um conjunto de práticas compartilhadas permite fortalecer uma pertença *“Isto já se torna quase uma família... Gostamos deste tipo de música e identificamo-nos com ela, depois como quem gosta vem muito, acabas por ir conhecendo as pessoas”*. Desta forma, a partilha por um gosto musical adquire, também ela, um sentido no contexto social onde tomam lugar processos de interacção. As ideias e objectos partilhados, neste caso, a música, dotam-se de valor simbólico relativamente ao qual os actores se reconhecem. Mais do que um sentido de grupo, parece existir um sentido de comunidade *“Eu venho para aqui com este pessoal, como tu vês. Mas chegamos aqui e fazemos parte deste mundo, não nos sentimos deslocados porque é tipo comunidade, dizia-nos B.L.”* (Diário de Campo, Março, 2011). Este sentido *comunitário* parece revelar-se quando os actores se descobrem próximos em gostos e sensibilidades, de que a droga é exemplo, construindo-se marcos identitários. Particularmente nas noites reggae, assistíamos a uma associação entre o consumo de cannabis, o desfrute da música, as emoções evidenciadas e uma concepção do mundo dos actores juvenis. E precisamente no consumo de cannabis constroem-se representações sociais partilhadas que se movem em torno de aspectos que vão desde a individualidade (porque há uma afirmação de gostos e preferências pessoais) até ao carácter subcultural entre os membros. No Bar A. vimos, então, instituídas práticas de associação juvenil e de

desfrute pessoal. Neste sentido, há uma identificação pessoal com o local em si e especificamente com a música que lá passa e as pessoas que o frequentam. Assim, as noites reggae representam um momento de integração de várias actividades, mas articuladas num sentido de partilha na companhia de outros: o desfrute da música, a dança e o uso de drogas “*Aqui é assim, vês as pessoas a dançar e a fumar muito (haxixe), o ambiente ajuda, tudo concentrado aqui... É praticamente impossível estares num sítio onde passe reggae sem haver pessoal a fumar uns, já é ritual*”. Paralelamente, o uso de drogas como prática constitui um suporte fundamental de representações sociais dobre a cultura reggae. A cannabis é apelidada “droga da paz”, relacionando-se com aspectos enunciados nas letras das músicas, ao mesmo tempo que, como vimos, se relaciona com uma dimensão convivial. “*O charro dá-te aquela sensação de peace and love e falas com o pessoal e aqui o charro é como se te fizesse entrar mais na cena da música e parece que até sentes mais isto... o reggae está para o charro como o LSD para o trance*”. (Diário de Campo, Abril, 2011). O consumo afigura-se como representação social, como que distinguindo os sujeitos, na medida em que simboliza uma pertença social e cultural. Para os actores juvenis a cannabis dá sentido à música reggae “*Se pensas em reggae quase que instantaneamente pensas em cannabis*”. As próprias letras e os ícones do reggae ligam-se a este consumo. Em alguns casos há como que uma apologia ao seu consumo, mesmo em detrimento de outro tipo de drogas. A este propósito colocamos em anexo letras de músicas que reflectem o que acabamos de enunciar. As sensações de prazer e tranquilidade e a “*boa energia e espírito de luta positiva, em termos de ideais*” que o reggae emana juntamente com as sensações produzidas pelo consumo de cannabis, oferecem o mote para que se produzam um sentido de pertença ao grupo e aos sítios frequentados.

Os elementos expressivos relativos ao visual merecem também ser alvo de atenção. Com efeito, verificamos que os jovens conotam, “*um estilo descontraído, roupa mais para o larga, é pessoal que nem liga muito à aparência*”. Mas este “não ligar muito à aparência”, é já de si uma marca de visual, reflecte o modo como se apresentam e que os faz distinguir dos demais. É comum também a presença de jovens com rastas e signos alusivos à planta cannabis. Este tipo de elementos marcam uma construção identitária que comporta um conjunto de elementos de diferenciação e exclusividade. Os próprios significados derivados de representações partilhadas do que é consumir psicotrópicos e dos espaços e ambientes para tal actividade como que legitima o próprio consumo “*Há pessoas que estão aqui e não consomem, claro, mas isto é quase um ritual presente aqui e se não estivesse ninguém a consumir é que seria de estranhar, a cannabis dá este feeling ‘ta-se*

bem e vai ser sempre perpetuado”(Diário de Campo, Março, 2011). Neste sentido, também como Pais (1993) apontava, percebemos aqui que objectos simbólicos como a música, o vestuário, a aparência, a linguagem, as formas de interacção assumem-se como cristalizações expressivas que auxiliam na definição da identidade de um grupo. Acrescentamos a estes objectos simbólicos o consumo de drogas, nesta associação à subcultura de música e dança que é o reggae, que pode, portanto, ser considerado como um signo de diferenciação grupal. Assim, os usos simbólicos destes objectos ajudam à expressão e consolidação de uma identidade dotada de coerência interna (Pais, 1993). Deste modo, verificamos que os jovens se apropriam diferentemente do reggae, considerando uma música que incita a paz, mas ao mesmo tempo que se constitui como um *grito social* “*É uma música que também reflecte um pouco a realidade e leva as pessoas a pensar nas desigualdades... é um bocado contra até ao que hoje em dia vemos ...Mas tipo também arrasta o tipo de vida que levamos, em relação a fumar erva também*”.

3.8 - Para uma visão integrativa

A Baixa do Porto afigura-se palco privilegiado de encontro juvenil nocturno, assume-se, portanto, concentrador juvenil nocturno, emergindo a noite enquanto espaço-tempo de apropriação juvenil. Assim, à Baixa associam-se dimensões associadas ao lazer, fazendo com que seja conceptualizada como lugar de recreação nocturna. Os espaços de lazer encontrados revelam consumos culturais específicos e a noite, significada como espaço-tempo de libertação e quebra da dimensão formal, opera num sentido de identificação dos jovens aos grupos e aos espaços que frequentam, arrogando-se o sair à noite acto colectivo. As culturas juvenis vêem gratificados uma série de aspectos no concentrador juvenil e reflectidos uma série de elementos da sua sensibilidade, vendo-se definidas a partir de locais de encontro e processos de convívio e sociabilidade. Para os jovens, esta *cultura da noite* assume contornos de liberdade, de novidade, mas é também espaço de partilha com pares e de vivência de experiências que o dia interdita. Na realidade, as culturas juvenis que se apropriam da *cultura da noite*, vivem-na de um modo intenso e alternativo. Tudo isto parece edificar-se num plano de uma construção simbólica da noite. A noção boémia associada reporta-nos para uma vivência libertária dos espaços públicos, mas também do próprio tempo, onde os ritmos são alterados. A esfera do tempo livre associa-se à do lazer, foco de enquadramento das culturas juvenis. O modo como o tempo livre é vivido e sentido à noite auxilia, por conseguinte, a uma compreensão da razão pela qual os jovens significam os lazes nocturnos como modo de escape à rotina

diurna. Assim, parece haver uma vivência diferenciada do tempo e do espaço, criando a noite, paradoxalmente, uma série de rotinas, materializadas nas diversas saídas nocturnas.

É fundamentalmente a Baixa das noites amenas, onde o espaço das ruas e praças se transfigura em palco de vida, onde as interacções tomam lugar, numa dimensão intensa de comunicação, que tornam este espaço da cidade um lugar atractivo e onde é estimulante estar. Em torno desta vivência do espaço, produzem-se processos identificativos e de categorização, na partilha de tempo e espaços. Globalmente, os diferentes estilos, assentes no visual, localizam-se em espaços demarcados, suportes geradores de identidades grupais. A liberdade de acção e de condutas sentida neste espaço parece operar como uma espécie de resistência aos padrões convencionais impostos pelos adultos. A importância da classe social que os teóricos de Birmingham anunciavam aparece esbatida, sendo a resistência simbólica mais associada aos modos de viver o lazer relativamente aos adultos.

Podemos afirmar que esta vivência nocturna do concentrador juvenil cumpre funções relevantes sobretudo no que respeita à integração e agregação de diferentes culturas juvenis e dos jovens que com elas se identificam. Por outro lado, os espaços de culto para o ócio juvenil nocturno que a Baixa do Porto oferece possibilitam a ocupação do tempo livre durante a semana e, fundamentalmente, ao fim de semana, daí que não possamos destringir a esfera espacial e temporal na análise de lazers juvenis. Neste sentido, este uso intenso da noite só é permitido pela criação de uma *economia da noite* que vê nos jovens o principal público-alvo. Deste modo, possuímos elementos para asseverar que a noite se afirma como vector central na dimensão do lazer de grande parte das culturas juvenis, onde se vêem reflectidos modos de convivialidade e sociabilidade. Assim, a Baixa é significada como um espaço promotor de encontro com os amigos. A *mobilidade* que o espaço potencia funciona como elemento atractivo, havendo igualmente uma valorização vincada do convívio e da diversão ao *ar livre*, fazendo com que a rua seja amplamente valorizada como espaço de socialização, de conversas, de ocupação do tempo. Paralelamente a isto, a variedade de oferta de espaços fechados prende-se fundamentalmente com a música, factor sinalizador de suporte e *identidade grupal*. Para além da música, também o álcool, o tabaco e o uso de haxixe se revelam, à semelhança dos dados obtidos por Fernandes (1990), elementos de consumo permanente nos espaços de lazer. Para a dita *boa noite*, para o convívio, a presença dos *Outros* é condição fundamental, em que de referentes compartilhados emerge um sentido do “nós”, que institui categorialmente a existência de “outros” diferentes. Aqui, a ostentação de um determinado estilo, a partir de um uso particular do corpo, assume-se relevante no que

respeita ao modo como os actores se apresentam publicamente. A questão da estética não se circunscreve apenas ao âmbito individual ou grupal, deve ser igualmente compreendida em termos dos *espaços de culto* apropriados por diferentes grupidades. Assim, os espaços são identificados nesta lógica de apropriação, mais do que pelas suas características. O processo de categorização do outro irá, neste sentido, contribuir para a cristalização de uma identidade social.

Também o consumo de drogas é signo de algumas sensibilidades juvenis (Fernandes, 1990). Do nosso estudo ressaltam-se novos modos de relação do sector juvenil com o consumo de drogas. Falar do consumo de drogas neste sector referenciado ao contexto do concentrador juvenil não se constituiu discurso sobre as próprias drogas, tendo exigido uma aproximação à sua expressão no espaço e de elementos que relevam uma certa organização subcultural que enquadra o próprio consumo. A relação dos jovens com as drogas transporta-se a uma dimensão discursiva e experiencial marcadamente diferente da leitura que nos é dada pela cultura dominante. Com efeito, o modo como se falam e sentem remete-nos para todo um simbolismo que diferencia a droga de valores sociais centrais. Assim, se existe um discurso específico, distinto do da cultura dominante, perceber os seus usos implica desvendar as relações dos sujeitos com um dado espaço, na medida em que este revela uma aprendizagem específica (Fernandes, 1990). As drogas são faladas *naturalmente e desdramatizadas* no seio de interações quotidianas. Identificamos no espaço um *micro território psicotrópico leve* (Fernandes, 1997), que se parece formar intencionalmente. Globalmente, a liberdade, a ausência de controlo ou punição e o facto dos jovens não se sentirem julgados ou criticados, parece explicar, em parte, a visibilidade que o consumo de drogas adquiriu neste local e a naturalidade com que o uso é efectivado. A cannabis parece assumir-se como fortemente enraizada à dimensão simbólica do espaço convivial nocturno, particularmente na territorialidade específica que demarcamos como micro território psicotrópico leve (Fernandes, 1997), sendo que o próprio espaço é, aos olhos dos actores, até certo ponto, propício ao uso da substância.

Paralelamente, quando nos referimos concretamente a espaços fechados, a droga parece surgir no sector juvenil ligada à dimensão festiva e, por via disso, a um consumo recreativo. Também o facto da noite quebrar a rotina do dia parece ligar-se ao consumo, funcionando a droga, neste caso, como potenciadora da evasão que o dia não possibilita.

Da nossa investigação ressalta-se igualmente a possibilidade de estarmos perante um novo tipo de actor juvenil consumidor de drogas, remetendo-nos para contextos e espaços de uso que abandonam a associação a cenários de exclusão e marginalização social

e à experiência urbano-degradada da heroína (Fernandes 2002a). Assim, identificamos contextos que se apresentam, no plano recreativo, relevantes para uma associação entre usos de droga e actor juvenil. Neste sentido, pensamos que a abordagem naturalista se revelou determinante e pertinente no descortinar dos contornos que o fenómeno evidencia em contexto recreativo nocturno. Assim, pudemos perceber que o uso recreativo de drogas é sentido pelos actores juvenis, não como uma prática desviante experimentada, mas antes como uma parte normal do lazer. Assistimos a um uso deliberado, estratégico e sensível de certas substâncias que reflecte não só uma maior disponibilidade das mesmas, mas também uma maior aceitação, não negligenciando a sua associação a subculturas de lazer (especialmente as subculturas da música e da dança), nas quais as drogas poderão ser escolhidas com o intuito de promover uma alteração agradável da consciência, assinalando uma identificação subcultural e um sentimento de pertença (Hont, 2005). Assim, o uso de drogas não é acto isolado ou apartado de carga simbólica, mas também social e cultural. Com isto queremos dizer que este uso sobrevém relacionado, como fomos constatando ao longo deste trabalho, a uma dimensão de identificação e partilha de experiências, comuns a um grupo de indivíduos. Através do consumo numa experiência de partilha com outros, há uma integração em redes de intercâmbio simbólico.

Se entre os anos oitenta e noventa, os estudos realizados enfatizavam, a figura do *junkie*, (Carvalho, 2004), a análise da associação entre *Juventude – Culturas Juvenis – Alteração de consciência* não poderá deixar de ter em conta esta nova tendência de relação do lazer com o consumo recreativo, que se afigura não raras as vezes como um consumo não disruptivo. Assim, podemos também apontar uma relativa deslocação do perfil do consumidor problemático para o de um utilizador não-problemático, com usos recreativos ou regulares, mas bem sucedidos em termos da vivência quotidiana, convencional e normativa, conseguindo conciliá-la com experiências de uso de drogas, procurando uma *gestão da independência*. Esta informação irá ao encontro da *tese da normalização* do uso de drogas, indicando uma mudança face aos consumos (Parker, 2005), que se opõe às tradicionais concepções do “toxicómano doente ou delinquente”

Por fim, podemos associar o relacionamento com o consumo de drogas encontrado na Baixa ao “freak” revelado por Luís Fernandes em 1990. Com efeito, as drogas aparecem associadas fundamentalmente ao lazer e ao prazer, sendo usufruto do tempo livre. Mais ainda, o seu consumo não é compulsivo, é contemplativo e tal, como Fernandes (1990, p.178) anotou, “ajuda a criar sintonia com um ambiente, com uma forma de estar num lugar”.

Considerações Finais

Nesta etapa final da produção escrita do trabalho científico é chegado o momento de reflectir sobre o que constituiu o trabalho de investigação. A recta final do percurso académico culminou com a instituição de dois papéis que não tivéramos antes experimentado – o de estagiários e o de investigadores, mas centremo-nos no segundo. Se a investigação chegava até nós como produção escrita de outros e se nela nos inspirávamos e a ela recorriamos, chegara o momento de pagarmos a dívida que tínhamos contraído com a ciência e darmos também nós um pequeno contributo. Assim, era inevitável que não nos deparássemos com um conjunto de desafios, num processo contínuo de interiorização do que é ser-se investigador, num decurso permanente de aprendizagem e realização. Exactamente por ser o primeiro, as dificuldades não seriam desprezíveis. Por muito mais que tivéssemos lido sobre os moldes de realização do trabalho etnográfico, de pouco nos valia se não tivéssemos tido a oportunidade de estar *in loco*, realizando trabalho de campo e percebendo a cada dia que só se aprende com a prática, realizando. Certo é que a inexperiência nos fazia questionar se estaríamos a seguir os melhores caminhos, criando dúvidas e anseios, mas a cada passo e a cada barreira transposta não podíamos deixar de sentir a satisfação de estarmos a conseguir levar este projecto avante. As aproximações e recuos fazem, também eles, parte do carácter fragmentário da estadia do investigador no terreno, não sistemática, feita de idas e vindas (Neves, 1998).

O nosso interesse em aceder à voz dos actores, ao significado por eles imputado às suas diversas práticas, conduziu-nos a opções metodológicas que esbarrariam na vontade, mas também necessidade, de elegermos uma abordagem proximal e naturalista. Tal abordagem revelou-se determinante, tendo exigido que procurássemos distanciarmo-nos, numa tentativa de abstracção do vivido, para que pudéssemos pensar e registar os pensamentos, mas também cogitar acerca dos próprios pensamentos e práticas dos actores. Por isso mesmo, enquanto método complexo, a etnografia exige adaptabilidade e paciência, “colocando o investigador numa tensão entre as situações de estar de fora e a de estar dentro” (Neves, 1998, p.180). Assim, os objectivos inerentes aos vectores de investigação foram-se construindo, desconstruindo e reconstruindo, num esforço de questionamento e concepção de ideias a partir do real observado. Consideramos ainda que os actores sociais constroem os significados nas diversas situações, em contexto, num processo de negociação simbólica. Por conseguinte, o seu comportamento, interpretações e significados só podem entender-se verdadeiramente quando referenciados a um contexto.

A conciliação de dois papéis – o de investigadores e estagiários – bem como o tempo disponível para a realização da investigação, acabaram por condicionar a permanência no terreno. Com efeito, se a etnografia pressupõe presença prolongada no terreno, por via de contingências situacionais, que fizeram com que as observações fossem maioritariamente realizadas à Sexta-feira e aos fins-de-semana, não poderíamos designar este trabalho como etnografia. Assim, constituiu-se estudo exploratório de cariz etnográfico. Fica então a esperança de que no futuro se possa retomá-lo, com a consciência de que um trabalho etnográfico de presença intensa e prolongada no terreno abriria caminho a resultados mais profundos e profícuos. Também a abrangência das questões de investigação podem ter-nos feito correr um risco, daí que deixemos o repto de que seria igualmente interessante seleccionar aspectos mais específicos às culturas juvenis, desenvolvendo um quadro mais focalizado de alguns dos seus elementos. Não obstante, pensamos que este trabalho pode constituir-se mote para um olhar das culturas juvenis e dimensão do lazer nocturno a elas associada atribuindo importância à vivência experiencial dos jovens, que afastam esta experiência da noite de cenários problemáticos, proporcionando uma gratificação de aspectos da sua sensibilidade, promovendo modos de vida e identidades tipicamente juvenis. Também pensamos ter aberto caminho para um olhar diferente daquele veiculado pela cultura dominante em termos dos contornos da relação do sector juvenil com o consumo de drogas, que são faladas *naturalmente* e referenciadas a contextos específicos. Ao actor juvenil interessará o convívio, a festa, a música e alguns dos seus relacionamentos com as drogas revelam um uso sensível, estratégico e pontuado, no contexto de uma vida normalizada.

Por fim, resta-nos expor um pensamento que nos acompanha desde que terminamos as nossas incursões ao terreno – de facto, quando o trabalho se aproximava do fim, o desejo era o de que devesse começar. Quando estávamos já embrenhados no terreno, a estabelecer relações privilegiadas com alguns actores, sem os receios e hesitações iniciais, tivemos que suspender as idas por uma questão de *timing* (o que justificou também a realização de entrevistas). Resta-nos ainda patentear a importância do contacto com os palcos naturais de vida dos actores, terminando esta dissertação com uma citação de Luís Fernandes, autor inspirador deste trabalho. Tal como ele, preferimos o “laboratório complexo - os contextos naturais de vida onde os psiquismos, expressão suprema do vivo, se exprimem e os actos afinal acontecem” (Fernandes, 1999, p. 329).

Referências Bibliográficas

Agra, C.; Fernandes, L. (1993). Droga enigma, droga novo paradigma. In Agra, C. (coord.) *Dizer a droga, ouvir as drogas*. Porto: Radicário

Angrosino, M. (2007). *Doing ethnographic and observational reserach*. London: Sage Publications Ltd.

Aríes, Ph. (1988). *A criança e a vida familiar no Antigo Regime*. Lisboa: Relógio d'Água

Balsa, C.; Vital C.; Urbano, C.; Pascoeiro, L. (2007). *II Inquérito Nacional ao Consumo de Substâncias Psicoactivas na População Portuguesa*. Lisboa: IDT/Universidade Nova de Lisboa.

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa : Edições 70

Bebiano, R. (2002). A Juventude como objecto da história.

http://www.aph.pt/opiniao/opiniao_0208.html Acedido a 30 de Maio de 2011

Bernardo, M. (2009). *Significações associadas ao uso de drogas em jovens: Um estudo qualitativo*. Tese de Mestrado, FEP-UCP.

Blumer, H. (1982). *El interaccionismo simbólico : perspectiva y método*. Barcelona: Hora, S.A.

Bogdan, R.; Blikem, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação :uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora

Bourdieu, P. (1984). La jeunesse n'est q'un mot. *Questions de Sociologie*. Paris: Ed. Minuit

Bucholtz, M. (2002). Youth Cultural Practice. *Annu.Rev.Anthropol*, 31,525-52.

Burgess, R. (1997). *A Pesquisa de Terreno: Uma introdução*. Oeiras: Editora Celta.

Calado, V. (2006). *Drogas sintéticas. Mundos culturais, música trance e cyberspaço*. Lisboa: IDT

Calafat, A. (Coord), (1999). *Night life in europe and recreative drug use*. Espanha: IREFREA ESPAÑA

Caria, T. (2002). *A experiência etnográfica em ciências sociais*. Porto: Afrontamento

Carvalho, M.C. (2004). *Culturas juvenis e novos usos de drogas em meio festivo: trance psicadélico como analisador*. Tese de Mestrado, FPCEUP.

Comas, D. (1985). *El uso de drogas en la juventud*. Barcelona: Publicaciones de Juventud y Sociedad, S.A.

Costa, A.F. (1986). A pesquisa de terreno em sociologia. In Silva, A.S.; Pinto, J.M. (coords). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

Cruz, O.; Machado, C.; Fernandes, L. (2010). Consumo “não problemático” de drogas ilícitas: experiências e estratégias de gestão dos consumos numa amostra portuguesa. *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*, Universidade do Minho

Denzin, N.; Lincoln, Y. (1998). *The Landscape of Qualitative Research – Theories and Issues*. London: SAGE Publications.

Duff, C. (2005). Party drugs and party people: examining the ‘normalization’ of recreational drug use in Melbourne, Australia. *International Journal of Drug Policy*, 16, 161-170.

Duff, C. (2003). Drugs and youth culture: Is Australia experiencing the ‘normalisation’ of adolescent drug use? *The Journal of Youth Studies*, 6(4), 433–447.

Epstein, J. (1998). *Youth Culture: identity in a postmodern world*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd.

Farate, C. (2001). *O acto do consumo e o gesto que consome*. Coimbra: Quarteto Editora.

Fernandes, L. (2002a). *O Sítio das Drogas: etnografia das drogas numa periferia urbana*. Colecção Comportamentos. Lisboa: Editorial Noticias.

Fernandes, L. (1999). Estratégias qualitativas de investigação do uso de drogas e da Toxicodependência. *Análise Psicológica*, 1-2-3 (8), 329-338.

Fernandes, L. (1997). *Actores e territórios psicotrópicos – etnografia das drogas numa periferia urbana*. Tese de Doutoramento, FPCEUP.

Fernandes, L. (1990). *Os pós-modernos ou a cidade, o sector juvenil e as drogas: estudo teórico-metodológico e pesquisa de terreno*. Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica, FPCEUP

Fernandes, L.; Paixão, R. (1993). Existe uma cultura juvenil? De como uma dona de casa nunca ouvirá os B'52. *Encontro sobre a Adolescência*. Fundação de Serralves. Porto: Edinter.

Ferreira, M.; Matos, M.; Pessoa, A.; Diniz, J. (2008) Preferências Musicais e Culturas Juvenis e o Consumo de Substâncias nos Adolescentes. IN Matos, M. (2008) (Coord). *Consumo de Substâncias. Estilo de Vida? À procura de um estilo?* Lisboa: IDT.

Fischer, G. (1994). *Psicologia social do ambiente*. Lisboa: Instituto Piaget.

Gamella, J.; Roldan, A.; Romo, N. (s.d.). La “fiesta” e el “éxtasis”, drogas de síntesis y nuevas culturas juveniles. *Estudios de Juventude*, 40.

Glaser, B.; Strauss, A. (1967). *The discovery of grounded theory: strategies for qualitative research*. New York: Aldine de Gruyter.

Gourley, M. (2004). A Subcultural Study of Recreational Ecstasy Use. *Journal of Sociology*, 40(1), 59-73.

Hall, S.; Jefferson, T. (1975). *Resistance through rituals. Youth subcultures in postwar Britain*. London: Routledge.

Hollands, R. (2002). “Divisions in the dark: Youth cultures, transitions and segmented consumption spaces in the night-time economy”. *Journal of Youth Studies*, 5(2), 153-171.

Hollands, R. (1997). As identidades juvenis e a cidade. In Fortuna, C. (Coord). *Cidade, cultura e globalização*. Oeiras: Celta Editora

Holt, M. (2005). Young people and illicit drug use in Australia. *Social Research*, 3.

IDT (2007). Relatório Anual, 2006 – A Situação do País em Matéria de Drogas e Toxicodependências. Instituto da Droga e da Toxicodependência, I. P. Lisboa

IDT (2008). Relatório Anual, 2007 – A Situação do País em Matéria de Drogas e Toxicodependências. Instituto da Droga e da Toxicodependência, I. P. Lisboa

Jenks, C. (2005). *Subculture – The Fragmentation of the Social*. London: SAGE Publications.

Lagache, D. (1978). *A Unidade da Psicologia*. Lisboa: Edições 70

Lameiras, A.; Gonçalves, I.; Miranda, J.; Atháide, M. (Novembro 2009). Admirável Porto Novo: fenómeno sociológico ou ilusão noctívaga? *Journal Universitário do Porto*, 1-5.

Lipovetsky, G. (1989). *A Era do Vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo*. Colecção Antropos. Lisboa: Relógio de Água.

Lomba, L.; Apóstolo, J.; Mendes, F.; Campos, D.C. (2011). Jovens portugueses que frequentam ambientes recreativos nocturnos. Quem são e que comportamentos adoptam. *Revista Toxicodependências*, 17 (1), 3-15.

Lopes, J.T. (2000). *A cidade e a cultura. Um estudo sobre práticas culturais urbanas*. Porto: Edições Afrontamento.

Mauger, Gérard (1994). *Les Jeunes en France: état des recherches*. Paris: La documentation française.

- McAdams, D. (2000). *The Person. An Integrated introduction to personality psychology* (3ªEd.). Fort Worth: Harcourt College Publishers.
- McCulloch, K., Stewart, A., Lovegreen, N. (2006). "We just hang out together": Youth Cultures and Social Class. *Journal of Youth Studies*. 9 (5), 539-556
- Moreira, C. (2007). *Teorias e Práticas de Investigação*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Morin, E.(1999) Por uma reforma do pensamento. In: PENA, A.; ALMEIDA, E. P. de. (org). *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Neves, T. (1998). Etnografia das drogas no bairro do Cerco do Porto: a economia subterrânea. *ANTROPOLógicas*, 179-183.
- Observatório Europeu da Droga e da Toxicodependência (OEDT). (2007). Relatório Anual 2007: A Evolução do Fenómeno da Droga na Europa. Luxemburgo: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias.
- Pais, J. M. (1993). *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Parker, H.; Williams, L. & Aldridge, J. (2002). The Normalization of 'Sensible' Recreational Drug Use. *Sociology*, 36(4), 941-964.
- Parker, H. (2005). Normalization as a barometer: recreational drug use and the consumption of leisure by younger Britons. *Addiction Research and Theory*, 13,(3), 205-215.
- Peele, S. (1980). Addiction to an Experience: A Social-Psychological-Pharmacological Theory of Addiction. In Lettieri, D.; Sayers, M., & Pearson, H. (Coords), *Theories on Drug Abuse: Selected Contemporary Perspectives*. Washington: U.S Government Printing Office.
- Peralva, A. (1997) O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*,6,15 - 24.
- Pinto, M.S. (2009). *Gunas, transgressão e tensões centro-margem: notícias duma etnografia urbana*. Tese de Doutorado: FPCEUP.

- Sanches, M. & Martins, H. (1999). Traços Nocturnos: percursos juvenis na noite do bairro alto. In *Traços e Riscos de Vida*, (Ed. José Machado Pais). Porto: Ambar
- Sprinthall, N. & Collins, A. (1994). *Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Spradley, J. (1979). *The ethnographic interview*. Belmont: Wadsworth Group.
- Stratton, J. (1985). Youth Subcultures and their Cultural Contexts. *Journal of Sociology*. 21, 194-218.
- Suárez, J.; Tomás, E.; Tomás, M. (2003). Jóvenes, fin de semana y uso recreativo de drogas: evolución y tendencias del ocio juvenil. *Adicciones*, 15, (2), 7-33.
- Relvas, J.; Lomba, L. e Mendes, F. (2006). *Novas drogas e ambientes recreativos*. Lisboa: Lusociência – Edições Técnicas e Científicas Lda.
- Ribeiro, M. (2004). *Representações sociais das novas e velhas drogas e seus consumidores: No encaço da deslocação/alteração dos padrões de consumo*. Tese de Mestrado, FPCEUP.
- Romaní Alfonso, O. (2008). Placeres, dolores y controles: el peso de la cultura. IN Torres, A.; Lito, A. *Consumo de drogas. Dor, Prazer e Dependências*. Lisboa, Fim de Século.
- Vala J. (1993). As representações sociais no quadro dos paradigmas e metáforas da Psicologia Social. *Análise Social*, 28, 123-124
- Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In Silva, A.S.; Pinto, J.M. (coords). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

Anexo 1 - Temas Base / Guião - Entrevistas Realizadas

- Estabelecimento de um clima de colaboração positiva (É assegurada ao sujeito a confidencialidade e o uso exclusivo da informação para fins científicos).

- Descrição do actor

Incluem-se aqui recolha de dados socio-demográficos, por um lado, e de dados biográficos por outro, que permitam reunir um “retrato” do actor. Fixam-se também singularidades que contribuam para individualizar o sujeito entrevistado.

- Contextos de sociabilidade e ocupação de tempos livres

- Que contextos estão associados ao convívio com pares e aos tempos livres? O lazer nocturno - Quais as preferências de lazer nocturno? – espaços, ambientes, estéticas musicais ou de outro tipo, da sua preferência. Atractividade da noite – Que aspectos da noite são privilegiados e que motivam a sair.

- A vivência do Concentrador Juvenil

Exploração da frequência de idas à Baixa, dos períodos em que essas idas se consumam, de locais específicos preferencialmente escolhidos, e associação de diferentes períodos da noite a diferentes locais do concentrador.

Exploração do que atrai os jovens àqueles locais - o porquê do afluxo dos jovens a este espaço urbano

- Ocupação do Tempo - Exploração de dinâmicas e práticas juvenis – o que se faz na Baixa?

- Pertença a Grupaldades e Estilos (com os quais haja identificação ou que considere encontrar no espaço) Possibilidade de Associação de Grupaldades a diferentes espaços.

- Percepção e discursos da Droga - O modo como o consumo é encarado

- De que modo o consumo se articula com os espaços - Percepção da acessibilidade

- No caso de utilizador de drogas – exploração do nível do acto: Tecnologias de ingestão (via de consumo; parafernália de uso); E do nível do significado – expectativas e efeitos associados às diferentes substâncias. Condições que rodeiam o consumo: contextos e espaços de uso/estéticas musicais; associação a pares; instrumentalidade do uso.

Anexo 2 – Breve descrição dos actores entrevistados

Actor M. – 21 anos, sexo masculino, natural do Porto. M. Encontra-se a frequentar o Ensino Superior, no 1º ano, na Faculdade de Belas Artes e a trabalhar ao fim de semana no horto do pai. O sujeito reside com a mãe e um primo na área metropolitana do Porto (Águas Santas). M. vê no convívio com pares o mote para uma vivência juvenil intensa. É um amante de festivais de música e de saídas nocturnas na cidade do Porto, ressaltando o gosto por estar na rua a conviver e por frequentar pequenos bares em detrimento de discotecas. O consumo de drogas surgiu na sua vida como curiosidade, encarando-o, agora, como promotor de *“potenciação de diferentes experiências, algumas associadas à música”* e outras como forma de alargamento dos sentidos - como o próprio dizia *“gosto de ir além de mim, de transpor os limites que habitualmente conhecemos”*.

Actor P. – 22 anos, sexo masculino, natural do Porto. P. encontra-se a trabalhar numa empresa de trabalho temporário, tendo suspenso recentemente a matrícula no curso de Marketing. P. reside com a mãe e o companheiro desta no concelho do Porto. É um apaixonado pela cidade e vê na Baixa o contexto ideal para *“sair, estar com os amigos, beber, viver momentos de loucura, mas também de conversas sérias”*. Para ele, *“as drogas fazem parte do mundo, da sociedade e da pessoa que sou... Não são mais do que formas de se viver cenas diferentes. Desde que se tenha cuidado e se saiba limites, pode-se conseguir experimentar sensações estrondosas”*.

Actor F. – 19 anos, sexo feminino, natural do Porto. F. encontrava-se, no momento da realização da entrevista, a preparar-se para os exames nacionais, objectivando ingressar no ensino superior. Reside com os pais e o irmão no concelho do Porto. Assume-se como alguém que gosta da noite, encarando os espaços recreativos de lazer nocturno como via para *“fugir à rotina e conseguir a libertação que o dia não permite”*. Afável e descontraída, gosta de viver a vida a um ritmo lento, *“sem grandes stresses ou preocupações”*. Experimentou cannabis pela primeira vez na escola e desde aí que vê o seu uso como apaziguador e gerador de um clima de relaxamento e socialização.

Actor R. – 23 anos, sexo masculino, natural do Porto. R. possui como habilitações literárias o 12º ano de escolaridade e está desempregado. Reside com os pais na área metropolitana do Porto (concelho da Maia). Tem o café perto da sua residência como a sua *“segunda casa”*, constituindo-se este o ponto de encontro com o seu grupo de pares. Com

eles costuma *“tomar um café para conversar, beber um copo ao Porto, jogar futebol, fazer desporto ou ir passear”*. Gosta preferencialmente de frequentar bares e sítios ao ar livre *“Bares calmos, com música e que dê para falar”*. Quanto ao consumo de drogas, confidencia *“Foi só para experimentar. Não curti, não foi uma coisa que gostasse”*.

Actor C. – 23 anos, sexo feminino, natural de Matosinhos. C. encontra-se a frequentar o Ensino Superior, Mestrado em Educação na Universidade do Minho. Habita com uma irmã na área metropolitana do Porto (concelho de Matosinhos). C. revelou-se bastante comunicativa ao longo de toda a entrevista, salientando o seu gosto pela frequência nocturna na Baixa do Porto. Para ela é *“óptimo porque quer dizer que a tua cidade tem espaço para toda a gente... porque podes sair tendo a vida que tiveres, o estilo de vida que tiveres e a tua cidade tem espaço para ti, há espaço para todos”*.

Actor J. – 21 anos, sexo masculino, natural da Póvoa do Varzim. J. frequenta o curso de Direito e reside com os pais na zona metropolitana do Porto (concelho de Gondomar). J. preza a vida boémia e vê o lazer nocturno como oportunidade para se divertir, mas também para estar com o grupo de pares em momentos de descontração e *“relaxamento puro”*. Uma *badtrip* mudou o seu modo de encarar o consumo de drogas, ainda que, de um modo genérico e *“impessoal”*, o considere *“prática comum e normal entre os jovens de hoje”*.

Actor D. – 24 anos, sexo masculino, natural do Porto. D. concluiu o curso de Engenharia e encontra-se actualmente à procura do seu primeiro emprego. Habita com os pais na zona metropolitana do Porto (concelho da Maia). Em termos de contextos de sociabilidade ressalta cafés, casas de amigos, espaços públicos dedicados aos jovens desde ruas, bares a discotecas, como o próprio refere *“todos os espaços propícios ao convívio”*.

Actor T. – 23 anos, sexo feminino, natural de Penafiel. T. encontra-se a frequentar o ensino superior na cidade do Porto, facto que a levou a deixar a sua terra natal e a vir residir na Baixa do Porto. T. leva a vida *“com um sorriso”* e vê no optimismo o seu lema vivencial. O facto de residir com colegas na Baixa resulta num conjunto de *“oportunidades para sair quando menos se espera, quando se quer e quando se combina... é só abrir a porta de casa”*. Assim, a noite propicia *“uma vivencia intensa da juventude e, também, da cidade. Porque é aqui que se sai e que encontramos os locais e ambientes que nos interessam e muita música também”*.

Actor I – 18 anos, sexo masculino, natural do Porto. I. reside com os pais no concelho do Porto e encontra-se a realizar melhoria de notas do 12º ano de escolaridade, com o intuito de atingir a média necessária para ingressar no ensino superior. I. vive “*cada dia como se fosse o último*”, procurando retirar “*o que há de melhor em cada momento*”. Os “*amigos, as saídas, a diversão, a música e experiências alternativas*” são, para I. os motes para uma vivência juvenil plena.

Actor H. – 22 anos, sexo feminino, natural do Porto. H. encontra-se actualmente a dividir casa com uma amiga no concelho do Porto e a trabalhar como lojista, possuindo como habilitações literárias o 12º ano de escolaridade. Considera-se uma jovem “*alternativa e diferente, com uma visão muito própria de ver o mundo*”. Para ela, a noite é “*magia*”, a cidade é palco de “*encontros com tudo e com todos*”, e o consumo de drogas é “*uma forma de ir mais além*”.

Actor A. – 20 anos, sexo masculino, natural e residente em Vila Nova de Gaia. A. concilia dois trabalhos em regime de part-time, um como operador de telemarketing e outro como repositor numa superfície comercial, possuindo como habilitações literárias o 12º ano de escolaridade. Bastante sorridente e comunicativo, o jovem partilhou um conjunto alargado de vivências relativas à experiência do lazer nocturno e ao início relativamente recente na experiência com psicoactivos. A. considera sair à noite desde muito cedo, embora as saídas para a Baixa se tenham consubstanciado nos últimos dois anos. O consumo recreativo de drogas é para ele “*parte de uma saída nocturna, em que o espaço em que se está irá influenciar essa opção e as pessoas com quem se está também*”.

Actor B. – 22 anos, sexo feminino, natural do Porto. B frequenta o ensino superior e reside com os pais na área suburbana do Porto (Concelho de Valongo). A dimensão convivial com pares revela-se fundamental na sua vida, considerando que o sair à noite é sempre um acto partilhado com amigos, portanto, grupal. Privilegia sobretudo locais abertos, onde possa estar a conviver, sem muito barulho ou muita confusão. Encara o consumo de drogas no sector juvenil com apreensão, deixando patente considerar que “*cada vez mais os jovens encaram as drogas de forma muito leviana, para mim até de mais, mas no meu caso, até o cheiro me incomoda um pouco, bem como o à vontade com que consomem*”.

Anexo 3 - Grelha de análise de conteúdo

Categorias	Subcategorias
A noite	Simbolismo
	Atractividade
	Vivência nocturna
A Baixa como concentrador juvenil	O Tempo (Frequência e Períodos das idas à Baixa)
	Os espaços (Lugares de encontros juvenis privilegiados; Associação de diferentes períodos da noite a diferentes locais do concentrador)
	Atractividade (Afluxo juvenil: a espaços abertos – ruas, praças e esplanadas; a espaços fechados – bares).
Ocupação do Tempo	Comportamentos
	Significados
Papel do concentrador para a economia psicológica dos sujeitos - Sensibilidades Juvenis	Estilização e identificação
	Grupaldades e apropriação espacial
	Categorizações
Carácter atractivo do concentrador nocturno e o consumo de drogas	- Percepção das drogas
	- Propiciação do consumo
	- Experimentação
	- Acessibilidade à droga
	- Associação droga/espaços
	- Associação droga/música
Práticas de Consumo	- Nível do Comportamento
	- Nível das Significações

Anexo 4 - Exemplos de algumas letras de música reggae associadas a psicotrópicos, nomeadamente à cannabis

Nota: As letras foram retiradas de websites. Algumas possuem termos da gíria do reggae que poderão não ser perceptíveis. Outras surgem em Inglês, com mistura de dialectos Jamaicanos. Outras ainda estão escritas de acordo com o modo como são cantadas pelos autores (fonética).

Sizzla - Smoke Marijuana

Yea (herbalist) smoke all day

Let music keep on play
Sometimes the things you need in life may be difficult
Not all the time its gonna be easy
A so it go
Smoke the marijuana and get high
Stay above the wicked and fly
I'm feeling so very good about myself
Babylon ain't feeling good damn thats there problem
I smoke the marijuana and get high
Stay above the wicked and fly
Ah when I've got problem at home domestically
And my girl she just wanna quarrel me
I smoke the marijuana and get high
Stay above the wicked and fly
Love is the order of the day you better find it
I'm a big man I put my problems behind me
I smoke the marijuana and get high
Stay above the wicked and fly

Cause I'm so confident in myself
Theres nothing nor no one that could get to me
Not even the damn system so listen properly
Right now I'm merry and cherry and living happily
If those Babylonians mess with us today the music a play
I smoke my problems away
Me an couple of my friends were just chilling on the corner
Listening to the music from Jamaica to Bahamas
Yea we decided to go link the farmer
Need something for the brain it's the marijuana
Happy as a lord when the good vibes stir up
When the chanting start you get burn you few corrupt
We smoke all day an still we got the herbs or a ?

Dont you Babylon erupt
We give thanks for this day we keep the meditation
Music and more music we burn the pagan
No if no buts no arguments
Marijuana is my only sacrament

I smoke the marijuana and get high
Stay above the wicked and fly
Smoke the marijuana and get high
Give thanks and praise ises high

All when Babylonians going down
Rasta man still request a hundred pound
Blaze up the chalice and we pass it around
And if I'm a by myself I go smoke it alone
We got the skunk to make u drunk it make u rock it makes you bounce
We got the diesel the easel we go enough for the people
We got the hydro to rise you
Smoke and get wiser
Chalice hafe blaze we smoking purple haze
Smoke the marijuana and get high
Stay above the wicked and fly

Sometimes the things you need in life may be difficult
Not all the time its gonna be easy
A so it go
Smoke the marijuana and get high
Stay above the wicked and fly
I'm feeling so very good about myself
Pagans aint feeling good thats there problem
I smoke the marijuana and get high
Stay above the wicked and fly
Ah when Ive got problem at home domestically
And my lady just wanna quarrel wit me
I smoke the marijuana and get high
Stay above the wicked and fly
Love is the order of the day you got to find it
Im a big man an I put my problems behind me
I smoke the marijuana and get high
Stay above the wicked and fly

Alborosie - No Cocaine

Marijuana..
Ganja farmer..

No coca, no coca, no coca inna mi brain.
No coca and nuh ero inga go inna mi vein.
'Cause I love (marijuana)
Cah man a real (ganja farmer)

No coca, no coca, no coca inna mi brain.
No coca and nuh ero inga go inna mi vein.
'Cause I love (marijuana)
Cah man a real (ganja farmer)

Well puppa go a England, go and check Rodigan
Puppa pass through all a di herb mi a nuh rub-a-rub skunk.
Likkle afta puppa general inna brigstone.
Puppa look some tom tom dung inna brigstone.
Puk up 'pon di gal puppa nom Brigitte Shelly Ann,
Shelly Ann tell her side that fi piss and galang.
She love puppa ?? full a charm and passion,
Puppa try fi long di baseline 'pon di version one.
Likkle crack head bacy come check come crack head ??
Him want fi sell puppa some coke ??
Puppa licking ?? and kicking outta England,
Puppa general a Rasta so a straight ganja plant.

No coca, no coca, no coca inna mi brain.
No coca and nuh ero inga go inna mi vein.
'Cause I love (marijuana)
Cah man a real (ganja farmer)

No coca, no coca, no coca inna mi brain.
No coca and nuh ero inga go inna mi vein.
'Cause I love (marijuana)
Cah man a real (ganja farmer)

Well puppa Congo ital ragamuffin hartical.
Puppa work with motherland, puppa nuh touch chemical.
Puppa nuh move sideways, puppa cyan go vertical.
Puppa a spep 'pon di flat puppa ??
Puppa neva take coke, puppa neva take pills.
Puppa neva smoke plastic, sensi straight from di hills.
Puppa no like coca-cola, mi no talk 'bout Angola.
From St. Elizabeth to Pola a di best ganja 'bout yah.

No coca, no coca, no coca inna mi brain.
No coca and nuh ero inga go inna mi vein.

'Cause I love (marijuana)
Cah man a real (ganja farmer)

No coca, no coca, no coca inna mi brain.
No coca and nuh ero inga go inna mi vein.
'Cause I love (marijuana)
Cah man a real (ganja farmer)
No deh 'pon coca corna shop, mi nah go inna coca bar
Mi na go par wide ??? lontana rather a Pablo Escobar.
Mi na go sniff on di rack, mi na go swallow di crack.
Mi na no business with Colombians, but mi love Bogota.
Mi na go mingle with no coke head,
Mi na go outta with white snow.
Mi nah go inna white house, memba puppa seh.
So puppa no black, puppa no white, puppa no yellow, yellow.
Puppa ruff, puppa tuff, puppa no mellow, mellow.

No coca, no coca, no coca inna mi brain.
No coca and nuh ero inga go inna mi vein.
'Cause I love (marijuana)
Cah man a real (ganja farmer)

Ras boti - Ganja

Mis ojos rojos llevan tu marca
Mi boca seca lleva tu esencia
Mis dedos verdes suaves caricias
Y la llama eterna nos ilumina

Mis ojos rojos llevan tu marca
Mi boca seca lleva tu esencia
Jah vicaña eh!!! Acompañantes en tu vida

Hooy como cada día
Serás la cura que devuelva mi alegría
Regálame...toques de sabiduría
Formas de apoyo en mi rebeldía
Hoooy quiero luchar contra aquellos que apoyan
Que jah es ilegal mundo y planta medicinal
Hombres y mujeres
Curados por tu bien
Oh!! Ganja
Acompañante de mi alba Mann
Oh!!! Ganja
Diosa reina...dueña y amada
Woo Ganja mi indicación te acompaña
Woo Ganja escucha si!

Serás mi eterna compañera
Te besare bajo el sol y las estrellas
Maestra de mis libres pensamientos
Y dueña de agradables sentimientos
Enamorado por tu sencillez
Patitos de cartón y vestidos de papel
Woioioioioioio tu tienes el poder
De tu sabor nunca me escapare
Mis ojos rojos llevan tu marca
Mi boca seca lleva tu esencia
Mis dedos verdes suaves caricias
Y la llama eterna nos ilumina

Mis ojos rojos llevan tu marca
Mi boca seca lleva tu esencia
Jah vindicaba en tu vida te acompaña
Mis ojos rojos
Mis ojos rororororororijos

Y vida eterna Pa. Nuestro lazo de unión
A mi sangre a mi cabeza
Pa. 'mi corazón
Nuestro grito de guerra
Hacia Babylon
Santa marihuana legalización
Y observa nubes de humo
Respeto sociedades de consumo
Esquiva pa. ti tu triste conformismo
Y trata a tu persona con un trato digno
Y Woo Ganja
Acompañante de mi alba Mann
Woo Ganja diosa, reina dueña y amada
Woo Ganja Jah indica ya indicación
Te acompañaaaooo en cada momento de tu viida

Mis ojos rojos llevan tu marca
Y Woo Ganja
Mis ojos rojos levan tu marcaaaaa

Ras Matthew - Ganja In My Brain

Ganja in my meditation, Ganja in my brain,
Ganja will take away my stress and strain,
Ganja in my meditation, Ganja in my brain,
Marijuana take away my stress and pain,
Ganja in my meditation, Ganja in my brain,
Marijuana take away my stress and pain,
Ganja is the medication, Ganja is the cure,

Police have been fighting Marijuana for sure,
 Purify me heavens and make me feel pure,
 Hundred ways to Cali
 Ganja in me meditation, Ganja in my clothes,
 No offence I'm smokin Marijuana around you,
 Ganja in me daily, Ganja me currency,
 Ganja is the currency and daily bread,
 Give me revelation is the stuff which gets to my head and it's been growing so long that's
 why we call it love spread,
 Ganja for the living and it not for the dead, couple puffs of smoke before me go onto bed,
 Give praise to Jah and shake out me dead,
 Ganja Weed Cali, Eh,
 Ganja in me meditation, Ganja in me brain,
 Marijuana take away my stress and pain,
 Ganja is the medication, Ganja is the cure,
 Police have been fighting Marijuana for sure well,
 Ganja in me meditation, Ganja in my brain,
 Marijuana take away my stress and pain,
 Well Ganja is the medication, Ganja is the cure
 Police have been fighting Marijuana for sure well,
 Ganja is my sword from Solomons grave,
 I think
 Ganja in my head that are not quite the same,
 Same family, Same plant, Different name,
 Jamaica's love spreads calling Ganja,
 America's people smoke Ganja in the car,
 I'm not gonna stop smoking my herbs, well,
 Am I gonna stop? NO
 I'm not gonna stop smoking my herbs,
 If they get me in touch with the Earth,
 Make me give thanks for what life is worth,
 Two-Hundred trees, sweet trees blowing in the breeze,
 When I look out to my yards and fields,
 That's how I feel, it's so real,
 So good I feel, gaze out from my window seat, keeping what I sow,
 To the
 Two-Hundred Cali trees there blowing in the breeze,
 Ganja in my meditation, Ganja in my brain,
 Marijuana take away my stress and pain,
 Ganja in my meditation, Ganja in my brain,
 Ganja take away my stress and me pain,
 Ganja is the medication, Ganja is the cure,
 Police have been fighting Marijuana for sure,
 Purify my heavens and make my thoughts pure,

Hundred way
Ganja in me daily, Ganja in my clothes,
No offence I'm smokin Marijuana around you,
Ganja is the currency, Ganja daily bread,
Give me
Ganja for the living and it not for the dead,
Couple sniff of Cali before me go to bed,
Make me shake up me
Ganja is my currency, Ganja daily bread,
Give me the Marijuana let it get to my head,
Ganja is my meditation, Ganja in my brain,
Marijuana take away my stress and pain,
Ganja is the medication, Ganja is the cure,
Police fighting Marijuana for sure,
Jamaica's love spreads calling Ganja,
America's people smoke Ganja in the car,
I'm not gonna stop smoking my herbs, If they get me in touch with the Earth,
Make me give thanks for what life is worth,
Two-Hundred Ganja trees there blowing in the breeze,
Hundred Weed Trees blowing in the breeze when me look out to yard and me field,
As I gaze out from my window seat, it's so real so good that I feel, keeping what I sow,
To the watching Ganja grow well,
Ganja in my meditation, Ganja in my brain,
Marijuana take away my stress and pain,
Ganja is me medication, Ganja is the cure,
Police fighting Marijuana for sure,
Cause it purifies my heaven and make my thoughts pure,
Ganja Cali Weed
Ganja in me daily, Ganja in my clothes,
No offence if I'm smoking Marijuana around you,
Ganja Weed is the currency and the daily bread, sweet Ganja get to my head,
And Say, Give me the Marijuana
Jamaica the love spreads calling Ganja, America the people smoke Ganja in the car,
I'm not gonna stop smoking my herbs, If they get me in touch with the Earth,
Make me give thanks for what life is worth,
Two-Hundred Weed trees blowing in the breeze,
Ganja in me meditation in my brain,
Marijuana take away my stress and pain.